

**REVISTA
DOS
CRIADORES**

59 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA
MAIÇO DE 1990 - ANO LIX - Nº 722 Cr\$ 320,00
ÓRGÃO OFICIAL DA ABC

LEILÃO

9º **Marca Taça**

FAZENDA INDIANA LTDA.
(72 anos de seleção)



UBERABA — MG 3/5/90 — 20h
TATTERSALL VR

CONVIDADOS:

Barba — Agrícola e Comercial S/A
Carvalho Peixoto
Cia. Agrícola Luiz Zillo & Sobrinhos
Fazenda Morro Vermelho
Fazenda UBAS Ltda.

Henrique G. Archilla
Julio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Ocaçu — Agrícola e Comercial S/A

SO LOTES DE MACHOS E FÊMEAS
NELORE PO E POI

Organização
ABC
PROGRAMA
(011) 825-6222

PECPLAN EMBRIÕES

Estamos reunindo em nosso Centro de Embriões, anexo à Central de Tecnologia em Uberaba-MG, a melhor genética do Zebu brasileiro. Ali já contamos com doadoras "Elite" de quase todas as raças e variedades. Abaixo, três das atuais doadoras que mostram a excepcional qualidade de nosso plantel.
Somente operamos com doadoras prenhes.



JOLIETE MJ DO SABIÁ

Nasc.: 02.08.84
Registro: CC-6010

Filha de "Faloon MJ do Sabiá" com "Fanfarra MJ", vaca do 1º time do plantel de exposições da Fazenda Sabiá. É neta paternidade Chummatce Taj Mahal I na linha baixa. Um excepcional fruto das linhagens Karvadi-imp. e Taj Mahal-imp. Seu 1º parto foi em 14.02.89 e está recém parida de Legat MJ, Grande Campeão Nacional em Uberaba/89.



ESPANHA POI DA 3 COX.

Nasc.: 07.09.82
Registro: BO-8

Filha de nova opção Palleru com Peet POI da Zeb-VR, vaca fechada na linhagem Karvadi-imp. Deixou 4 crias na 3ª Coxilha, onde integrou o programa de T.E. de janeiro/88 a janeiro/89. Foi Campeã Novilha em Naviraí-MS.



SAIA DA CAL.

Nasc.: 07.01.79
Registro: U-4801

LACTAÇÕES:
03-02 2x 365d 2.883kg 5,27% 152kgG-LM
07-02 2x 332d 3.647kg 5,21% 190kgG
Eficiência Reprodutiva
1º Parto aos 3 anos e 1 mês.
Já teve 4 crias com intervalo médio de 550 dias

LINHAGENS "KRISHNA", "SAKINA"
E "VIRBAY" CONSAGRADAS NO GIR BRASILEIRO
POR IMPRIMIR ELEVADA PRODUÇÃO
E FERTILIDADE.

PARA AGREGAR AO SEU PLANTEL A MELHOR GENÉTICA EM ZEBU

MATRIZ - Cidade do Deus - Vila Yara - Osasco - SP - CEP 06020 - Fone: (011) 704-5244 ou 701-9152
- Telex: (011) 74219 RODE - Fax-Simil: (011) 701-4525
CENTRAL DE TECNOLOGIA:
UBERABA-MG - Rod. BR-050, km 105 - Pac. São João - CEP 38100 - Fone: (034) 336-5177 -
Telex: (034) 3321 - Fax-Simil: (034) 336-5871
NÓDULO DO SUL-ES - Rod. BR-158, km 808 - Cx. Postal 120 - CEP 91380 - Fone: (051) 231-2301 -
Telex: (051) 3724 - Fax-Simil: (051) 231-2028

**PECPLAN
BRADESCO**
INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

MOMENTO AGROPECUÁRIO

O CONTEXTO DE MERCADO DA PRODUÇÃO AGROVEGETAL

Dentre os principais produtos que compõem o grupo de culturas cerealistas e oleaginosas, a produção mundial da safra 89/90 deverá apresentar um crescimento de 1,5%, em relação ao período anterior. Isso pode ser verificado na tabela ao lado, que faz a avaliação efetuada pelo Departamento da Agricultura dos Estados Unidos, divulgado em 09 de fevereiro último.

É importante destacar que o algodão constitui o único produto com variação negativa na produção. Todos os demais produtos terão aumento no volume da colheita. O milho representa a lavoura com maior aumento de safra, na ordem de 15,4%.

Quanto ao estoque mundial, projeta-se uma redução de 7,3%, comparativamente a safra 87/88, situando-se em 287,9 milhões de t. Tal quantidade é prevista para primeira semana de outubro próximo, quando inicia a colheita norte-americana da safra 90/91.

Tendo em vista que esses números, a curto prazo, não estão sujeitos a mudanças significativas, espera-se uma oferta regular para atender a demanda. Nesse sentido, as cotações internacionais tenderão a permanecer em patamares estáveis. Alguma surtida poderá ocorrer, como por exemplo, no caso da incidência de problemas no plantio da safra 90/91 dos Estados Unidos, durante o transcorrer do segundo trimestre.

Diante de tal contexto, e considerando escassez de recursos para o crédito rural, principalmente nas linhas de custeio e comercialização, tem-se que, o mercado, por si só, não será suficiente para impulsionar o desenvolvimento da produção agrovegetal, a nível de Brasil, em 1990.

Veja ao lado do grupo de exportação, onde destacam-se, dentre os cereais e oleaginosas, o algodão e a soja. A conjuntura que envolve esses dois produtos é diferente, já que:

- no algodão, os preços internacionais tendem a continuarem firmes. A queda na oferta dos EUA, China e Argentina provocaram redução nos estoques. Isso abre boa perspectiva comercial para a safra nacional, que teve expansão de área
- no complexo soja, o resultado recorde

das exportações de 1989 será menor. A safra terá uma redução de 3 milhões de t, sem compensação nos preços. Isso porque a Argentina, principalmente, deverá colher uma grande safra.

Nas lavouras dedicadas os produtos negociados no mercado interno, como arroz, feijão, milho, pasará, em muito, dois fatores: 1) a disponibilidade de recursos, a custos suportáveis, para comercialização; 2) a política econômica a ser adotada pelo governo Collor.

De um modo geral, esses três produtos enfrentaram em 1989 uma grande queda de preços. No milho, os preços apresentaram uma queda real de 38%, comparada a igual período do ano anterior. O feijão de cores e o arroz, respectivamente, tiveram uma baixa real de 32,6% e 5,6%.

Um fato concreto para a safra 89/90 é a de que a área plantada de cereais e oleaginosas caiu 4,5% na região Centro-Sul. Isso poderá permitir uma recuperação nos seus preços, desde que haja apoio na política de crédito e preços mínimos. Caso contrário, dificuldades maiores existirão no plantio da safra 90/91.

Cabe ainda traçar uma breve análise sobre o café, cacau, açúcar e laranja. No caso do café e cacau, há poucas chances de recuperação dos preços, já que o mercado mundial registra excedente na oferta. E, quando a produção é maior que a demanda, inchando os estoques, os preços não resistem e caem. Somente a médio prazo, após os ajustes necessários, espera-se alguma reação mais consistente nas cotações.

No açúcar, as cotações internacionais estão em alta. Porém, assim como falta o produto no mundo, o mesmo ocorre no Brasil. A produção nacional teve quebra de 20% em 1989, e, se tudo correr bem neste ano, a matéria-prima colhida estará ajustada para atender com aperto o mercado interno de açúcar e álcool.

Na citricultura, com as geadas ocorridas na Flórida na passagem de 1989 para 1990, o quadro comercial mudou substancialmente. A situação ficou mais equilibrada, depois de um péssimo prenúncio, já que as indústrias tinham faturado até meados do segundo semestre de 1989, em relação a 1988, a 10% a menos, apesar de terem vendido 24% a mais.

ESTIMATIVA MUNDIAL DE GRÃOS (*)
(em milhões de toneladas)

	Produção				Estoque final			
	Safra 1989/90		Safra 1988/89		safra 1989/90		safra 1988/89	
	(A) 9 fev.	11 jan.	(B) 9 fev.	% A/B	(C) 9 fev.	11 jan.	(D) 9 fev.	% C/D
Total de grãos	1.675,8	1.670,4	1.557,0	7,3	287,9	287,4	310,3	-7,3
Trigo	555,2	553,9	511,3	7,0	114,8	114,8	117,9	-1,4
Arroz (beneficiado)	339,6	334,8	227,5	3,1	51,1	49,2	47,2	8,3
Grãos Forrageiros	600,0	601,6	729,3	9,8	120,5	123,4	145,4	-17,1
Milho	480,1	481,6	310,6	15,4	72,0	75,0	87,4	-17,6
Soja	107,2	107,5	95,0	12,8	20,2	20,4	17,7	14,1
Farofa de soja	69,28	69,47	63,92	8,37	2,63	2,67	2,82	-6,7
Óleo de soja	15,74	15,83	14,54	8,10	1,07	1,01	1,65	-11,4
Algodão **	79,3	80,4	74,3	-5,9	24,7	24,9	30,9	-20,1

* em milhões de toneladas de 480 libras

** Feito pelo Departamento da Agricultura dos Estados Unidos (USDA)

MERCADO DE PRODUTO

BOI GORDO

SUÍNOS

	BRASIL	1987 (1.000 t)	1988	1989 (*)	BRASIL	1988 (1.000 t)	1989(*)	1990(**)
BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA	Est. Inic.	20	20	15	Produção	950	950	950
	Produção	2262	2447	2646	Importação	4	60	25
	Importação	155	4	130	Exportação	20	14	25
	Exportação	321	578	350	Consumo Int.	934	996	950
	Consumo Int.	2116	1893	2441	Fonte: IBGE			
	Fonte: IBGE				(*) Preliminar (**) Estimativa			
	(*) Preliminar							
MERCADO	-Aumento na demanda com o término do período de férias. -Abate de gado nos matadouros estão reduzidos, face a atitude do pecuarista em manter boi no pasto.				-Frigoríficos forçam alta dos preços para manter paridade com as demais carnes e o custo da produção. -Oferta de animais prontos segue regularmente.			
POLÍTICA INSTITUCIONAL	-Febre Aftosa é o maior obstáculo para que Mato Grosso entre no Mercado Comum Europeu. -Constatado a presença da mosca do chifre nos estados centrais no país.				-Associação Brasileira dos Produtores de Suínos entrega documento ao governo abordando questões como política tributária critério de importação e custos de transporte da ração. -Tratam-se de três questões que têm atrapalhado o desenvolvimento da criação no país.			
TENDÊNCIAS RELEVANTES	-Avanço no período de safra poderá acarretar pressões de oferta. -ABTEC estima que as exportações deverão alcançar 350 mil t. neste ano.				-Associação Paulista de Produtores de Suínos estima que a produção de carne de suínos não ultrapasse a 1 milhão de t., ou seja, o mesmo volume de 1989.			
GRÁFICOS	SP- PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES				SP- PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES			

ANUÁRIO DOS CRIADORES E AGRICULTORES
(Ex - Agenda dos Criadores e Agricultores).

Há 15 anos cooperando com o produtor rural para uma perfeita escrituração e controle de seus negócios. Circulação da edição de 1990 em 30 de Novembro, próximo.
Pedido de reserva e informações:

EDITORA DOS CRIADORES LTDA

Rua Venâncio Aires, 31, Tels.: (011) 263-8314 e 871-0317.
Cep 05024 - São Paulo - SP

MERCADO DE PRODUTO

FRANGO

SOJA

MILHO

BRASIL	1988 (1.000 t)	1989(*)	1990(**)
Produção	1954	2079	2170
Exportação	237	240	290
Cons. Int.	1717	1839	1880

Fonte: APINCOVABEF
(*)Preliminar (**)Estimativa

EUA - MT	88/89 (1.000 t)	89/90(*)
Est. Inicial	8,2	4,9
Produção	42,1	52,4
Consumo	31,0	32,5
Comércio	14,4	15,7
Estoque Final	4,9	9,1

Fonte: USDA
(*)Projeções

BRASIL (MT)	87/88	88/89
Est. Inicial	2,8	3,4
Produção	26,4	24,4
Disponibilidade	29,2	27,8
Consumo	25,8	26,7
Est. Final	3,4	1,1

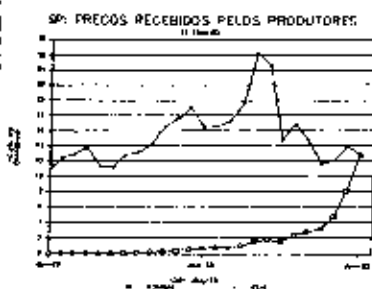
Fonte: CFP
(Fev/90)

-Estimativas preliminares do ginto apontam um alojamento de pintos da ordem de 130 milhões de cabeças para março.

-Deixar estoques nos supermercados e demanda firme no varejo dão firmeza aos preços.

-Pelo formado por quatro frigoríficos (Sadia, Chapéu, Perdigão e Aurora) firmam exportação de 35 mil t., de frango inteiro para a União Soviética.

-Associação Paulista de Avicultores estima que o Brasil exporte neste ano 290 mil t. Em 1989 foram embarcadas 240 mil t.



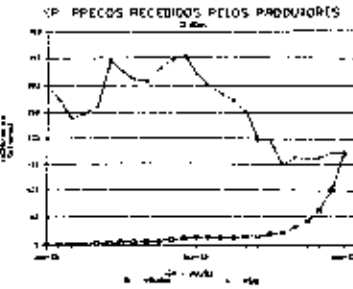
-Negócios vivem momento de pouca atividade, as expectativas de uma correção cambial via maximização.

-Governo estuda volume da soja paraguá que poderá ser exportada pelos portos brasileiros em 1990.

-Em 1989, a soja de exportação paraguá foi de 860 mil t. A colheita do país foi de 1,4 milhão de t., sendo metade para exportação.

-Indústrias japonesas deverão comprar cerca de 900 mil t. de soja brasileira, contra 740 mil t. em 1988.

-Os japoneses importam 4,3 milhões de t. por ano. Os EUA têm fornecido 80% desse volume.



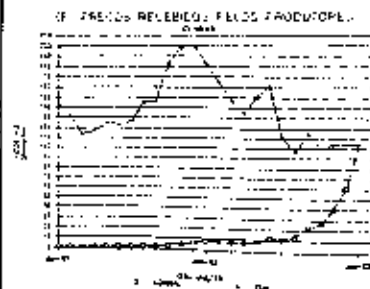
-Entrada da safra nova ainda é pequena com as indústrias de rações e criadores trabalhando com estoques baixos.

-Preços de intervenção definido para março:

- 14,28 BTN's

-Governo pode reajustar preços mínimos da safra 89/90 cerca de 25% acima da correção da BTN.

-Importações poderão chegar a 2 milhões de t. no segundo semestre.



EDITORA DOS CRIADORES

Publicações Periódicas: REVISTA DOS CRIADORES, LIVRO DOS CRIADORES (Ex - Agenda), e ANUÁRIO DOS CRIADORES.

LIVROS: GADO NELORE, 100 anos de seleção, Criação de Búfalos no Brasil, Crescimento e Reprodução em Gado Neloire, Exploração Leiteira, Manual de Controle de Produção Leiteira, Reprodução, Alimentação e Outros.

Livros em branco: Caderno de Contabilidade - para escrituração da empresa rural.

Impressos Padronizados - Recibos e contratos usados na agropecuária.

Rua Venâncio Aires, 31, Tels.: (011) - 263-8314 e 871-0317 - Cep 05024 - São Paulo - SP.

MENOR PRESSÃO NA ARMAZENAGEM A QUEDA NA SAFRA.

Os investimentos em infra-estrutura de armazenagem ficaram bem reduzidos nesses anos recentes, quando a economia brasileira passou a conviver com muita instabilidade. Nessa perspectiva, havia muita preocupação, já que o crescimento da produção de grãos no triênio 1987/88/89, vinha em ritmo mais intenso do que a expansão da capacidade de armazenagem.

No entanto, tendo em vista que a produção brasileira de cereais e oleaginosas na safra 89/90 sofrerá queda, em relação anterior, pelo menos, por ora, fica descartada a possibilidade de um estrangulamento no setor de armazenagem. Como se sabe, de acordo com a CFP, o país deverá produzir nesta safra cerca de 55,0 a 58,3 milhões de t., que representa uma queda de 7% a 9%, quando comparado com a safra 88/89, de 71,4 milhões de t.

Em 1989, com 17.414 unidades armazenadoras, o Brasil dispunha de uma capacidade estática de armazenagem, a ambiente natural, da ordem de 72,7 milhões de t. Esse volume passa para 66,2 milhões de toneladas, quando se excluem os depósitos, que colocam em risco parcela significativa dos produtos nele depositado. Em termos de capacidade dinâmica a armazenagem total corresponde a 101,8 e 92,7 milhões de t., respectivamente, com e sem os depósitos (Quadro 1).

Ainda assim, é oportuno que sejam considerados os problemas sofridos em safras passadas, devido as dificuldades na

rotatividade dos produtos e com o fato de cerca de 73% da capacidade de armazenagem do país estar concentrada nas regiões Sul e Sudeste (Quadro 2). Isso por diversas vezes, ocasionou perda de parte significativa da produção.

Um entrave sério para este ano, certamente continuará sendo o custo de manutenção dos estoques reguladores. Essa despesa, e mais o custo do produto estocado, poderão tornar a desova dos estoques com um preço invendável. E, dessa maneira não atender a finalidade básica dos estoques reguladores, que é a de estabilizar os preços nos mercados atacadistas e varejistas, controlando o fluxo de mercadorias.

O simples fato de termos uma safra atípica em 1990, não justifica a continuidade

da política de baixos investimentos, nos projetos que visem expandir e aperfeiçoar a capacidade de armazenagem do país.

No mais breve possível, necessariamente a produção brasileira de grãos terá de voltar a crescer, sendo que, o setor de armazenagem deveria estar preparado para tal. Trata-se de uma infra-estrutura de fundamental importância para o setor privado na medida em que garante o suprimento de sua própria indústria e para o produtor rural, pois permite que este retenha parte de sua produção, vendendo-a na época em que o mercado ofereça condições mais vantajosas de comercialização. Isso tudo, sem considerar a relevância de armazenagem na política de produção e abastecimento do governo.

Quadro 2

Capacidade Estática de Armazenagem (a ambiente natural) por Região em 1989.

Região	Unidades	Capacidade (mil t)	Participação (%)
Centro-Oeste	2832	14.964,7	20,6
Nordeste	1937	4.199,4	5,8
Norte	265	647,9	0,9
Sudeste	4063	17.971,8	24,7
Sul	8317	34.893,0	48,0
Totais	17414	72.676,9	100,0

Fonte: CIBRAZEM

Quadro 1

Brasil: Orçamentário da Capacidade Estática (a Ambiente Disponível) em 1989

(Capacidade de 1.000 t)

Região	Armazém		Depósito		Estrutura		Silo		Graniteira		Total	
	Quant	Capac	Quant	Capac	Quant	Capac	Quant	Capac	Quant	Capac	Quant	Capac
Entidade												
Oficial	1.190	8.086	145	223	137	329	126	1.595	160	1.825	1.070	12.173
Pública	1.019	5.361	118	144	136	327	122	1.577	94	1.759	1.032	9.361
Privada	180	2.725	27	179	1	2	4	4	6	166	28	3.022
Constituinte	1.711	4.861	445	870	56	19	365	2.744	479	2.691	2.670	17.180
Privada	6.830	19.029	3.776	5.294	11	14	1.332	5.067	1.119	2.852	15.640	43.367
Indústria	564	2.008	361	698	1	3	212	1.631	112	1.296	1.250	5.878
Caceteiro	2.892	5.345	2.891	7.803	7	7	536	1.261	506	2.582	6.715	11.111
Indústria/Comercio	2.353	6.770	1.154	1.755	3	4	476	2.700	376	4.139	4.719	14.629
Gratuitas	902	5.496	193	473	-	-	90	975	289	4.034	1.450	11.739
Totais	9.361	27.026	4.314	6.560	158	362	1.873	10.398	1.756	23.401	17.914	72.678

Fonte: CIBRAZEM

REVISTA DOS CRIADORES

Fundada em 1930

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna

Editor: Luiz Carlos Moura, Engº Agrº

Arte e Produção: Prof. Diamantino da Silva

Colaboradores: Leovigildo Pacheco Jordão, Luiz Paulin Neto, Gastão Moraes da Silveira, Walter Battiston, F. Teatini, Fidelis Alves Neto, José Resende Peres, General Diogo Branco Ribeiro, Manuel José de Alcantara. Seção de Economia: Engº Agrº Luiz Antonio Pinazza e Engº Ivan Wedekin.

Departamento de Publicidade da Editora
Gerente: Luiz de Almeida Penna Filho
Coordenadora: Jacqueline N. Bomfim.

Fotolito Criadores S/C Ltda.
Gerente Responsável: Sílvia M. Penna de A. Moura.

Assinatura-anuidade - Com direito ao título de associado da ABC: BTN 75. Números atrasados, ao preço da última edição em banca. Publicação mensal

ISSN 0034-9259

Departamento de assinatura:
Gerência: Maria Nazareth de Castro Penna

Redação: Rua Venâncio Aires, 31 - São Paulo - SP - CEP 05024 - Fones.: 263-8314 e 871-0317 - Caixa Postal 1669 - End. Telegráfico "Criadores".

Gráfica e Fotolito próprios: Rua Venâncio Aires, 31 - São Paulo - SP.

Venda Avulsa: Rio de Janeiro - RJ. Guanabara Jornais e Revistas Ltda., Rua Antonio Ribas, 72 - Inhadma. Londrina - PR. Jornal - Com. Publ. de Jornais e Revistas Ltda., R. Minas Gerais, 61, Goiânia - GO. Jardim Distr. Publ. Ltda., R. 68 nº 521 - Centro, CEP 74.130. Fortaleza - CE. Distribuidora Edesio de Publ. Ltda. Rua General Sampaio, 692. Vacaria - RS. João Brizola, Rua Marechal Floriano, 360. Pouso Alegre - MG. Agência Rebelo Ltda., Av. Dr. Lisboa, 219, Assunção - Paraguai. Mayers Internacional, Casilla del Correo, 1416.

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.

REVISTA
CRIADORES

9ª Marca Taça



CONVIDADOS:

Senhor Antônio de Almeida Penna Filho
Senhor Luiz Carlos Moura
Senhor Luiz de Almeida Penna Filho
Senhor Luiz Antonio Pinazza
Senhor Ivan Wedekin



NOSSA CADA

A Fazenda Indiana convida para o 9º Leilão MARCA TAÇA em 30 de maio 1990 às 20 horas TETTER-SALL VR - UBERABA - MG.

18

33



MARÇO DE 1990 - ANO LIX - Nº 722

SUMÁRIO

- | | |
|--|---|
| 11 - Impasse na aprovação da Lei Agrícola. | 34 - Na agricultura alternativa, combustível pesa menos do que fontes biológicas. |
| 16 - Coutinho Nogueira, presidente do Jockey Club de São Paulo. | 62 - Leite de Búfala, agora tem preço mínimo. |
| 18 - O que pensa o novo presidente da Sociedade Rural Brasileira. | 77 - A sociedade auto suficiente. |
| 21 - A raça bovina Piemontesa e sua seleção na Itália. | 79 - Para aumentar a produção leiteira. |
| 23 - Convênio ABCZ/EMBRAPA - PARTE VII. | |
| 25 - "HANNOVERIANO" ou "HANOVERIANO" e "HANOVERANO" - como escrever ?... | |
| 28 - Manejo e uso de Campineiras | |
| 33 - Contingentes de boia-fria mostra queda em S. Paulo. | |

SEÇÕES

- | |
|-----------------------------------|
| 1 - Negócios Rurais |
| 8 - Ponto de Vista |
| 27 - Jersey |
| 35 - Crônica |
| 61 - ABCCA - Cavalos Árabe |
| 63 - MARCHIGIANA |
| 64 - Serviço do Controle Leiteiro |
| 66 - Produtos e Serviços |
| 75 - Expoleições |



(Ex-Associação Paulista dos Criadores de Bovinos).
Reconhecida como de
utilidade pública pelo Decreto
Estadual nº 33.811, de 20 de
outubro de 1958.

Registrada no Ministério da
Agricultura sob nº 35, com
jurisdição nacional

63 ANOS DE BONS
SERVIÇOS PRESTADOS
AOS CRIADORES



ASSOCIAÇÃO

DIRETORIA

Presidente
Joaquim Barros Alcântara Filho

Vice-Presidente
Ottávio de Mesquita Sampaio
Ruy Calazans de Araujo
Custódio Cabral de Almeida
João Antonio Camarero
Francisco Ferreira Guimarães Júnior

Secretários
Carlos Ramos Stroppa
Clarice Brito Soares

Tesoureiros
José Café
Guilherme Monteiro Junqueira

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente
General Osório Branco Ribeiro

Vice-Presidente
Alberto Chao Chao

Conselheiros Natos
João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Seymour Fagundes Gomes
Hélio Morara Salles
Renato Costa Lima
José Cassiano Gomes dos Reis
Joaquim Barros Alcântara Filho
Márcio Elpidio Pereira de Queiroz Filho

Conselheiros Eleitos
Antonio da Oliveira Pereira
Luiz Glycério Gracê de Freitas
Carlos Eduardo Vieira Ribeiro
Roberto Cano de Arruda
Vicente Martins Júnior
Carlos Alberto Juhn Lohmann
Geraldo Diniz Junqueira
José Luiz Bastian Corrêa
Adalberto José de Castilho
Mário Conetês Barbosa
Arnaldo Lima
Luiz Rondon Teixeira de Magalhães
Fernando Magalhães
Renato Napoleão
Fernando Euler Bueno
Fábio Garcia Meneses Júnior
Izabel Penitente Bastos
Armando de Moraes Barros
Pedro de Paula Leão Moraes
Carlos de Amaral Cintra
Rubens Motta Campos
Edson Benedito Montenegro
Luiz Baptista Pereira de Almeida
Francisco Jacintho da Silveira
Suplentes
João Carlos Guimarães de Oliveira
Luiz Antonio da Silva Mello
João Carlos de Almeida Braga

Williams Rapchen Benito
José Maria Fréguas
Dionísio Afonso Loat
Cícero da Tóledo Piza Filho
Alberto de Paula Leão Moraes
Elder Ribeiro Denias Filho
Claudio Sobral Canedo de Castro
Oswaldo Pereira Guimarães
Newton Ferreira da Silva

CONSELHO FISCAL
Eleitos
Assaído A. Pedro Carrero
Lúvil Veiga de Oliveira
Rader de Queiroz

Suplentes
José Acácio dos Santos
Antonio Tadeu Jallad
João Luiz de Freitas Brito

CONSELHO TÉCNICO DELIBERATIVO

Presidente
Roberto Cano de Arruda
Vice-Presidente
Luiz Antonio da Silva Mello
Secretário
Antonio Carlos Gouvêa

Conselheiros
Representante do Ministério da Agricultura
Med. Vet. Dr. Wanderley Antunes
Fidelis Alves Netto
Márcio José de Alcântara
Walter Espalada Bastian
Osmery Junqueira Dias
Carlos do Amaral Cintra
Fernando do Prado Renó
Fernando Gomes de Castro Júnior
Guthrie Langa Goulart

Comissão Regional do Rio de Janeiro
Presidente Custódio de Almeida
Vice Pres. Mário Canellas Barbosa
Secretaria Executiva Fernando Magalhães

SUPERINTENDENTE
Virgílio de Almeida Penna

Gerente Comercial
Antonio Carlos Turazzo

DEPARTAMENTO TÉCNICO
Gerente
Walter Caspary Bastian, Med. Vet.

Provas Zootécnicas e Registros
Ruy Cassio Toledo Zanardi, Eng. Agr.
Helena M. Ayrosa Galvão, Eng. Agr.

Assistência Técnica - Veterinária
Umberto A. Clemente Med. Vet.
Antonio Carlos Gouvêa Med. Vet.

CONSULTOR JURÍDICO
Plínio de Moraes Lima, Advogado

BRASILEIRA DE CRIADORES

SERVIÇOS PRESTADOS AOS ASSOCIADOS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Agronômica, Zootécnica, Veterinária e Jurídica

LABORATÓRIOS DE ANÁLISES

Exame de anemia infecciosa equina

[reconhecido pelo Ministério da Agricultura]

Exames de brucelose, mastite, tuberculose, sangue, fezes, etc.

Exames de sementes de produção própria ou adquiridas no comércio.

SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

45 anos de existência, de âmbito nacional. Mais de 260 rebanhos em controle, distribuídos pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Distrito Federal.

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA COMERCIAL

Sem finalidade lucrativa, o Departamento Comercial fornece tudo que o associado necessita para a sua fazenda. Mediante consulta prévia de preços, fornece, também, qualquer mercadoria que eventualmente falte no seu estoque.

REVISTA DOS CRIADORES

Publicação mensal de defesa dos interesses da classe, informações técnicas e econômicas sobre a situação e perspectivas do mercado agropecuário.

ANUÁRIO DOS CRIADORES E AGRICULTORES

Publicação anual para anotações diárias pessoais e de receita e despesa da empresa rural, criando condições para no fim do ano se fechar o balanço e fazer o respectivo inventário.

SÃO PAULO: Sede e Loja 1, Rua Jaguaribe, 634 - CEP 01224 - Tel.: (011) 826-3033 - 800-3746 - 800-3747. Caixa Postal 9194, Telex: 11 21003 ABIB-BR. Loja 2, Av. José Cesar de Oliveira, 175 - CEP 05312 - Tels. 831-7966, 800-7068 e 261-8498. Aberta até às 22 h. **RIO DE JANEIRO:** Loja 3, Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 e 3A - junto a Praça da Igrejainha - São Cristóvão - CEP 20931 - Tels.: (021) 264-7250 e 264-7255.

Os preços NÃO são para ligações de internet para os capitais e sem despesas para o interessado

PONTO DE VISTA

OPORTUNIDADES BRASILEIRAS NO MERCADO INTERNACIONAL DE CARNE BOVINA

Ainda em relação a CEE, é importante registrar que os estoques de leite e de carne variam em sentido inverso. Quando cresce o estoque de leite e derivados, diminui o de carne e vice-versa.

1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO NEGÓCIO

A oferta de proteína de origem animal, a nível mundial, depara com uma demanda potencial permanente e insatisfeita, principalmente no âmbito das nações subdesenvolvidas. O consumo mundial per capita de carne é da ordem de 28 quilos/ano. Porém, os países desenvolvidos consomem três vezes acima deste índice (76 quilos/ano), enquanto os subdesenvolvidos mal atingem a metade (14 quilos/ano).

No caso da carne bovina, por ser de maior custo, a concentração do consumo, a nível de países, é ainda maior. Da produção mundial, os EUA consomem 30 a 35% e a Europa 20 a 35%. Sobra, portanto, menos de 50% para atender toda as demais regiões do mundo.

O comércio internacional de carne bovina alcança anualmente cerca de 3,5 milhões de toneladas. Tal quantidade corresponde a 8% da produção mundial, envolvendo um movimento financeiro da ordem de 6 a 7 bilhões de dólares.

O processamento industrial para obtenção de produ-

tos e subprodutos no complexo bovino ocorre em graus diferentes. Em linhas gerais, as trocas internacionais de carne bovina obedecem as seguintes proporções:

- 79% na forma de carne "in natura" (fresca, refrigerada ou congelada).
- 15% na forma de produtos industrializados destinados ao reprocessamento.
- 6% na forma de produtos industrializados destinados ao consumo.

A produção mundial está dividida em duas formas, que condicionam consideravelmente as evoluções comerciais, quais sejam:

- a "Zona Limpa", considerada isenta da febre aftosa, que abrange a América do Norte e uma parte do Pacífico. No conjunto, a produção excede ligeiramente o consumo nessas regiões.
- a "Zona Suja", que convive com a febre aftosa, da qual fazem parte a CEE e a América Latina, dispondo de excedentes significantes.

2 O FLUXO DE EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES

Os EUA e a Europa Ocidental são os principais mercados no comércio internacional de carne bovina. Chama atenção, contudo, o fato deles serem também grandes produtores.

O mercado dos EUA consome por ano aproximadamente 18,6 milhões de carnes vermelhas e 5,3 milhões de toneladas de carne branca. Para um consumo médio anual de 110 kg per capita dos norte-americanos, as carnes vermelhas contribuem com 70% e as aves, 30%.

Por outro lado, os EUA importam anualmente cerca de 800 mil toneladas em equivalente carcaça. Desse volume, 78% são carnes "in natura" (fresca, refrigerada ou congelada para industrialização) e 22% são carnes industrializadas (destinadas ao reprocessamento). Os países de "Zona Suja" não têm acesso ao mercado americano, com produto "in natura".

Já a CEE, além de contribuir com 16% da produção mundial, participa tanto nas exportações, como nas importações de carne bovina. A produção de carne varia em função dos subsídios concedidos à bovinocultura de leite. Com subsídios elevados, os produtores retêm a quase totalidade das fêmeas, diminuindo a oferta de animais para abate. O raciocínio é inverso quando há restrição nos subsídios.

Ainda com relação a CEE, é importante registrar que os estoques de leite e de carne variam em sentido inverso. Quando cresce o estoque de leite e derivados, diminui o de carne e vice-versa. A PAC (Política Agrícola Comum) visa equilibrar os estoques da CEE: importa quando há falta e exporta, geralmente a preços subsidiados, em conjuntura de excedentes.

Em função da participação na produção e no comércio internacional, os mercados são classificados em exportadores ou auto-suficientes e importadores. Nesse conceito, são exportadores a Austrália, Argentina, Uruguai, Brasil, Nova Zelândia, México e América Central. Na condição de importadores aparecem os EUA, União Soviética, CEE, Oriente Médio, alguns países africanos e o Extremo-Ocidente.

3. Acirramento da concorrência

A CEE tem grande influência nos intercâmbios comerciais que envolvem os países da chamada "Zona Suja", principalmente em matéria de preços. Os países da América Latina, que se encontram muito afastados

dos principais polos de importação (URSS, Próximo e Médio Oriente), têm assistido uma degradação de sua posição. A Índia, exportadora de carnes baratas, é prejudicada pela deficiente infra-estrutura interna no setor de transporte. Por sua vez, os países da África Central e do Leste, produtores de carnes de melhor qualidade, apesar de não serem atualmente muito competitivos em relação aos preços mundiais, poderão desempenhar, no futuro, um papel importante nos mercados do Oceano Índico e Médio Oriente.

Já o Brasil passou a ter uma presença mais constante e significativa no mercado internacional de carnes ao longo da década de oitenta, com a redução do consumo interno e os incentivos concedidos às exportações. Pensa, porém, os tributos lançados sobre a matéria-prima (animal a ser abatido), que alcançam quase 25%, quando considerado o ICMS, FINSOCIAL, FUNRURAL e PIS. Isso tem encarecido o produto nacional. Do mesmo modo, a instabilidade econômica do país e os sucessivos choques heterodoxos, inaugurado com o Plano Cruzado, em 1986, são fatores desestabilizadores para uma atividade, que requer planejamento de médio prazo, como é o caso da bovinocultura de corte.

Uma das grandes características das exportações brasileiras é a grande dispersão dos mercados importadores. Exporta-se carne brasileira para países de todos os continentes. A Europa Ocidental (principalmente Inglaterra, Alemanha Ocidental e Itália, Espanha e países membros do Benelux) respondem por cerca de 70% das importações de carne "in natura". Na carne industrializada, os Estados Unidos, Inglaterra e Itália absorvem mais de 70%.

As exportações brasileiras de carnes "in natura" são feitas sob forma de carne fresca, refrigerada ou congelada, com e sem osso. Alguns mercados, como o britânico, exigem cortes especiais sem osso para reduzir os riscos de introdução de aftosa.

Das exportações da Austrália e a Nova Zelândia, a quase totalidade ocorre na forma de carne "in natura", (90 a 95%). Elas são destinadas aos EUA (cerca de 80%), a CEE (cerca de 15%) e o restante vai para o Japão, Coreia e outros países asiáticos. O México e alguns países da América Central têm um fluxo permanente de carne "in natura" e de gado vivo para o mercado americano. A Argentina exporta carne "in natura" para a CEE, mas com as restrições impostas pelos pa-

ses europeus, tem exportado para o Brasil sob regime "draw back". O Uruguai exporta carne "in natura" para a CEE e sob o regime "draw back" para o Brasil.

No tocante a carne industrializada, que representa a maior parte das exportações, o Brasil produz o "comed beef" e o "frozen cooked beef" (FCB). Tratam-se de produtos fabricados quase que exclusivamente para o mercado externo, mediante cozimento da carne. O caldo oriundo desse processo é concentrado e enlatado como extrato também para exportação. Trata-se de uma técnica que permite à indústria aproveitar carnes de segunda e terceira qualidade, que antes eram transformadas em charque.

A Argentina é o principal exportador de produtos industrializados para o mercado internacional, com embarques, principalmente, para os EUA e a Inglaterra.

No tradicional "comed beef", o Brasil e a Argentina respondem por 75% da produção mundial, enquanto que os EUA e a Inglaterra representam 80% do consumo. No "frozen cooked beef", o Brasil e a Argentina continuam com 90% da produção mundial, que é exportada, basicamente, para os EUA. Lá, o produto é utilizado como matéria-prima pelas indústrias de processamento. No FCB, as importações da Inglaterra, Itália e Espanha vêm aumentando. A CEE tem colocado restrições nas importações de carne sul-americana "in natu-

ra". Nesse sentido, é bom lembrar que o FCB foi desenvolvido pela Argentina, com vistas a superar as restrições impostas pelos EUA às suas exportações de carne "in natura".

EXPORTAÇÃO MUNDIAL DE CARNE BOVINA

	1981 Qntd.	(%)	1988 Qntd.	(%)	1989 Qntd.	(%)
Am. Norte/Canal	420	7,3	370	2,3	403	1,5
• Canadá	40	1,8	36	1,3	80	1,5
• EUA	379	5,9	288	3,6	308	3,7
Am. do Sul	688	15,2	876	16,7	967	18,4
• Argentina	281	5,5	310	4,0	320	4,0
• Brasil	294	5,4	420	5,1	305	3,3
• Uruguai	91	1,8	710	7,4	156	2,4
Europa Ocid.	2221	46,6	2 176	42,0	2 312	41,2
• CEE (3)	2224	47,3	2 104	40,6	2 193	40,8
• CEE (4)	828	16,3	781	15,1	841	15,2
• Dinamarca	172	3,4	165	3,2	170	3,2
• França	470	8,0	430	8,1	406	7,6
• Alemanha Oc.	466	8,9	450	8,7	320	5,9
• Irlanda	380	7,7	399	7,6	401	7,3
• Itália	192	3,9	140	2,8	140	2,6
• Europa Oriental	118	2,4	272	5,2	265	4,8
• URSS	-	0,1	-	0,1	-	0,1
• África	2	0,0	1	0,0	3	0,0
• Ásia	105	2,2	100	1,9	105	2,0
• Oceania	1 540	31,9	1 317	25,4	1 347	25,4
• Austrália	905	17,4	810	15,6	925	17,2
• N. Zelândia	632	13,2	407	7,8	422	7,9
Total (1)	5 784	100,0	5 776	100,0	5 744	100,0
Total (4)	3 052	52,8	2 885	50,0	3 034	52,8

Nota: Exportações dos principais países

(1) Dados preliminares

(2) Previsto

(3) Inclui exportações para os países da CEE

(4) Exclui exportações para os países da CEE

CONSUMO MUNDIAL DE CARNE BOVINA

Continentes e Países	1987				1988 (1)				1989 (2)			
	1000 Ton.	(	%)	Kg/hab.	1000 Ton.	(	%)	Kg/hab.	1000 Ton.	(	%)	Kg/hab.
Am. Norte/Canal	14.104		32,2	18,2	14.227		32,4	17,8	13.430		31,0	16,7
• Canadá	1.021		2,3	39,4	1.031		2,3	39,5	1.038		2,4	39,4
• México	1.206		2,7	12,1	1.287		3,2	15,9	1.386		3,2	15,5
• EUA	11.662		26,6	48,0	11.603		26,4	47,9	10.805		24,9	43,7
Am. do Sul	3.593		12,8	24,3	5.455		12,4	23,2	5.390		12,4	22,4
• Argentina	2.413		5,5	76,2	2.260		5,1	70,3	2.180		5,0	66,8
• Brasil	2.082		4,7	14,2	2.070		4,7	13,8	2.080		4,8	13,5
• Colômbia	640		1,5	20,9	630		1,4	20,2	617		1,4	19,4
Europa Ocid.	8.175		18,6	22,7	8.025		18,3	22,5	7.952		18,4	22,2
• CEE	7.572		17,3	23,4	7.422		16,9	22,9	7.355		17,0	22,7
• França	1.722		3,9	31,1	1.640		3,7	29,5	1.615		3,7	28,9
• Alemanha Oc.	1.447		3,3	23,9	1.448		3,3	24,0	1.428		3,3	23,7
• Itália	1.555		3,5	27,1	1.550		3,5	27,0	1.550		3,6	27,0
• Espanha	473		1,1	12,0	475		1,1	12,0	476		1,1	11,9
• Reino Unido	1.283		2,9	22,6	1.214		2,8	21,4	1.185		2,7	20,9
Europa Oriental	2.345		5,3	15,4	2.331		5,3	15,4	2.336		5,4	15,4
• Checoslová	423		1,0	26,5	424		1,0	26,5	425		1,0	26,5
• Alemanha Or.	427		1,0	23,8	434		1,0	24,3	434		1,0	24,5
• Polónia	893		1,8	17,3	785		1,8	17,0	798		1,8	17,2
• URSS	8.423		19,2	28,8	8.593		19,6	29,3	8.743		20,2	29,6
África	1.771		4,0	12,8	1.791		4,1	12,7	1.909		4,2	12,2
• Egito	707		1,6	13,6	697		1,6	13,1	697		1,6	12,7
• Af. do Sul	638		1,3	18,7	660		1,5	19,0	672		1,6	18,9
Ásia	3.621		6,0	1,1	2.653		6,0	1,2	2.887		6,7	1,2
• Índia	624		1,4	0,8	489		1,1	0,6	570		1,3	0,7
• China	688		1,6	0,7	762		1,7	0,7	848		2,0	0,8
• Japão	880		2,0	7,2	970		2,2	7,9	1.035		2,4	8,4
Oceania	785		1,7	39,6	773		1,8	39,7	737		1,7	37,5
• Austrália	637		1,5	38,9	640		1,5	39,7	605		1,4	37,2
Total	43.841		100,0	11,8	43.889		100,0	11,7	43.324		100,0	11,4

Nota: Dados referentes aos principais países

(1) Dados preliminares

(2) Previsto

IMPASSE NA APROVAÇÃO DO PROJETO DE LEI AGRÍCOLA

José Calil

Os leitores da REVISTA DOS CRIADORES e associados da ABC, interessados em conhecer detalhes do projeto Nelson Carneiro e do substitutivo Rosa Prata, poderão solicitar diretamente ao Senado Federal e à Câmara de Deputados, avulsos dessas proposições ou seja: PROJETOS DE LEI AGRÍCOLA(-). Neste primeiro e rápido comentário, vamos apresentar alguns pontos controversos do substitutivo Rosa Prata.



O autor do presente trabalho, José Calil, é engenheiro agrônomo formado pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", da USP. Foi Secretário da Agricultura de São Paulo, foi presidente da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo e da entidade nacional FAEAB. Atualmente é diretor tesoureiro da ABC e diretor técnico da Ahepa.

Conforme dispõe o artigo 187, da Constituição Federal, o Congresso Nacional deveria elaborar e aprovar no prazo de um ano (vencido em 05.10.89) uma lei complementar para presidir uma política agrícola destinada a acabar de vez com os casuísmos e improvisações, as omissões, os personalismos e autoritarismo de ministros de Estado, que deveriam ser responsáveis pela condução das questões pertinentes à economia agrícola brasileira.

Para isso, aquele dispositivo constitucional estabeleceu que a política agrícola será planejada e executada na forma da lei, com a participação efetiva do setor de produção, envolvendo produtores e trabalhadores rurais, bem como dos setores de comercialização, de armazenamento e de transportes, levando em conta, especialmente:

- I - os instrumentos creditícios e fiscais;
- II - os preços compatíveis com os custos de produção e a garantia da comercialização;
- III - o incentivo à pesquisa e à tecnologia;
- IV - a assistência técnica e extensão rural;
- V - o seguro agrícola;
- VI - o cooperativismo;
- VII - a eletrificação rural e irrigação;
- VIII - a habitação para o trabalhador rural.

O artigo 187, incluiu no planejamento agrícola, as atividades agroindustriais, agropecuárias, pesqueiras e florestais, e estabeleceu que as ações da política agrícola e de reforma agrária seriam compatibilizadas.

Dada a sua enorme importância, essa matéria despertou inusitado interesse de todos os segmentos da sociedade civil, desde as entidades representativas dos produtores, como os da FRENTE AMPLA (CNA, OCB, SRB, e outras), UDR, FECOTRIGO, CAC, e numerosas outras, até as representativas dos trabalhadores (CONTAG e CUT) e de entidades profissionais (FAEAB e ABEPA), além de instituições governamentais (MA/CONASPA, SEPLAN (IPEA/IPEAN), SEAGRI's de quase todas as Unidades da Federação (exceto São Paulo). Foram elaborados nada menos de 24 projetos de lei, e uma dezena de propostas, os quais foram juntados ao projeto pioneiro nº 1.068/88, de autoria do deputado José Egreja e encaminhados ao deputado Rosa Prata, relator especialmente designado para emitir parecer sobre tão importante matéria.

O parlamentar mineiro, ex-secretário de Agricultura e líder pecuarista na região do Triângulo Mineiro, procurou consubstanciar tudo que havia de bom em cada proposta, de modo a atender equitativamente todos os

grupos e lobbies interessados, sem predominância de outros interesses que não fossem os de uma moderna política agrícola, destinada ao desenvolvimento da economia agrícola brasileira, abrangendo os segmentos da produção, comercialização, armazenamento e transporte, cuidando ao mesmo tempo das atividades agropecuárias, agroindustriais, pesqueiras e florestais, bem como da conservação dos recursos naturais e proteção do meio ambiente. E, naturalmente, dos legítimos interesses dos agricultores e trabalhadores rurais.

Democratização da lei

Elaborado o 1º Substitutivo Rosa Prata e distribuído aos membros titulares e respectivos suplentes da Comissão de Agricultura e Desenvolvimento Rural, estes apresentaram 178 emendas, procurando assim melhorar o texto. Ao mesmo tempo, o presidente da Comissão de Agricultura convocou o ENCONTRO NACIONAL DA LEI AGRÍCOLA, verdadeiro seminário realizado no auditório Nereu Ramos, de 24 a 26 de outubro de 1989.

Todos os capítulos e temas contidos no substitutivo Rosa Prata, foram exaustivamente abordados e discutidos em doze painéis por renomados técnicos, economistas e professores universitários e dois debatedores para cada painel ou tema, relator da matéria e participação do numeroso público presente, com direito a perguntas, interpelações e uso do microfone para debate.

Ao mesmo tempo em que essa magnífica demonstração de democracia participativa contribuiu positivamente para o aprimoramento do substitutivo Rosa Prata, resultando o seu 2º substitutivo, que não chegou a ser apresentado, ocorreu a inesperada e surpreendente aprovação em plenário do Senado Federal, em regime de urgência urgentíssima, às vésperas do recesso branco do Congresso, no dia 26.10.89, repetimos, ocorreu a aprovação do projeto de

lei agrícola nº 176, do senador Nelson Carneiro.

Esse projeto, diga-se de passagem, representativo do pensamento de 25 secretários de Agricultura, passou a prevalecer sobre todos os demais. Transitou pelo Senado sem discussão, foi para a Câmara onde recebeu o nº 4.086/89, acabando nas mãos do relator Rosa Prata depois de passar pela Comissão de Constituição e Justiça. A partir daí e após tão profícuo trabalho, com mais de 500 emendas (não consideradas) apresentadas pelos parlamentares, Rosa Prata elaborou o substitutivo ao projeto Nelson Carneiro. O deputado José Egreja convocou a Comissão de Agricultura e Desenvolvimento Rural para discussão e votação desse projeto no dia 07.12.89.

Autoritarismo na Câmara

A discussão e aprovação desse substitutivo Rosa Prata na Comissão de Agricultura não foi tranqüila nem democrática. Parlamentares mais voltados para o projeto original do senador Nelson Carneiro (leia-se Secretários de Agricultura) questionaram a forma como estava sendo conduzida tão importante matéria, com prevalência do substitutivo sobre o projeto original, com omissões de pontos básicos deste e inclusão de outros considerados estranhos à matéria e inaceitáveis. E, sem possibilidade de emendas, que só o relator poderia aceitar ou recusar, sem qualquer discussão.

Ao que se sabe, tais parlamentares, em número de oito, depois de questionarem regimentalmente aquela conduta, chegaram a recorrer à Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, para colocar "sub judice" a forma como o substitutivo foi aprovado na comissão técnica, sem emendas, além de solicitar esclarecimentos à Mesa da Câmara para saber da legalidade da apresentação de emendas fora do plenário.

O fato é que o substitutivo Rosa Prata foi aprovado na Comissão de

Agricultura sem qualquer emenda e encaminhado ao plenário da Câmara para rápida discussão e aprovação, às vésperas do recesso parlamentar, o que não ocorreu devido à vigorosa oposição daqueles atentos parlamentares.

Os leitores da REVISTA DOS CRIADORES e associados da ABC, interessados em conhecer detalhes do projeto Nelson Carneiro e do substitutivo Rosa Prata, poderão solicitar diretamente ao Senado Federal e à Câmara de Deputados, avulsos dessas proposições. Neste primeiro e rápido comentário, vamos apresentar alguns pontos controversos do substitutivo Rosa Prata.

Conselho e Fundo

Sem dúvida alguma, os dois pilares da lei agrícola são a criação do CNPA, Conselho Nacional de Política Agrícola e o FNDR, Fundo Nacional de Desenvolvimento Rural. Esses dois instrumentos fundamentais da política agrícola, foram abordados de forma diferenciada e sectária por quase todos os projetos e propostas, cada qual puxando a brasa para o seu lado. Incumbia ao deputado Rosa Prata, na condição de relator, assimilar todas as discrepâncias surgidas e incluir no seu substitutivo uma estrutura bastante representativa, democrática, sem predominância de qualquer segmento. No seu primeiro substitutivo, quase atingiu esse perfil ideal. Mas, no substitutivo ao projeto Nelson Carneiro, tudo ficou desfigurado e contraditório, à começar pela criação do CNPA, que estranhamente passou a ser atribuição do Poder Executivo (artigo 3º). Ao mesmo tempo, estabelece as suas atribuições (art. 4º) e a sua estrutura (art. 5º), com 5 representantes do setor público, 5 dos produtores rurais, 2 dos trabalhadores rurais, 1 dos consumidores e 1 apenas 1, para representar três segmentos diferentes: comercialização, armazenagem e transporte.

Na opinião de alguns parlamentares, esses dispositivos apresentam dois graves equívocos:

1) - questiona-se a sua constitucionalidade, já que autoriza o Poder Executivo a criar o CNPA e ao mesmo tempo estabelece a estrutura e funções desse órgão. Essa incoerência pode não ser aceita pelo governo, ficando assim criado o impasse. E a lei agrícola sem o CNPA não tem condições de funcionar, por falta de órgão diretor. Afirma-se, também, que não cabe ao Poder Legislativo autorizar o Executivo a instituir o CNPA.

2) - considera-se a estrutura do CNPA proposta pela substitutivo, pouco participativa e nada democrática, com predominância do setor público (5) e do produtor rural (5), ou seja, com 10 representantes para um colegiado de 14. Por outro lado, considera-se injustificável a ausência de agentes financeiros, especialmente do Banco do Brasil, o tradicional banco de fomento agrícola, hoje relegado a um simples estabelecimento comercial, que precisa ser recuperado na sua tradicional função.

Por outro lado, estranha-se o total afastamento de órgãos como a ABEPA, Associação Brasileira de Empresas de Planejamento Agropecuario, sociedade civil que reúne em seu quadro social cerca de 2.000 empresas, com 5.000 escritórios e 13.600 profissionais de ciências agrárias. Não se compreende como pode uma entidade de política agrícola elaborar e apreciar programas plurianuais de desenvolvimento rural, sem a plena e efetiva participação da ABEPA, órgão privado especializado em planejamento agropecuario.

Por fim, considera-se não atendido o dispositivo constitucional que prevê a participação dos representantes do comércio, armazenagem e transporte, os quais foram englobados em uma única representação, no mencionado substitutivo.

No que concerne ao FNDR, Fundo Nacional de Desenvolvimento Rural, previsto em todos os projetos e no próprio 1º substitutivo Rosa Prata, foi ele substituído pelo FAPES, Fundo Agrícola de Programas Especiais, de ação mais restrita, que não vai contemplar muitos programas importantes de interesse setorial para a modernização de algumas áreas da economia agrícola.

Muito melhor seria manter o capítulo XVII, com os seus artigos 86, 87 e 89 do projeto original do senador Nelson Carneiro, que institui com muita objetividade o Fundo Nacional de Desenvolvimento Rural, FNDR, estabelece as suas numerosas fontes de recursos e reverte para ele nada menos de 10 Fundos existentes atualmente. O único ponto discutível deste capítulo, é o seu artigo 88, que delega ao MA e SEAGRIS, a administração e operacionalidade do FNDR. A experiência do passado com o Fundo Federal Agropecuario, mostra a inconveniência dessa medida para acabar de vez com o clientelismo político, o empreguismo e os desvios a que foi relegado o FFA por quase todos os ministros da pasta, desde a sua criação por volta de 1963.

Assistência técnica e extensão rural

Se o projeto Nelson Carneiro contemplou adequadamente a assistência técnica e a extensão rural nos artigos 15 a 18, não se justifica a substituição desse capítulo fundamental pelo artigo 23 do substitutivo, integrando essa atividade à pesquisa. Essa integração significa a destruição da EMBRATER e o comprometimento dos trabalhos da EMBRAPA, além de ignorar a metodologia especializada da extensão rural e da assistência técnica privada. Por outro lado, há uma certa incoerência entre o artigo 22, que define o trabalho especializado da extensão rural e o artigo 23, que

abre caminho para a criação de verdadeira corporação de assistência técnica, o que é inadmissível em qualquer regime democrático.

Esse posicionamento do relator é muito estranho, já que o deputado Rosa Prata é um respeitado Engenheiro Agrônomo, que já ocupou as funções de Secretário da Agricultura de MG, onde nasceu e se expandiu a ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural), que se irradiou pelo Brasil todo com sua eficiente e modelar metodologia de extensão rural.

Neste capítulo, também há grave incoerência entre os artigos 22 e 23, sendo este último inaceitável pelas razões apontadas. Além disso, o relator parece ignorar o extraordinário desenvolvimento da rede privada de assistência técnica e a sua extraordinária contribuição para a conquista da fronteira agrícola dos cerrados, com 16 milhões de hectares incorporados ao processo produtivo, com alta tecnologia, a operacionalização do PROAGRO apesar de suas deformações estruturais, o PROFIR e PROVARZEA e muitos outros Programas Especiais. Melhor seria que o relator adotasse a proposta da ABEPA para esse capítulo, que melhor define essa importante questão para o desenvolvimento rural brasileiro.

Proposta da ABEPA

Para definir correta e tecnicamente a problemática de assistência técnica e extensão rural, de acordo com a tradição brasileira e a experiência e resultados dos últimos anos, a ABEPA sugeriu ao deputado Rosa Prata, a substituição dos artigos 22 e 23 de seu substitutivo, como segue.

Artigo 22 - Incumbe ao Poder Público, nos níveis nacional, estadual e municipal, assegurar serviços de extensão rural, com prioridade para o pequeno

produtor e trabalhador na atividade agrícola, em especial nas áreas menos desenvolvidas e nos projetos de assentamentos do programa de reforma agrária.

Parágrafo único - Para esta finalidade, as ações de extensão rural abrangerão:

- I - a difusão de tecnologias necessárias ao aprimoramento da economia agrícola, à conservação dos recursos naturais e à melhoria das condições de vida ao meio rural;
- II - o estímulo em apoiar a participação e organização da população rural, respeitando a organização da unidade familiar, bem como as entidades de representação dos produtos rurais;
- III - a disseminação de informações conjunturais nas áreas de produção agrícola, comercialização, abastecimento e agroindústria;
- IV - a transferência de conhecimentos sobre saúde, alimentação e habitação;
- V - a orientação para o uso racional dos recursos naturais.

Artigo 23 - Incumbe ao setor privado, nos níveis nacional, estadual e municipal, assegurar a prestação de serviços de assistência técnica e planejamento agropecuario, com prioridade aos médios e grandes produtores, objetivando:

- I - elaboração, implantação e desenvolvimento de programas especiais, destinados ao aprimoramento da atividade agrícola na fronteira agrícola, nas regiões de fronteira e outras de interesse da segurança nacional;
- II - participar, em caráter supletivo, de trabalhos normalmente executados pelo setor público, tais como fiscalização, classificação e padronização de produtos agropecuarios, inspeção sanitária

vegetal e animal, inspeção e controle de qualidade da produção e comércio de sementes e mudas, fertilizantes e corretivos, vacinas, medicamentos veterinários e outros insumos;

III - assistência técnica ao crédito rural, à nível de carteira e de propriedade rural;

IV - a realização de perícias e arbitramento de PROAGRO e seguro rural;

V - avaliações, perícias, fiscalização, arbitramentos, medicações de terras e outras atividades da competência legal dos profissionais de ciências agrárias;

VI - participar, supletivamente, nos programas do IBAMA, especialmente nas áreas de fiscalização e inspeção, na implantação dos códigos e normas de preservação do meio ambiente, nas medições de terras, nos controles/tecnológicos das explorações das matas e florestas, na adequada reposição das matas, legal ou ilegalmente derrubadas, nos trabalhos educativos de orientação e de assistência técnica e nos demais serviços pertinentes às atribuições legais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais.

Parágrafo 1º - A ação da assistência técnica e da extensão rural deverá ser articulada com a pesquisa agrícola e voltada sempre aos interesses dos produtores rurais, a suas entidades representativas às comunidades rurais.

Parágrafo 2º - A assistência técnica será obrigatória aos beneficiários do crédito rural.

Tributação e Incentivos Fiscais

A forma tributária em nosso país será objeto de uma lei complementar em estudo no

Senado Federal. Entretanto, o substitutivo Rosa Prata estabeleceu algumas promissas, sem maior significado, como o esdrúxulo parágrafo segundo, do artigo 63:

- "os produtos de consumo básico, os hortigranjeiros, as sementes puras e melhoradas, de origem animal e vegetal: os reprodutores puros de origem e as vacinas, terão tratamento fiscal diferenciado".

Nesse parágrafo de apenas quatro linhas, redigido sem muito cuidado técnico e objetividade, observam-se as seguintes lamentáveis e injustificáveis falhas:

- 1) - tratamento fiscal diferenciado nada significa de objetivo, podendo até ser negativo para o produtor rural e o consumidor;
- 2) - os produtos de consumo básico são em número superior a 60 e se a ideia é isentar ou reduzir os tributos sobre tais produtos, o mais justo e inquestionável seria um tratamento favorecido para os alimentos essenciais da cesta básica;
- 3) - questiona-se hoje se os hortigranjeiros, os que mais puxam a taxa de inflação neste país, desde o famoso caso do chuchu, merecem realmente um tratamento favorecido, já que há muito eles não entram mais na cesta básica dos alimentos populares;
- 4) - sementes puras, em tecnologia de sementes, pode ser um produto colhido no paiol, sem qualquer potencial genético de qualidade e produtividade. O correto seria dar um tratamento favorecido para sementes genéticas e básicas registradas, certificadas e fiscalizadas, que são as únicas existentes em nossa legislação específica;
- 5) - sementes de origem animal podem ser uma tradução inadequada do inglês para a língua portuguesa, já que "seed" tanto pode ser sementes de origem

vegetal, como sêmen de origem animal. Mas, no Brasil, semente é sempre de origem vegetal.

6) - finalmente, seria mais justo incluir em tratamento favorecido, não apenas "os reprodutores puros de origem e as vacinas", mas toda a moderna gama de melhoramento animal, como os reprodutores puros por cruz, sêmen, embriões e todos os insumos necessários à modernização da pecuária, desde as vacinas e medicamentos até o sal mineralizado, arame para divisão de pastos, etc. E, também, os insumos para a agricultura, como fertilizantes e corretivos, defensivos, máquinas e implementos, etc.

Reforma agrária e meio ambiente

O artigo 187 da Constituição Federal, dispõe no seu parágrafo segundo que as ações de política agrícola serão compatibilizadas com as da reforma agrária. Esse importante dispositivo constitucional foi satisfatoriamente definido nos capítulos X (do Produtor rural, da propriedade rural e sua função social) e XXI (da compatibilidade da lei agrícola com a lei agrária), do projeto Nelson Carneiro, ao passo que foi omitido no substitutivo Rosa Prata. Talvez porque a lei

agrária continua em tramitação no Congresso, o que não impediu aquele projeto oriundo do Senado firmar algumas importantes definições sobre a tão falada reforma agrária.

Por outro lado, o substitutivo trata na seção IV, artigos 24 a 29, da proteção ao meio ambiente e da preservação dos recursos naturais, mas não com a abrangência e tecnicidade do projeto original, nos seus artigos 19 a 28, os quais deveriam ser mantidos no substitutivo.

Patente de insumos

Não se sabe porque o relator Rosa Prata enxertou no seu substitutivo o polêmico e complexo problema das patentes de cultivares e raças ou linhagens de animais, ao mesmo tempo que estabelece proteção às criações técnicas e processos agrícolas. Talvez isto se justifique em outros países, onde a iniciativa privada predomina em trabalhos de pesquisa e, conseqüentemente, nas criações de cultivares e novas linhagens.

Mas, aqui no Brasil, onde o governo vem bancando há mais de 100 anos a pesquisa agropecuária, cujas imensas conquistas são do domínio público e largamente utilizadas pelas empresas privadas nacionais e estrangeiras, em nosso País e no ex-

terior.

Esta controversa matéria deveria ser eliminada do projeto de lei agrícola e posta em discussão em foros da comunidade técnica e científica nacional para, se for possível uma conclusão satisfatória, regulamentá-la por lei ordinária.

Finalmente, não se pode deixar de ponderar sobre a incoerência maior e gritante do substitutivo Rosa Prata, qual seja a discrepância que apresenta entre o tratamento liberal que proporciona à economia agrícola, seguindo a tendência moderna observada atualmente em todo o mundo, inclusive nos países socialistas, e a forte proteção que dispensa ao setor público, especialmente ao MA. Neste particular, ele foge da modernidade e mantém um apoio excessivo ao Ministro de Estado, que deve presidir o CNPA em caráter nato e permanente, ao MA que deve gerir os recursos do FAPES, apesar da dolorosa experiência do FFA, e conserva toda a sua estrutura arcaica e inepta, além de reputação duvidosa. E cria condições para maior inchaço da "máquina".

Além disso, compromete o novo governo, que pretende extinguir ou privatizar empresas públicas, como a COBAL, a CIBRAZEM, e a CFP e liberar o setor público de numerosas atividades, que podem e devem ser delegadas à iniciativa privada. E isto soma mais de 80% das atuais atividades do MA.

Endereços para pedir arquivos do projeto de Lei Agrícola: Congresso Nacional, Pça dos Três Poderes - 70160 - Brasília DF



Maple Lawn Duncan Dreamy - ET POI

**JERSEY
POI-PO-PC**
Venda permanente de
reprodutores e matrizes
com a garantia "HUENTALA"

Fazenda do Cerro
CABANHA HUENTALA
Eduardo Roberto Pinheiro e Família
P.O. Box 100 - Angicos, RN - 59.100-000
Fones: (051) 228.0100 e 228.4111/4139

publico

COUTINHO NOGUEIRA, O novo presidente

José Bonifácio Coutinho Nogueira é o novo Presidente do Jockey Club de São Paulo, representando a Chapa União, de oposição. Na eleição, dia 20 de Fevereiro, obteve 1.304 votos, contra 1.043 em favor de Waldyr Prudente de Toledo, da Chapa Jockey Club de São Paulo.

A CAMPANHA

José Bonifácio baseou sua campanha na reforma administrativa. "O dado básico e fundamental, reconhecido por todos, é que o atual sistema, falho e já meio centenário, está a exigir reformulação. Nela, os diretores só trabalham reunidos em comissões - quem não quer resolver, nomeia comissões. Na verdade, acabamos tendo diretores sem funções, nem diretoria", afirmou o novo Presidente. Ele planeja ainda submeter a uma prévia discussão de todo o quadro social, uma reforma de Estatutos, cuja administração seria encabeçada por um Conselho de Administração, com funções normativas. O projeto, depois de estudado, seria apreciado em Assembleia Geral de Associados.

Segundo o novo Presidente, este Conselho, eleito pelo voto direto, teria um terço de seus membros integrando a Diretoria Executiva e os outros dois terços, compostos na proporção do voto recebido pelas chapas concorrentes à eleição. O sistema seria inspirado no processo do voto múltiplo, já utilizado com sucesso pelas sociedades anônimas.

A NOVA DIRETORIA

A Diretoria eleita para o triênio 90/93 é a seguinte: José Bonifácio Coutinho Nogueira - Presidente; Roberto Brótero de Barros - Vice-Presidente; Marco Túlio Botino - Secretário-Geral; José Antonio B. Pamplona d.

Andrade - Tesoureiro; Paulo de Arruda Miranda - Comissão de Turfe; Claudio Borba Vita - Comissão de Sede; Sergio Maggiore Di Santa Barbara - Comissão de Fomento; Fábio Chimentit Auriemo - Comissão de Obras; Enio Buffolo - Comissão de Serviço Social - Saúde; Alex Chafic Maluf e José Pugliesi - Diretores Secretários; Clovis Salione e Valter Luis Lapietra - Tesoureiros; Bechara Zaidan, Carlos Alberto Machline, Jayme Mello Castro Barbosa, José Luis Polacow, Mario da Cunha Rangel Filho, Paulo Sérgio Queiroz - Barbosa, Reinato Francisco Bloisa, Silvio Maria Crespi - Comissão de Turfe; João Baptista Monteiro da Silva e Fernando Bernardes Pinheiro - Sede; Antonio Carlos Canto Porto Filho e Francisco Giobbi - Fomento; Edmundo Kehdi e Marcos Tomanik - Obras; Aloisio Lacerda Medeiros e Ricardo Opice - Serviço Social; Antonio Caio da Silva Ramos Jr., Geraldo Moacir Bordon, João Baptista Prado Rossi, Mário Sérgio Duarte Garcia, Mário Pimenta Camargo, Olavo Egydio Setubal, Paulo Egydio Martins,

Roberto Mortari Cardilho, Vicente Renato Paolillo, Jorge A. Miguel Yunes - Conselho Consultivo; Affonso Renato Meira, Jamil Saliba, Miguel Carlos Tonanni, Murillo da Costa Manso, João Guilherme Sabino Ometto, Oswaldo Augusto de Camargo Fidelis - Conselho Fiscal.

VIDA DEDICADA TAMBÉM À CULTURA

O novo Presidente do Jockey Club de São Paulo, José Bonifácio Coutinho Nogueira, tem 66 anos, é casado com Maria Thereza Castro Prado Coutinho Nogueira, com quem tem seis filhos, todos casados. Coutinho Nogueira é advogado formado pela Faculdade de Direito do largo São Francisco da Universidade de São Paulo.

Coutinho Nogueira foi Secretário da Agricultura, de Educação e da Cultura. Fundou e foi o primeiro Presidente da Fundação Padre Anchieta.

Já presidiu a Comissão Coordenadora de Criação do Cavalo Nacional, a Associação Brasileira dos Criadores do

José Bonifácio Coutinho Nogueira, presidente do Jockey Club de São Paulo.



Cavalo de Corrida e a Associação Nacional de Proprietários de Cavalo.

Atua ainda como Conselheiro do Museu Lasar Segall, da Casa Brasileira e do Museu da Universidade de Campinas (Unicamp). Foi Presidente da Sociedade Harmonia de Tênis e Vice-Presidente da Sociedade Hípica Paulista.

UM PASSADO SEMPRE LIGADO A TERRA

Pode-se dizer que José Bonifácio sempre teve as suas atividades ligadas à terra que aprendeu a trabalhar e amar com o seu avô Paulo de Almeida Nogueira. É Diretor Superintendente da Usina Açucareira Ester S/A., que moe cerca de 1,5 milhões de toneladas de cana por ano e ainda dirige a Agropecuária Anhumas, Citrus Anhumas e o Haras São Quirino. É presidente da E.P.T., que possui quatro estações de televisão, afiliadas da Rede Globo. É brilhante sua passagem pela pecuária leiteira, como selecionador e criador, pois, como selecionador já teve seu nome inscrito no troféu "Vaca de Ouro", da ABC, como maior produtor na Categoria de Longevidade e ganhou duas vezes a Medalha de Ouro, como o Melhor Criador de Gado Holandês, preto e branco, nas exposições do Parque da Água Branca, em São Paulo-SP. Produz diariamente, na Agropecuária Anhumas, 4.000 litros de leite "A", que são entregues à cidade de

Campinas. Em 1957, foi Presidente da Associação Brasileira de Criadores, na qual deixou sua marca como administrador, inclusive a instalação da entidade em uma excelente sede social própria, à Rua Jaguaribe. Foi colaborador desta Revista e, pelo seu passado empreendedor, acreditamos que os associados do Jockey Club escolheram o homem certo para seu Presidente.

No Haras São Quirino, com seu plantel de apenas 30 éguas, já ganhou praticamente todas as Provas de Grupo do Brasil, inclusive os Grandes Prêmios Brasil e São Paulo, Grande Prêmio Derby Paulista (duas vezes), Grande Prêmio Diana (duas vezes). De seu trabalho como selecionador, destaca-se a sua preferência pelo uso de garanhões nacionais e de linhagens femininas também brasileiras.

"Modernizar não é copiar, mas adaptar; injetar, e não transplantar. É uma operação criadora, feita de conservação, imitação e invenção. É, portanto, um processo nitidamente evolutivo, incompatível com qualquer reacionarismo, venha de que direção vier."

Octávio Paz.

UMA BOA PERGUNTA MERECE UMA EXCELENTE RESPOSTA

Videopedia - Um universo do saber em suas mãos. Um importante auxiliar para o aperfeiçoamento profissional. Com som, imagem e movimento.

Curso Berlitz - Para quem deseja aprender inglês e não dispõe de tempo para frequentar escolas. Conheça-o.

Enciclopédia Barsa - Auxiliar do estudante e do professor, da família e do profissional, no lar e no trabalho.

Enciclopédia Mirador Internacional - 12.000 páginas dedicadas a todas as ciências. Linguagem atual, expressiva e de compreensão imediata.

Enciclopédia Britannica - Conhecimento em Profundidade. Estudos estatísticos mundiais. A única com painel de comando. O sistema de aprendizagem do século XXI.

MIRADOR INTERNACIONAL

- Departamento Dominadores - Fone: 011 - 325-5658 - Rua Araújo, 216 - 5º andar - Vila Buarque - São Paulo

Criador, faça sua vacinação trimestral contra aftosa. A aftosa só causa prejuízo ao seu bolso e a economia nacional, combata-a. Precisamos erradicar a aftosa para podermos pensar em exportar carne.



HARAS E ESTÁBULO SERRA DE BAIXO

José Roberto Viviani

Criação e Alta Seleção
PO/POI

H.V.B.

Cavalo Andaluz

Longevidade
Utilidade e Beleza

Prop.: Bairro da Serra de Baixo -
Serra Negra - SP
Tel.: (0192) 92.3566

Com.: Rua Indiana, 95 aptº 121
Cep: 04562 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 496.1200/542.7780

visite-nos

FAZER BEM FEITO

NÃO É UM PRIVILÉGIO

APENAS DESTA MARCA...



... É, TAMBÉM, UM DEVER

DE TODAS AS OUTRAS.

JOSÉ FREDERICO MEINBERG

FAZENDA SÃO JOSÉ DO PIRAGIBU

Faz. Rod. Castello Branco, Km 75 - Bairro Mato Dentro - Maringá -
P.R. - Tel. (011) 441-5206
Faz. R. Joaquim Eugênio de Lima, 896 - 20º andar - Tel. 7763364
Fax (011) 267-4527 - Tel. (011) 268-3623



O QUE PENSA O NOVO PRESIDENTE DA SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA

"A grande prioridade é lutar para que a discriminação ao nosso setor termine"

No dia 3 de janeiro, foi eleito o novo presidente da Sociedade Rural Brasileira, Pedro de Camargo Neto, para o mandato 1990/1993. Ele tomará posse em 7 de março, substituindo Flávio Teles de Menezes, que permaneceu no cargo por 2 gestões, de 1984 a 1989.

Paulista, 41 anos, Camargo é engenheiro formado pela Politécnica - USP, possui o grau de Master Of Science pelo Massachusetts Institute of Technology e o doutorado em engenharia de produção, também pela Politécnica. Pecuário e agricultor na região da Alta Sorocabana (SP), foi fundador e vice-presidente da entidade denominada "Jovens Agricultores do Brasil" - JA, que congrega produtores rurais com limite máximo de 40 anos de idade, e é conselheiro da Associação de Criadores de Nelore do Brasil.

Em 16 de fevereiro, ele concedeu esta entrevista à Revista dos Criadores.

RC - Em sua opinião, o que representa a agropecuária no Brasil, sob os pontos de vista social, político e econômico?

CAMARGO - A agropecuária deve ter um papel fundamental no engrandecimento da nossa nação. No momento em que o modelo de desenvolvimento dos últimos 50 anos, de promover a industrialização a qualquer custo, é colocado em discussão, como ocorre atualmente, nosso setor deve se preparar para ocupar um espaço cada vez maior. O campo foi o grande discriminado por esta industrialização a qualquer custo. Os privilégios oferecidos aos setores urbano-industriais, ora privado nacional, ora estatal, ora multinacional, criaram a estrutura sócio-econômica que aí está. Injusta socialmente. Ineficiente economicamente. Não se trata de condenar o desenvolvimento destes últimos anos como um todo, porém de ressaltar a utilização nefasta de alguns mecanismos de política econômica que poderiam, no início, serem perfeitamente legítimos, tais como reservas de mercado, barreiras alfandegárias e políticas tributárias. As regras da economia para o campo foram sempre inversas às regras para a cidade. Subsidiavam-se exportações

de produtos industriais. Tributavam-se exportações de produtos agropecuários. Proíbem-se importações de produtos industriais. Proíbem-se exportações de produtos agropecuários. O processo produtivo rural é tão importante quanto o processo produtivo industrial e a equidade de tratamento tem que ser uma exigência do homem rural. A discriminação tem que acabar.

RC - O que o levou a dedicar grande parte de seu tempo à defesa dos interesses da classe rural?

CAMARGO - A participação crescente nas atividades de uma entidade de classe, como a Sociedade Rural Brasileira, ocorreu gradativamente. No início, frequentava a nossa Rural procurando informações e a troca de idéias com outros companheiros. É sempre muito rica esta participação e um maior número de companheiros deveria habitualmente frequentar as nossas entidades. Informações sobre as tendências de mercado, os novos

desenvolvimentos tecnológicos, alterações na legislação. Foi sempre conversando com os companheiros que me colocava em dia sobre o que ocorria. Surgiram as discussões sobre o Plano Nacional da Reforma Agrária e a Constituinte de 1988. Fui também assumindo tarefas diversas junto à diretoria. As negociações na Receita Federal, quanto a proposta de alteração da Legislação de Imposto de Renda, a proposta de lei do governo da nova Previdência Social. A proposta da Rural de crédito fundiário com os recursos do FUNTS do trabalhador rural. As discussões que antecederam a apresentação do projeto de lei agrícola. A participação nas atividades da Frente Ampla da Agropecuária Brasileira. Quando alguns companheiros levantaram a hipótese de eu vir a ocupar a presidência, confesso que não havia considerado, não fazia parte dos meus planos pessoais. Acabei assumido este grande desafio e espero poder realizar alguma coisa em defesa da nossa classe. O crescimento individual que esta oportunidade proporcionará é muito importante.

RC - Visando defender os interesses da classe rural, quais serão as prioridades da Sociedade Rural Brasileira durante sua gestão?

CAMARGO - A grande prioridade é lutar para que a discriminação termine. As regras da economia tem que ser as mesmas para todos. Não podemos mais aceitar os inúmeros mecanismos de política econômica que têm provocado esta brutal transferência de renda do setor rural para as cidades. Não podemos ter a produção rural reservada para o mercado interno, enquanto o mercado interno é reservado para os setores produtivos urbanos. Não podemos aceitar uma política cambial que constantemente tem mantido nossa moeda sobrevalorizada. São as nossas exportações, que representam um terço da renda do setor, que ficam prejudicadas. A importação de produtos agropecuários passa a ocorrer de maneira injusta, enquanto a importação de produtos industriais é dificultada, quando não impedida por barreiras alfandegárias. Não podemos aceitar termos nossas exportações tributadas com o ICMS, quando as exportações de produtos industriais são isentas de qualquer tributo. Não podemos aceitar nossos preços serem administrados pelo governo de maneira arbitrária. Precisamos também desenvolver um programa sério de educação para o homem rural e sua família. Isto é básico e precisa rapidamente ser incentivado. O setor rural precisa assumir a bandeira do desenvolvimento em harmonia com o meio ambiente. Somos nós os melhores prepara-

dos para isso e não podemos deixar ambientalistas urbanos assumirem uma luta que é muito mais nossa. Nosso vínculo com a natureza é muito maior do que o do homem urbano.

RC - No seu entender, quais são os aspectos louváveis da política agrícola nacional e quais devem ser alterados?

CAMARGO - Nos últimos meses, não temos nenhuma política agrícola e muito menos pontos louváveis. A própria política econômica, deste fim de governo, ficou limitada a estabelecer juros reais obscenos no mercado financeiro e política de pro-

"É impossível alimentar decentemente uma população que ganha um salário indecente. Não são os alimentos que são caros, pois seus preços são baixos em níveis mundiais. São os salários que são baixos, principalmente se comparados aos níveis mundiais".

cus administrados, em desacordo com a realidade. Nosso setor foi dos grandes perdedores com esta política. A brutal queda de renda da agricultura nos últimos meses terá, infelizmente, sérias consequências no futuro próximo. Mecanismos de política agrícola, como preços mínimos e de intervenção, crédito rural e estoques reguladores, deixaram de existir, infelizmente.

RC - Diante do baixo poder aquisitivo da população, quais são os caminhos para o fortalecimento do mercado interno de produtos agrícolas, sem prejuízo dos produtos de exportação?

CAMARGO - O grande conflito, custo de produção com o poder de compra da população, infelizmente, foge ao nosso controle. É impossível alimentar decentemente uma população que ganha um salário indecente. Não são os alimentos que são caros, pois seus preços são baixos em níveis mundiais. São os salários que são baixos, principalmente se comparados aos níveis mundiais. Nosso setor, com dinamismo único na economia, aumentou sua eficiência e produtividade em níveis brilhantes na última década: o trigo teve aumento de produtividade de 10,2% por ano; o algodão 10%; o milho 1,7%; e o arroz, de 4%. Aumentou nossa produção. Produzimos com mais eficiência.

O setor se modernizou.

RC - Qual o seu posicionamento quanto à reforma agrária?

CAMARGO - Entendemos que "reforma agrária" deveria significar reformar, melhorar, aprimorar o campo. Ações no sentido de melhorar a qualidade de vida do homem rural. Incentivos à produção, combate à especulação com terras. Viabilização do acesso à terra ao homem com vocação. Mecanismos de incentivo ao pequeno produtor. A expressão "reforma agrária" passou porém a significar, interferir na estrutura fundiária, através do binômio desapropriação-assentamento. Não acreditamos nesta fórmula e o exemplo do passado recente demonstrou a total ineficiência deste binômio. A primeira parte - desapropriação mostrou-se ser totalmente ineficiente em termos políticos e jurídicos. Apesar do enorme esforço despendido, não se conseguiu arrecadar terras de maneira eficiente. A segunda parte - assentamento - também se mostrou economicamente e socialmente ineficiente. Uma simples visita aos inúmeros projetos de assentamento em andamento comprova isto. O paternalismo dos processos em andamento não deixa vislumbrar a data em que os assentamentos entrarão no processo produtivo, deixando de sobrecarregar o contribuinte. O critério de escolha dos assentamentos é hoje extremamente questionado por todos. Entendemos que o correto seria atuarmos através do binômio tributação - educação. A especulação com terras seria combatida com o imposto territorial rural e, com esta arrecadação de recursos, realizaríamos o tão necessitado programa de educação do homem rural, preparando-o para entrar no processo produtivo. Mecanismos de acesso à terra seriam incentivados, facilitando o arrendamento, as parcerias e a criação do crédito fundiário.

RC - Como é possível conciliar aumento de produtividade, que requer maior mecanização e utilização de insumos modernos-agrotóxicos e fertilizantes - com a preservação do meio ambiente?

CAMARGO - O importante é desenvolvermos o processo produtivo rural em harmonia com o meio ambiente. Não podemos é a gar no campo de maneira extensiva, retirando dele mais do que colocamos. Estaríamos esgotando nossos recursos e deixando para os nossos filhos um planeta mais pobre. A produtividade deve ser objetivada, mas certamente não a qualquer custo. O equilíbrio tem que ser procurado. Precisamos desenvolver novas técnicas e também difundir os conhecimentos hoje existentes. A proteção ao meio ambiente é, antes de tudo, um pro-

dos consumidos diariamente;

- pesagem a cada quatro semanas, com tripla pesagem no início e no final da prova;

- medições zoométricas, no início e no final da prova;

- avaliação morfológica, no final da fase de desmama e no término da prova;

- avaliação comercial no final da prova, indicando um valor por kg de peso vivo, por dois ou três avaliadores, agindo independentemente.

Mediante os resultados obtidos são selecionados os animais que passarão para a fase seguinte. Os outros são enviados ao abate.

d. Fase de verificação da

funcionalidade sexual - Os animais que superam a fase de controle individual, podem ser destinados à Inseminação Artificial ou à Monta Natural, dependendo do comportamento nesta fase. Os touros são submetidos a um exame andrológico completo, ou seja, um exame clínico do aparelho reprodutivo, e uma análise macro e microscópica do material espermático. Este teste é eliminatório. Além disto, os animais devem ainda fazer 11 saltos com frequência semanal, para determinar a sua capacidade em fornecer sêmen. Os três primeiros saltos são de adestramento. Ao final, com a idade de 14 meses, os animais aprovados em todos os testes podem ser destinados às Centrais de Inseminação, onde começará a coleta de sêmen para a entrada no **TESTE DE PROGÊNIE**. Este teste, feito somente com os touros provados anteriormente, completa o processo seletivo. O principal objetivo é atualmente, analisar cinco características do produto ao nascer: o peso do bezerro, facilidade de parto, vitalidade, conformação e defeitos. Os touros aprovados neste teste podem, por isso, produzir filhos que serão destinados ao teste de performance, fechando assim um ciclo.

É interessante notar que a pressão de seleção é muito grande. Ocorrem, aproximadamente, dez mil nascimentos de bezerros por ano de touros registrados no Anaborapi. Destes, apenas 90 serão escolhidos para ingressar no Centro Genético, e só 60 chegarão à fase de Controle Individual, se seleciona os animais realmente aptos à I.A. Com isto, garante-se a qualidade dos animais utilizados e uma melhoria

constante da raça. De fato, os animais vêm mostrando resultados melhores praticamente a cada novo ciclo, e a diferença entre os animais de um mesmo grupo vem caindo. Em outras palavras, cada vez mais se consegue levar um maior número de animais melhoradores às Centrais de Inseminação.

Como a principal Associação de Raça de Corte na Itália, a ANABORAPI - junto com outras Associações Italianas de Criadores - mantém um trabalho sério de seleção e divulgação da Raça Piemontesa, que hoje, já é criada nos seguintes países: Alemanha, Inglaterra, Holanda, Dinamarca, Estados Unidos, Nova Zelândia, Canadá, Brasil, Argentina e até na China.

O interesse crescente dos criadores brasileiros, deve-se às características já mencionadas: alta precocidade, adaptabilidade ao clima tropical, alta produtividade, com rendimento de carcaça na raça pura de até 72% e de desossa de 84% e, além disto mantém uma produção média de 2500 litros de leite por lactação. Algumas fêmeas

atingem uma produção acima de 4500 litros.

A raça Piemontesa tem demonstrado excelentes resultados no cruzamento com o zebu, principalmente nos aspectos produtivo, reprodutivo e de adaptação. A raça chegou ao Brasil para testes na região de Araçatuba (SP), em meados de 1974, trazida pela própria Anaborapi. Com as proibições das exportações pela própria Associação Italiana, em 1975, e pelo caráter experimental em que a raça foi trazida para o Brasil, ela só sobreviveu graças a alguns criadores que chegaram, inclusive, a fundar a Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Piemontesa.

Hoje, a Piemontesa já demonstra sinais de uma nova arrancada no Brasil, pelas suas qualidades e por um programa de divulgação desenvolvido pela **SUPERGA COMÉRCIO E AGROPECUÁRIA S.A.** denominado **PROGRAMA DE VITRINES** - e adotado em diversas fazendas brasileiras. Nele o criador observa as vantagens do cruzamento **PIEMONTESE x ZEBU**, dentro de sua própria fazenda e dentro de suas condições de manejo. Tudo isto com um acompanhamento técnico especializado e com um trabalho de ampliação do mercado da Raça Bovina Piemontesa. Além disto, está sendo organizada uma importação de animais para este ano, o que dará um novo impulso à raça neste início de década de 90.

PAULO RICARDO ZEMELLA MIGUEL
Médico-Veterinário
CRMV 4-3711



Mestizo 3/4 Sangue Piemontês - Nelore, com 2 anos de idade (Fazenda Laitin - SP)



Vista Parcial dos galpões onde se realiza o teste de performance.

CONTROLE DE DESENVOLVIMENTO DA GUZERÁ 1975/1986

Paulo Roberto Costa Nobre, Zootecnista
Antonio do Nascimento Rosa, Eng. Agr.
Luiz Antonio Josué, Zootecnista

O propósito básico deste trabalho é fornecer informações gerais sobre os resultados do controle de desenvolvimento ponderal (CDP) da raça Guzerá efetuado no período de 1975 a 1986. Neste período, 24.279 animais foram controlados ao nascer, provenientes de 100 fazendas, cuja distribuição pelos estados da Federação encontra-se na Tabela 1.

Em relação à última edição do controle ponderal da raça Guzerá (Rosa et al., 1985) verificou-se que, no período de um ano, houve o ingresso de 20 novos rebanhos tendo o CDP da raça Guzerá se estendido de 15 para 16 unidades da Federação. A nova unidade que passou a executar o CDP, neste período, foi o Distrito Federal. Em termos absolutos, os maiores crescimentos foram observados em Minas Gerais, Ceará, São Paulo e Paraíba.

Registrou-se o ingresso de 6.747 novos produtos, com uma taxa de crescimento de 38%. Minas Gerais, Ceará, Rio de Janeiro, Paraíba e Espírito Santo continuam se destacando, respondendo juntos por, aproximadamente, 73% do total dos 24.279 animais controlados ao nascimento. Vale ressaltar a participação dos Estados da região Nordeste, principalmente, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Bahia, onde foram controlados, aproximadamente, 37% do total de animais.

Ao nascer, a média de peso (Tabela 1) de bezerras Guzerá foi de 28 kg, tendo havido pouca variação entre Estados, excluindo-se Santa Catarina, cuja média, de 40 kg, foi superestimada, provavelmente em decorrência do pequeno número de animais neste Estado. Os pesos aos 205 dias variaram de 130 kg, observado no Ceará e Rio Grande do Norte, a 170 kg, para animais nascidos em Mato Grosso do Sul. A média geral da raça foi estimada em 140 kg. Aos 365 dias, a média geral foi calculada em 186 kg, com amplitude de variação igual a 71 kg,

variando de 166 kg, observada no Ceará, a 237 kg, para animais do Estado de Mato Grosso do Sul. Aos 550 dias, a média de peso dos animais Guzerá atingiu 249 kg, sendo observados pesos variando de 205 kg (Ceará) a 352 kg (Santa Catarina), embora com apenas 5 observações.

Na Tabela 2 são apresentadas as médias de peso de acordo com o sexo, enquanto que na Tabela 3 se encontram as médias em função do regime alimentar.

Comparando-se com os animais que permaneceram sob o regime de pasto, durante todo o período do controle ponderal (Tabela 3), aqueles em regime de confinamento, como era de esperar, apresentaram pesos médios superiores em todas as idades (189 kg aos 205, 300 kg aos 365 e 406 kg aos 550 dias). Em seguida, estão os ani-

mais semi-estabulados que alcançaram os pesos de 163 kg à desmama, 243 kg a um ano e 331 kg a um ano e meio. Em regime de pasto, os animais Guzerá apresentaram 137 kg aos 205, 182 kg aos 365 e 233 aos 550 dias de idade.

As médias brutas dos pesos ao nascer e às idades-padrão, de acordo com o ano de nascimento, são apresentadas na Tabela 4 e ilustradas na Figura 1.

Com média geral de 28 kg, o peso ao nascer manteve-se praticamente constante. Embora sendo pequenas as suas variações, o peso à desmama parece ter diminuído com o decorrer do período. Fato semelhante, conquanto menos evidente, pode ser observado com relação ao peso a um ano. Neste caso, os maiores pesos médios foram apresentados pelos

TABELA 1 Número de animais (N), médias de peso (kg) ao nascer e às idades-padrão e número de fazendas (NF) envolvidas por Estado (regime de pasto)

Estado	Idade								NF ^a
	Ao nascer		205 dias		365 dias		550 dias		
	N	Peso	N	Peso	N	Peso	N	Peso	
Alagoas	585	28	373	152	182	206	91	259	6
Bahia	1 210	28	456	149	150	192	68	237	7
Ceará	3 769	28	2 379	130	1 720	166	1 048	205	7
Distrito Federal	46	28	—	—	—	—	—	—	1
Espírito Santo	2 432	27	1 706	136	1 329	187	859	234	4
Goiás	375	28	210	158	165	222	80	282	1
Mato Grosso do Sul	171	30	94	170	62	237	32	314	1
Minas Gerais	6 050	29	3 403	147	1 949	196	1 044	261	24
Paraíba	2 549	29	1 407	145	625	188	354	242	5
Paraná	62	30	—	—	—	—	—	—	2
Pernambuco	1 424	28	673	137	373	182	227	237	13
Piauí	558	26	406	138	354	186	272	251	3
Rio de Janeiro	2 912	29	1 814	131	879	182	466	233	8
Rio Grande do Norte	244	28	94	130	38	200	21	309	4
Santa Catarina	25	40	9	164	7	259	5	352	1
São Paulo	1 977	29	1 193	149	815	192	576	257	13
Total	24 279	28	14 217	140	8 648	186	5 143	249	100

^aNF = número de fazendas com animais inscritos no CDP, ao nascer

animais nascidos em 1975 (190kg), 1978 (188kg), 1979, 1981 e 1982 (188kg). O peso médio aos dezoito meses foi, claramente, o mais descontinuo. Os maiores valores foram observados nos animais de 1977 (244kg) e 1948 (248kg).

Os resultados evidenciam a necessidade de uniformização dos critérios de seleção que vêm sendo aplicados de modo a se obter maior eficácia e atingir o melhoramento genético dos pesos da raça Guzerá.

TABELA 2 Número de animais (N) e médias dos pesos (kg) ao nascer e às idades-padrão, de acordo com o sexo - Brasil (regime de pasto)

Idade	Sexo			
	Machos		Fêmeas	
	N	Peso	N	Peso
Ao nascer	12232	29	12047	28
205 dias	6 946	146	7 271	135
365 dias	3 613	196	5 035	179
550 dias	1 812	260	3 331	229

TABELA 3 Número de animais (N) e médias dos pesos (kg) às idades-padrão, de acordo com o regime alimentar - Brasil

Idade	Regime Alimentar					
	Pasto		Semi-estabulado		Estabulado	
	N	Peso	N	Peso	N	Peso
205 dias	3521	137	41	163	101	189
365 dias	3521	182	41	243	101	300
550 dias	3521	233	41	331	101	406

TABELA 4 Número de animais (N) e médias de peso (kg) ao nascer, e às idades-padrão de acordo com o ano de nascimento - Brasil (regime de pasto)

Ano	Idade							
	Ao nascer		205 dias		365 dias		550 dias	
	N	Peso	N	Peso	N	Peso	N	Peso
1975	245	27	159	147	164	190	141	235
1976	1342	28	1140	141	853	182	560	235
1977	1309	28	980	136	588	186	349	244
1978	2196	28	1719	141	1061	189	601	240
1979	2145	28	1410	143	798	188	539	236
1980	2062	29	1789	138	1170	182	661	234
1981	2703	28	1515	139	933	188	674	243
1982	2291	28	1387	142	886	188	440	237
1983	2214	28	1549	140	965	184	676	241
1984	2694	28	1617	141	949	186	497	248

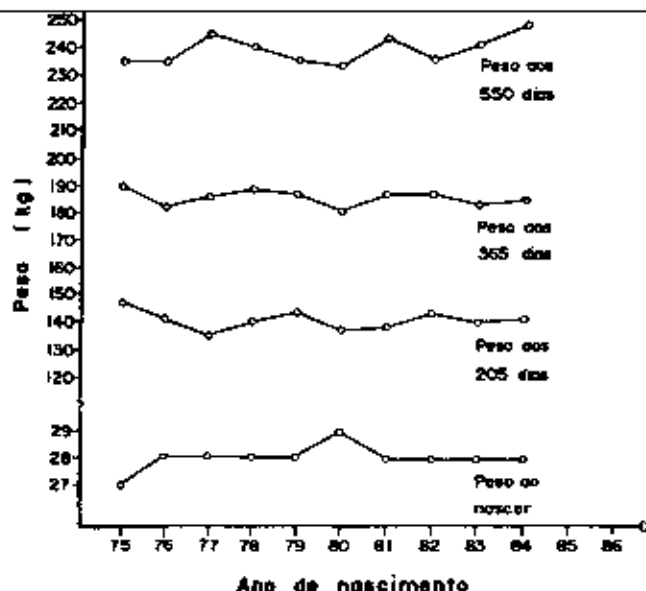


FIG. 1 - Evolução dos pesos ao nascer, aos 205 dias, aos 365 dias e aos 550 dias de idade dos animais da raça Guzerá.

Classificados



VIII LEILÃO A. F. FORTALEZA

36 fêmeas das mais nobres linhagens
Puro Sangue Árabe

DIA 23/4 - 20hs - PALACE - SP

Informações e Reservas:

Escr. da Fazenda (011) 285.1109 Remate: (011) 872.1722

FAZENDA E HARAS FORTALEZA

SERIEDADE - TRADIÇÃO - QUALIDADE - RAÇA

Via Anhanguera, Km 116 - Nova Odessa - SP - Tel. Fazenda (019) 66-1150

SINDI-vendas reprodutores, fêmeas semen Evered

reprodutores NELORE

Macho a Padrão - Pronto Cobertura
Tamengo e Rusticidade - Regime Pasto.
Fêmeas - Nelore Padrão

ALCEU RIBEIRO BUENO

Rua Cop. João Ev. Lima 163 - JIUVERAVA - SP, Cep. 14500

- Via Anhanguera, km 410 - Tel.: (016) 729-2464



GUZERÁ LEITEIRO

GADO: - Guzerá P.O. Leiteiro, BI-Mestigo 5/8 H 3/8
GU. Búfalos Jafarabadi Leiteiros, Cavalos Mangalarga, Caprinos e Ovinos.

ROBERTO MARTINS FRANCO

Faz. Lopedado - Cx.P.19 - Fone(016) 852.1499

14.660 - SALES DE OLIVEIRA - S.P.

Em Jussara - GO. Fax. S.Joachim da Arequipa

fotolito
criadores



REVISTA DOS CRIADORES - MARÇO DE 1990

Rua Venâncio Aires, 31 - Tel.: 263.8314 - Perdizes - Cep. 05024

"HANNOVERIANO" OU "HANOVERIANO" E "HANOVERANO" — COMO DEVEREMOS ESCREVER?

Gen. DIOGO BRANCO RIBEIRO
Janeiro/1990

As três maneiras diferentes escritas acima no título deste artigo, do nome dado ao maravilhoso tipo de cavalo alemão, cerca de pouco mais de uma década introduzido no Brasil, visando melhoramentos zootécnicos nos plantéis destinados às modalidades desportivas equestres, têm despertado dúvidas e, até certa incoerência, com a sistemática em uso para denominações de raças. O modo de escrevê-las corretamente ou de adaptá-las à nossa língua no locante a palavra em si.

Portanto, os alicionados do hipismo estão diante de uma interrogação, suscetível de críticas aos entendidos por absoluta falta de definição exata, capaz de dirimir incógnitas imaginárias vindas do acaso, sem a menor sustentação básica calcada em justificativas convincentes à grafia questionada para a designação racial.

Então, pergunta-se: qual a forma correta a ser adotada?, como induzi-la a formalização no ambiente equestre?, precisaria de uma doutrinação a respeito? e consultar-se a professor da língua alemã ou da língua portuguesa para nos ensinar a escrever? São indagações necessárias para uma perfeita consolidação das incertezas existentes entre criadores e amantes do cavalo.

Entendemos que, naturalmente, com sugestões técnicas ou não, aceitando mesmo o conceito popular: "a língua é o povo que a faz" chegar-se-á a maneira ideal de escrever o nome do tipo ou da raça em a preço, porém, conscientemente como sendo a mais ajustada ao idioma português.

Achamos imprescindível, antes de dar a nossa opinião final, repetir algumas observações feitas junto daqueles que nos acompanharam em julgamentos comentados nas exposições, quando chegaram da Europa os primeiros garanhões, e, também, assistiram de palestras e aulas de hipologia, onde pronunciávamos sempre "hanoverano", obviamente sem a letra "n".

O evento evolutivo do hipismo clássico europeu não, fez surgir, como se fosse uma realidade pessoal na juventude frequentadora de clubes hípicas a preferência maior pelo animal supostamente identificado por uma espécie de chancela ou marca registada oficial, caracterizando a famosa predominância da Condalaria de Celle, a 35 milômetros de Hannover, Alemanha. Os cavalheiros de escol, participantes de muitas

provas difíceis em concursos nacionais e internacionais, detentores de valiosos troféus, não se cansam com toda a veemência de dar suas opiniões abalizadas favoráveis ou negativas concernentes ao elite equino germânico. Todavia, todos os amantes do hipismo, jovens ou antigos concursistas atuantes, equinocultores ou membros da Associação de Cavalos de Hipismo, continuam escrevendo o nome do tipo do Cavalo indistintamente das três maneiras, o que não nos parece conveniente tal procedimento. Por isso, sugerimos a adoção normativa de ser escrita de acordo com a ortografia brasileira atual, etimologicamente mais correta, mantendo apenas um "n" e suprimindo a letra "l", que não apresenta nenhuma razão de ser na palavra agora aportuguesada — Hanoverano para o tipo animal e Hanoverana a Raça, quando for um dia congregada em Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Hanoverana, instalando-se oficialmente, com toda certeza, no próprio Parque da Água Branca, aqui na Paulicéia, cuja sede provisória é junto da Associação Brasileira de Hipismo, no momento.

Possivelmente, as considerações técnicas iniciais dadas aos esportistas hípicas, cientificando-os da excepcionais qualidades morfo-funcionais do cavalo hanoverano, partiram de mim, através de palestras, escritos em revistas especializadas e julgamentos em exposições.

Mostramos, em todas as oportunidades, tratar-se de um tipo de cavalo, em franca evolução zootécnica bem orientada com tendências de fixação padronizadora, morfológica e funcional específica desportiva, o que, aliás já está se concretizando nas performances comparáveis com os seus congêneres em disputas clássicas de êxito expressivos.

A Hipologia, ciência que estuda o cavalo e ensina a melhor maneira de explorá-lo, levou-nos com toda a facilidade de encantos à paixão para estudos aprofundados do hanoverano, como o fazemos com os demais equinos, nas versatilidades de objetivos sob todos os aspectos viáveis.

Primeiramente procuramos conhecer a sua história, temos ao lado do seu berço pela literatura hipológica, ficamos sabendo como nasceu e o porque do batismo recebendo o nome do hanoverano. Explicar-se

tudo isto na persistência do processo tecnológico perfeito, com experiências e pesquisas desenvolvidas ao longo dos tempos necessários, executadas por zootecnistas, médicos veterinários, engenheiros agrônomos, nutricionistas e equídeos, todos de alto gabarito profissional, pertencentes à Condalaria de Celle, em Hannover, na Alemanha. Avaliamos o trabalho de fôlego dessas equipes, notadamente por causa de algumas soluções de continuidade acontecidas, por motivos alheios à vontade dos pesquisadores, no decorrer do plano para atingir as metas. Entretanto, enfrentaram muitos entraves político-sociais, invasão de exércitos estrangeiros, falta de recursos de toda sorte para complementar o projeto, etc., mas, conseguiram o tipo morfo-funcional idealizado com perspectivas melhoradoras, visando desportos equestres diversificados, além da primitiva atividade militar comprovada na cavalaria e na artilharia de campanha das forças nazistas, durante a Segunda Grande Guerra Mundial.

As raças equinas, via de regra, tradicionalmente por analogia, recebem o nome da localidade ou da região onde se originaram, sendo selecionadas em caracteres morfo-funcionais objetivando utilizações específicas ou não, destinadas ao melhor desempenho da comunidade que as explora, tornando-as estimadas e famosas por toda parte. Há muitas delas, pelas transmigrações espalhadas mundialmente, são consideradas cosmopolitas, adaptando-se nas mais variadas situações mesológicas, topográficas e ecológicas, com acentuadas modificações climáticas extremas, ora suportando estiagens prolongadas sob escaldantes raios solares ou excessos de chuvas pesadas, como, também, aguentando o rigor do frio, quase sempre acompanhado do fenômeno de geadas enormes e até de fortes nevascas. As possibilidades de sobrevivência existem em todas as latitudes e longitudes da face terrena, desde que lhes sejam permitidas a movimentação no solo, havendo alimentos suficientes, inclusive águas isentas de poluições, de modo a poderem oferecer prestações de serviços aos interessados, conforme as atividades econômicas usuais nos ecossistemas em exploração. Nos polos e zonas demasiadamente congeladas a vida e o trabalho lhes são impraticáveis. Entretanto, em determinadas regiões dos países nórdicos, como na Noruega, Suécia, Finlândia e Rússia, especialmente na Sibéria, etc., em que as baixas temperaturas se prolongam às vezes por muitos dias, embora certos afazeres precisem ser realizados nos quais os cavalos traçavam vulturas típicas ou trenós, arrastam das matas toras de madeira ou puxam veículos bélicos nas operações táticas e estratégicas pelas estapas ou nos locais previstos para os devidos treinamentos militares.

Todas as raças equinas contribuíram com expressiva parcela para o progresso da humanidade, emprestando utilizações múltiplas no ruralismo, nas aplicações militares do passado, no hipismo diversificado, no lazer, na indústria e seus despojos, no comércio os seus subprodutos, na hipolo-



*Garanhão Hanoverano.
Tipo Moderno Leve.
Importado pelo Haras Itapua, propriedade do
Condomínio Reprodutor DELREY.*

gia, nos entretenimentos artísticos circenses, no turfe, no policiamento urbano, na laborterapia, etc... É principalmente, na defesa da saúde humana e da sanidade animal, fornecendo o precioso sangue para a fabricação de sêres e vacinas, seja a razão maior de sua importância perante a sociedade, talvez até por falta absoluta de alternativas sucedâneas no preparo de tais medicamentos específicos. Neste particular, todas as raças cavalares têm dado meritória colaboração à humanidade.

Os equinos considerados puros de "pedigree" pertencem às respectivas associações de raça, com "stud-books" próprios para os devidos registros genealógicos obrigatórios, de acordo com regulamentos rígidos na execução, que lhes dão autenticidade racial e competente valorização, sujeitos ao controle fiscal da C.C.C.N. (Comissão Coordenadora da Criação do Cavalão Nacional), órgão oficial subordinado ao Ministério da Agricultura.

A hipotécnica com toda a metodologia em prática, agora enriquecida pela moderna engenharia genética, propiciou contribuições importantes para os melhoramentos zootécnicos e genéticos, preconizando infusões sanguíneas nobres em cruzamentos criteriosos, visando a formação de novas raças ou tipos cavalares com finalidades programadas especialmente.

Assim, em última análise, as raças surgem através de demoradas tentativas tecnológicas bem orientadas e recebem, por analogia com as demais já implantadas, o nome da região ou da localidade onde foram incentivadas para a devida homologação. É o caso do **hanoverano**. Embora, também, existam raças e tipos de animais conhecidos pelo nome de seus criadores ou dos técnicos codificadoras dos respectivos eventos, que se responsabilizaram pela formação, promovendo uma determinada

marca, com plena caracterização de valores obtidos, tornando-os famosos e estimados perante o setor especializado a que pertencem. Por exemplo: J.O., letras que compõem o desenho da **marca** conhecidíssima do fazendeiro José Oswaldo Junqueira, um dos pioneiros pelos melhoramentos zootécnicos do cavalo mangalarga paulista, identifica qualidades e fama do plantel; **BT** é a tradicional **marca** hoje do Dr. Flávio Bastos Telechea, criador de Crioulo no Rio Grande do Sul, que simboliza uma famosa linhagem morfo-funcional racial resultante de esclarecida infusão sanguínea chilena; **NA** é a **marca** de Nagib Audi, maior arabista da América do Sul, cujos produtos dessa **marca** são muito bem cotados em todos os leilões; etc... (Fugiríamos à finalidade do presente artigo se nos extendermos às principais famosas **marcas** de equinocultores de outras raças).

O **hanoverano**, no momento, goza de alta reputação no ambiente equestre europeu, não só pelas versatilidades de empênhos, porém, notadamente, nas modalidades clássicas do hipismo, cujas revelações extrapolam o Velho Mundo, atingindo países novos em desenvolvimento como o nosso, em que o modismo sofisticado dos esportistas hípicas recomenda sempre importá-lo ao invés de outros tão consagrados em provas de campeonatos oficiais. Portanto, a influência modista prevalece na preferência de muitos jovens cavaleiros.

A tecnologia, magnificamente praticada por zootecnistas brasileiros, objetiva obter produtos aprimorados oriundos de linhagens sanguíneas de elite **hanoverana**. Os mestiços resultantes dos acasalamentos com matrizes básicas, desde que apresentem conformação morfológica harmoniosa do exterior e estrutura óssea compatíveis de conjunto, também, podem prosseguir nas experimentações genéticas num verdadeiro

processo de lapidação científica. Obviamente, é um árduo método hipotécnico de competência profissional, que exige tempo, recursos financeiros e abnegação à causa nobre, possibilitando mesmo a fixação de 5/8 na sequência da escolha de cruzamentos programados ou, talvez apareça daí uma nova raça com predicações tão específicos inesperados... quem sabe?

O tema para os hipólogos é, sem dúvida, extremamente apaixonante, por causa da aceitação máxima alcançada nos países em que a equinocultura está bem mais adiantada e, conseqüentemente, o hipismo faz parte do entusiasmo de quase todas as classes sociais das comunidades praticantes, preferindo o cavalo **hanoverano**. Nos últimos concursos, segundo estatísticas publicadas em informativos especializados, mostram expressivas performances registradas em relação aos outros de reconhecido potencial desportivo.

Parece-nos haver agora um movimento bastante agressivo em fomentar o **hanoverano** pelos patricios interessados, procurando até novas importações de animais selecionados, procedentes da Caudalaria de Celle, portadores de carga genética comprovada, imprescindíveis para os melhoramentos dos nossos planteis, a fim de atender a grande demanda, aproveitando o modismo da época ciclica atual em que o cavalo atleta alemão ainda continua na "crista da onda".

OBSERVAÇÃO: -Também, ainda por analogia, escrevemos da mesma forma do **hanoverano** os tipos de cavalos seguintes: luzitano, lipizano, texano, guarapuaviano, etc., ao invés de luzitano, lipizano, texano, guarapuaviano, etc., onde a letra "j" não tem nenhuma significação que a justifique.



Alzido importado da Argentina, hoje aos 10 anos de idade, é um reprodutor ideal para a formação de futuros campeões. Desce, na linha paterna de DONAR, por ARGUS, e DUELLANT, neto de DETEKTIV - este nascido em 1943 tendo deixado 33 filhinhos aprovados garanhões que ganharam nas pistas de salto e adestramento 513.000 DM e 62 filhas ganhadoras de prêmios nacionais na Alemanha. Na linha materna, é filho de LA ISABELLA CARAMBA, por FLUGSAND, um excelente reprodutor de cavalos de salto. Em particular, CARDENAL pai de dois extraordinários garanhões: IMEN PLATANO E IMEN AUSTERIT.



POR QUE A RAÇA JERSEY ?

QUE VANTAGENS OFERECE ?

RENTABILIDADE

Segundo o NEW York and Northeast Dairy Herd Improvement Program Summary, editado em 1986, o rendimento líquido das vacas Jerseys sobre as Holandesas no que se refere a custos dos alimentos, é de 14,18% em favor da vaca Jersey.

EFICIÊNCIA

A vaca Rocky Hill Favorite Deb produziu em uma única lactação, 16.275 kg de leite, e 872kg de gordura (com 5,4% de matéria gorda). Isto corresponde a uma produção 32,6 vezes maior que o seu próprio peso. Em suas quatro primeiras lactações Favorite Deb produziu 47.942kg de leite, e 2.595 kg de gordura.

ISTO É EFICIÊNCIA

PREPONDERÂNCIA

Os 51 touros em atividade no programa de Inseminação Artificial que figuram no sumário de reprodutores (divulgado pelo USDA - UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE) publicado em julho de 1988, apontam como média um acréscimo de 424 kg de leite e 18 kg de gordura.

Estas cifras são superiores às suas correspondentes de outras raças de gado leiteiro. Isto tem ajudado as vacas da raça JERSEY a terem um aumento de 20% sobre a produção nos 6 primeiros anos de vida.

PRECOCIDADE

Existem vários exemplos de vacas da raça JERSEY extremamente precoces e produtivas.

No estado americano de Pensilvânia, uma vaca Jersey de dois anos produziu 9.993 kg de leite e 488 kg de gordura. No estado de New Jersey, uma vaca da raça Jersey produziu aos dois anos de idade 7936 kg de leite e 376 kg de gordura, e nas suas seis lactações seguintes, produziu mais de 9072 kg de leite e 454 kg de gordura em cada lactação. Isto quer dizer que recupera-se o desembolso em menor tempo.

LONGEVIDADE

No estado da Califórnia a vaca Sunny King Berna produziu 111.255 kg de leite e 6.646 kg de gordura durante sua vida. Record mundial de produção de gordura, entre todas as raças.

No estado de Ohio, Basil Lucy Minnie Pansy produziu 126.857 kg de leite e 6.150 kg de gordura durante sua vida de mais de 21 anos. A média de produção durante seus

5.667 dias de lactação foi de 22,4 kg de leite, e 1,1 kg de gordura ao dia.

Isto significa que o rendimento do investimento dura mais tempo.

ADAPTABILIDADE

A vaca Jersey não tem barreiras: nem climáticas nem geográficas. Ela tem prosperado em todos os climas e condições. A tolerância que demonstra frente ao calor e ao frio, assim como a facilidade no que concerne a concepção e ao parto faz com que seja perfeitamente adaptável às mais variadas condições climáticas.

QUALIDADE DO LEITE

O leite Jersey tem mais sólidos totais para conquistar a preferência do consumidor devido ao sabor superior quando vendido na sua forma original, obtendo-se vantagens em muitos mercados diferentes. Mais de 65% de todo leite vendido nos ESTADOS UNIDOS é através de produtos processados como manteiga, queijo, iogurte, sorvetes, etc. Muitas fábricas que processam os produtos lácteos, baseiam o preço pago ao produtor de leite sobre os rendimentos dos produtos, sistema chamado "END PRODUCT PRICING" - Preços baseados na qualidade do produto final. O leite Jersey tem o teor de proteína mais elevado que todos os outros leites, e novamente leva-se vantagens ao vender-se o leite sobre este aspecto.

Maior lucro na venda de leite para os donos das vacas Jersey

CRUZAMENTO

Os machos provenientes dos cruzamentos da raça Jersey têm excelente aceitação no mercado.

Os fazendeiros gostam dos resultados como os partos fáceis, o alto rendimento do leite, a fertilidade, e a alta qualidade da carne das raças cruzadas.

VANTAGENS

A Jersey leva vantagens sobre as outras raças. Segundo os dados fornecidos pelo "NATIONAL DAIRY HERD IMPROVEMENT ASSOCIATION" nos ESTADOS UNIDOS, a Jersey tem maior eficiência que a raça Holandesa sobre muitos aspectos: menor número de coberturas por concepção, intervalo reduzido entre partos, menor intervalo entre lactações, animais mais jovens no primeiro parto, maior longevidade, enfim, maior número de bezerros por vaca. (Trabalho publicado pela "The American Jersey Cattle Club").

CRIE JERSEY

Maiores informações: Associação dos Criadores de Gado Jersey do Brasil
Avenida Francisco Matarazzo, 455 - telefone: 262-0588 - 05001 Água Branca - São Paulo - S.P.

MANEJO E USO DE CAPINEIRAS

Antônio Ricardo Evangelista¹

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se, já de muito tempo, que as condições climáticas brasileiras fazem com que haja um período de disponibilidade de forragem verde e nutritiva e outro período em que a forragem é escassa e de baixa qualidade para o uso na alimentação de ruminantes. Esta situação tem levado o agropecuarista a adotar medidas que evitem ou amenizem os prejuízos causados por morte de animais em função da falta de alimentação adequada ou queda acentuada da produção de leite ou carne do rebanho.

Dentre os recursos dos quais o agricultor pode lançar mão, pode-se citar o sistema de armazenar forragem verde (ensilagem), armazenamento de forragem seca (fenação) ou uso de capim para corte, produzido nas chamadas capineiras. Ressalta-se desde logo que as capineiras, se bem utilizadas, sendo o capim cortado em épocas adequadas, constituem recurso valioso, produzindo forragem de boa qualidade, baixo custo, alto rendimento por unidade de área (Quadros 1A, 2A e 3A) e proporcionando volumoso suficiente para o uso em épocas críticas da produção de pastagens.

2. USO TRADICIONAL DAS CAPINEIRAS

Na maioria das propriedades agrícolas existem as áreas destinadas às capineiras, que são variáveis em tamanho e quase sempre não levando em consideração o número de animais a serem tratados com o produto forrageiro dessas áreas. São dados a estas capineiras os mais diferentes tipos de manejo, onde, na maioria dos casos, apenas cortam o capim, sem fazer a reposição de nutrientes e, em outros, esta reposição é feita somente com adubo orgânico.

¹ M.Sc., D.Sc., Professor do Departamento de Zootecnia da ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE LAVRAS - LAVRAS - MG.

As variedades de capim mais empregadas são as do "grupo elefante" (*Pennisetum purpureum* Schum.), também conhecidas por Napier, que na verdade é uma das variedades deste grupo.

A forma usual de utilização da capineira consiste basicamente em se fazer um único corte por ano, "sendo que quem procede assim está explorando o recurso de forma errada", pois a eficiência neste caso é seriamente comprometida. Fazendo um único corte do capim por ano, os animais estarão consumindo forragem de baixa qualidade porque o capim que inicia o crescimento em outubro/novembro, só começa a ser utilizado a partir de março/abril, com seis meses de idade ou mais; e, então, quando o corte da forragem se estende aos meses de junho/julho, com cerca de 200 dias, a mesma está totalmente fibrosa e lignificada, com baixa digestibilidade e baixo teor protéico (Quadros 1 e 2); é, desta forma, de baixo valor

alimentar e se torna um alimento de alto custo. Assim, em função da baixa eficiência, não justifica o gasto para o corte, picagem e fornecimento aos animais.

3. USO RACIONAL DAS CAPINEIRAS

Para o uso racional que se propõe, o capim produzido nos meses de verão deve ser armazenado para ser utilizado quando a sua disponibilidade é reduzida. Assim procedendo, o capim deverá ser cortado duas a três vezes por ano, executando-se o primeiro corte com a finalidade de ensilar e o segundo e terceiro (rebrotas) para fornecimento no cocho e/ou para ensilar novamente.

O capim, no manejo racional, é cortado aos 80 e aos 90 dias após início de crescimento, com cerca de 1,5 a 2,0 metros, obtendo-se desta forma um bom rendimento e valor nutritivo dos capins

QUADRO 1 - Desempenho de animais em crescimento, em função do valor nutritivo do capim elefante em dois sistemas de utilização.

Parâmetros	Capim Maduro	Rebrota + Silagem de capim
Ganho de peso (g/novilha/dia)	- 153	148
Consumo de volumoso (kg MS/novilha/dia)	8,8	18,0
Digestibilidade de Matéria Seca (%)	25,8	32,0
Proteína bruta (%)	4,3	5,8
Produção de Matéria Seca (t/ha)	10,2	11,9

FONTE: Muniz citado por CARVALHO (5) (adaptado)

QUADRO 2 - Variação no teor de proteína bruta e na produção de matéria seca, do capim elefante (A - 146 Taiwan), em função do avanço da idade

Idade (dias)	Altura da Planta (m)	Proteína Bruta (% MS)	Produção de Matéria Verde (t/ha)
28	0,78	15,3	9,0
56	1,73	8,4	33,8
84	1,84	4,8	38,5
112	2,73	4,1	44,2
140	2,86	4,2	51,9
168	2,91	2,5	42,5
196	3,16	2,3	41,1

FONTE: ANDRADE & GOMIDE (1)

grupo elefante (Quadros 1 e 2). No entanto, nesse estágio essa forragem apresenta teor de água elevado para se proceder à conexão da silagem, sendo necessário o uso de alguns recursos adicionais para a produção de boa silagem (Quadros 2A e 4A).

4. RECURSOS PARA PRODUÇÃO DE SILAGEM DE CAPIM

a) Pré-murchamento: consiste em deixar o capim cortado exposto ao sol, antes de ser picado, por período variável entre 4 a 10 horas. Com isso o material perde parte da água, e será ensilado com maior percentagem de matéria seca, proporcionando fermentação mais adequada e, conseqüentemente, boa silagem (Quadro 3).

A prática de pré-murchar o capim, em função do aumento de qualidade, muitas vezes não justifica o aumento de mão-de-obra da colheita, fato que tem sido discutível hoje em dia.

QUADRO 3 - Efeito do murchamento por cinco horas, na forragem de capim elefante.

	Matéria Seca (%)	Proteína Bruta (%MS)	pH	Ácido Lático (%MS)
Emurchado	26,6	6,88	3,8	3,8
Sem emurchar	19,7	6,73	4,3	4,3

FONTE: FARIAS & GOMIDE (9) e MACHADO FILHO & MULLBACH (16) (adaptado).

b) Uso de produtos ricos em carboidratos: esses facilitam a fermentação láctica porque fornecem carboidratos para os microorganismos que atuam na forragem ensilada, auxiliando o rápido abaixamento do pH e conseqüente conservação adequada (Quadro 4).

Esses produtos adicionados no momento de ensilar são os seguintes:

1. Cana-de-açúcar picada - na produção de até 20%.

2. Melaço diluído 3:1 (água:melaço) na proporção de 3%, regado sobre a forragem à medida que vai enchendo o silo.

3. Fubá de milho pode ser empregado na proporção de até 10%, o que tem resultado em silagem de boa qualidade, porém tem tido limitações econômicas, em função do alto custo do milho no mercado nacional.

c) Uso de aditivos comerciais: são encontrados no comércio, propondo os efeitos mais diversos, como, por exemplo: cultura bacteriana, fornecer carboidratos, fornecer ácidos, tudo isto com a finalidade

QUADRO 4 - Efeito da adição de melaço ou cana-de-açúcar ao capim para ensilar.

	Matéria Seca (%)	Proteína Bruta (%MS)	Consumo de Matéria Seca Digestível (g/kg)	Digestibilidade (%MS)	Carboidratos (%MS)
Capim	26,5	3,9	11,0	54,8	2,2
Capim + 3% de melaço	27,2	4,5	12,3	53,9	3,4
Capim + 30% de cana	-	-	-	51,4	-

FONTE: VEIGA & CAMPOS (22) e SILVEIRA (20) (adaptado).

de de auxiliar a fermentação rápida e adequada. No entanto, convém certificar-se de que o produto seja realmente eficiente, para depois adquiri-lo e usá-lo em maior escala. Não raras vezes têm ocorrido insucessos por usos indevidos de aditivos comerciais na produção de silagem.

No caso do uso de aditivo comercial, fazer a compra de firma idônea, certificar-se da dosagem recomendada e para qual forragem ele é mais indicado e, se possível, testá-lo em menores quantidades no primeiro ano, adquirindo maiores porções, uma vez comprovada a eficiência do mesmo.

d) Uso do aditivo caseiro (milho desintegrado com palha e sabugo MDPS): sendo menos oneroso que o fubá não apresenta os riscos do aditivo comercial; pode ser preparado em qualquer propriedade agrícola com o mínimo de recurso e tem sido observada boa eficiência. Esta é devida, principalmente, aos seguintes fatores: composição (88% MS, 7,8% PB, 61% NDT) e componentes do MDPS (palha e sabugo) que normalmente não são utilizados na propriedade agrícola, têm a ação de baixar a unidade da forragem ensilada. O fubá, que compõe este aditivo, tem efeito positivo no fornecimento de carboidratos para melhorar a fermentação; os grãos de milho quebrados (quira) que também estão presentes no MDPS, quando no silo, absorvem unidade

de da massa ensilada, o que é desejável. Além disso, essas frações de grãos de milho umedecidas, ao serem consumidas pelo animal, são melhor digeridas se comparadas com o grão inteiro ou mesmo com a fração grosseira do fubá, quando consumidos na forma natural.

Outras vantagens do uso do MDPS: o milho colocado no silo está livre do ataque, principalmente de ratos e canchãos, muito comuns em parásitos ou tulhas. Além disso, esse milho colocado no silo leva à produção de silagem melhor, o que implica no menor gasto com concentrados, em função da melhor qualidade do volumoso obtido.

Quantidade a adicionar: bons resultados têm sido observados com proporções acima de 4% em peso, não devendo ultrapassar a 10%, por questões econômicas. A dosagem ideal é 6%, proporcionando excelente silagem (Quadro 5).

Formas de adição do MDPS: depende do método de colheita a ser empregado:

1. Colheita mecânica (material cortado e picado no campo com uso de colhedeiras - ensiladeiras), neste caso o MDPS é colocado no silo, misturando-se à medida que se vai carregando-o com capim picado. Deve-se ter o cuidado para que a mistura seja bem feita, distribuindo o MDPS de modo a não formar montículos. Não é recomendável a colocação do MDPS por camadas, pois assim não tem ação eficaz.

QUADRO 5 - Efeitos da adição de MDPS ao capim Cameroon para produção de silagem

Trat	Consumo Matéria Seca g/UTM		Digestibilidade "In Vivo" (%)			
	Capim Novo	Capim Velho	Capim Novo	Capim Velho	Capim Novo	Capim Velho
0% MDPS	30	34	49	45	41	32
2% MDPS	30	39	52	47	48	43
4% MDPS	34	38	57	49	48	33
6% MDPS	35	38	52	52	48	50
		Idade (dias)		Matéria Seca (%)		Proteína Bruta (%)
* Capim Novo		90		20		8,0
** Capim Velho		180		37		5,0

FONTE: EVANGELISTA (7).

2. Colheita manual (O capim é cortado manualmente e depois picado em ensiladeira) - neste caso o MDPS deve ser colocado junto com o capim que entra para a ensiladeira para ser picado. Cada feixe de capim que é colocado na máquina é acompanhado da porção adequada de MDPS, assegurando-se, assim, que ocorra mistura perfeita, ficando a silagem semelhante à silagem de milho.

5. FREQUÊNCIA E ALTURA DE CORTE DO CAPIM

O capim, que é cortado em meados de fevereiro para ensilar (manejo racional), tem condições de rebrotar e produzir mais um corte dentro de cerca de 60 dias (abril/mayo), cuja produção pode ser ensilada novamente, ser oferecida no cocho (verde picado), ou ainda a rebrota pode ser utilizada em pastejo direto (Quadro 6).

O primeiro corte, principalmente quando se vai aproveitar a rebrota, deve ser feito próximo à superfície do solo, o que na prática acaba ocorrendo a cerca de 10 a 15 cm. Nos próximos cortes, a altura é de cerca de 20 cm.

QUADRO 6 - Efeito da frequência de corte sobre a produção de matéria seca e composição do Capim-Elefante.

Intervalo de cortes (dias)	Produção kg de Matéria Seca/ha	Digestibilidade (%)	Proteína Bruta (%)	Matéria Seca (%)
40	2.270	66,1	9,9	14
60	41.100	56,2	7,9	17
90	63.300	41,7	5,4	25

FONTE: FARIA & CORSI (8)

Para explorar a capineira no ritmo recomendado, deve-se levar em conta a grande remoção de nutrientes do solo, procurando manter a fertilidade com a reposição dos mesmos, através de adubação.

6. FORMAÇÃO DE CAPINEIRA PARA USO CORRETO

A boa capineira tem início no preparo adequado do solo, com aração, mais profunda para facilitar a penetração das raízes.

Após a aração e antes da gradagem, aplicar o calcário conforme recomendações baseadas em análises de solo. Uma vez arado, aplicar o corretivo e feita a gradagem, sulcar a área de metro em metro, à profundidade de 20 centímetros, fa-

zendo-se o plantio profundo, colocando-se pouca terra sobre a muda, apenas o suficiente para cobri-la. O sulco profundo facilita o entrançamento das plantas.

A planta fornece boa muda quando tem mais de 100 dias, não sendo necessário fracioná-la; pode ser plantada inteira, com presença de folhas, no início das chuvas. Deve-se ter o cuidado de cruzar o pé de uma planta com ponta de outra, ao colocar as mudas nos sulcos, pois as gemas da ponta da planta não brotam bem. Após a brotação os espaços sem plantas devem ser replantados, evitando-se áreas descobertas, o que facilita a multiplicação de invasoras.

A adubação é feita antes de colocar a muda no sulco, em dose de acordo com a recomendação baseada em análise do solo. Recomenda-se fazer a mistura do adubo com a terra, o que pode ser feito passando o "olho" da enxada no sulco, após distribuição do adubo.

O ideal é adubar conforme a condição do solo, porém existe a sugestão: 40-50 kg/ha de nitrogênio, 20-40 kg/ha de fósforo e 40-60 kg/ha de potássio. Não usando adubo químico, pode-se usar 20-30 t/ha de esterco de curral, o que corresponde a cerca de 2 a 3 kg por metro de sulco.

7. CUIDADOS COM A ÁREA DE PRODUÇÃO DE CAPIM PARA CORTE (Capineira)

Os capins do grupo elefante (*Pennisetum purpureum* Schum.), principalmente o "Cameroon", crescem muito rapidamente e apresentam grande produção por área. Desta forma, é necessário cuidado na preparação do solo, correção e fertilização, para garantir a produtividade.

Na manutenção da fertilidade do solo, deve-se dar especial atenção ao potássio, elemento removido, em grandes quantidades, de áreas onde a forragem é retirada para conservação ou para fornecimento no cocho. A reposição de nutrientes deve ser feita, de preferência após cada corte ou, na pior das hipóteses, pelo menos uma vez por ano.

Para adubação de reposição (manutenção), tem-se como sugestão a aplicação de 20 kg/ha de fósforo, 60 kg/ha de potássio e 40 kg/ha de nitrogênio, após cada corte. Esta recomendação leva em consideração o uso de 20 t/ha de adubo orgânico; caso não se use adubo orgânico, dobrar a dose do adubo químico.

O uso contínuo de adubo orgânico causa aumento da acidez do solo, e, quando necessário, aplicar o calcário na capineira formada.

CAPINAS: normalmente uma capina em cada período de produção para corte é suficiente para manter a capineira livre de

invasoras, o que é importante para obter bons rendimentos.

8. VANTAGENS DA ADOÇÃO DO MANEJO ADEQUADO EM CAPINEIRAS

O capim, que é cortado com 1,5 a 2,0 metros (primeiro corte), bem como o do segundo corte, apresenta bom teor de nutrientes, bom valor nutritivo, boa digestibilidade e é bem aceito pelos animais. Está disponível na forma de silagem ou de capim para corte numa época de falta de alimentos, que é o inverno frio e seco, característico em muitas regiões brasileiras.

Outras vantagens do uso adequado da capineira estão no fato de que os animais que recebem suplementação alimentar (silagem, feno ou verde picado) mantêm peso na época da seca, mantêm produção de carne ou leite, ficam menos sujeitos a doenças e reiniciam o período de disponibilidade de pasto em condições de aproveitar bem as pastagens. O produto obtido, como a carne, por exemplo, é de melhor qualidade; cai a percentagem de mortalidade de animais na propriedade; os animais não precisam ser abatidos com peso inferior ao ideal e o agropecuarista pode esperar melhor preço para comercializar o produto, sem necessidade de se desfazer do rebanho às pressas.

9. USO DA CAPINEIRA PARA PASTEJO COM POSTERIOR VEDAÇÃO (ALTERNATIVA)

Pode-se também adotar o método em que os animais são colocados na área da capineira para pastejarem o capim que vai crescendo com o início das chuvas. Os animais pastejam até o final de dezembro e daí em diante veda-se a capineira (retiram-se os animais) para corte. Neste caso, o capim vai ser cortado uma vez, em meados de março/abril.

A colheita do material para ensilar em março/abril tem a vantagem de evitar a época de chuvas frequentes, pois neste período as precipitações já estão diminuindo. A ocorrência de chuvas não impede, mas dificulta as operações de produção de silagem, trânsito de máquinas etc., razão pela qual muitos pecuaristas preferem este método onde se faz pastejo e depois veda-se a área para o corte, evitando, assim, o período de chuvas mais frequentes.

10. USO DO SILO TIPO SUPERFÍCIE

Qualquer tipo de silo existente na propriedade pode ser empregado para ensilar capim: porém nos últimos anos, o silo "a-

po superfície vem crescendo em utilização, justificada pela facilidade de operação (carga e descarga), baixo custo e ainda pelo fato de ser mais fácil ensilar capim em superfície do que milho ou sorgo, em função do capim ser úmido, o que facilita a compactação.

O silo de superfície (Fig.1), consiste em fazer um amontoado de forragem picada e compacta (travessero), normalmente de formato retangular e seção trapezoidal, coberto com lona plástica, de tal forma a não permitir contato do ar ou água com a forragem ensilada.

A lona colocada para vedar o silo deve ser coberta com algum material (capim, palha etc.), que auxilie na expulsão do ar, proteja a lona contra ação do sol, aumentando sua duração. Além deste efeito, a cobertura reduz a condensação de água entre a lona e a forragem, o que diminui as perdas por umidade excessiva nesta faixa de silo.

O silo de superfície deve ser bem protegido com cerca, evitando-se acidentes que possam causar perfurações na lona, através da ação de animais ou pessoas desavisadas.

O tamanho do silo de superfície varia com a quantidade de forragem a ser armazenada, em função do número de animais a serem tratados e o tempo de tratamento dos mesmos. Não se recomenda ultrapassar a 2,0 metros de altura, o que dificulta a compactação com uso de máquina ou animal, pelo fato deste silo não possuir paredes.

Para facilitar cálculos de planejamento, tem-se que 1m³ de silo de superfície comporta 300-400 kg de silagem e cada animal consome cerca de 25-30 kg de boa silagem por dia.

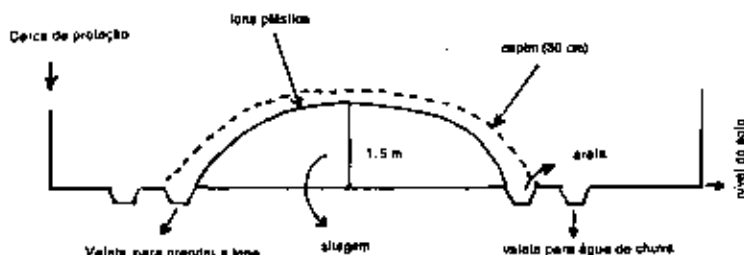


Figura 1. Vista frontal de um silo de superfície
Fonte: Evangelista (6)

QUADRO 2A - Caracterização de silagem de capim produzida com uso de fubá mais aditivo comercial.

Parâmetros	Fubá	Fubá + Aditivo
Matéria Seca %	27,2	24,9
Proteína Bruta (% na Matéria Seca)	4,6	4,7
Produção de Leite (kg/vaca/dia)	10,0	10,0
Gordura Leite (%)	3,5	3,4
Consumo Silagem (kg/vaca/dia)	25,2	25,5
Varição de Peso (kg/vaca/dia)	-0,042	-0,061

FONTE: VILELA (23)

QUADRO 3A - Produção de Matéria Verde e Matéria Seca de dois cultivares de Capim-Elefante cortados aos 60 dias de desenvolvimento.

Cultivares	Matéria Verde t/ha	Matéria Seca t/ha
Mineiro	70,3	10,7
Vruckwona	83,2	12,3

FONTE: LAVEZZO (15)

QUADRO 4A - Efeito da adição de produtos secos sobre a silagem do Capim-Elefante

Tratamento	Matéria Seca (%)	pH	Ácidos Orgânicos % MS		
			Lático	Acético	Butírico
Testemunha	19,4	4,4	6,9	1,2	0,11
20% Fubá	32,8	4,3	4,7	0,6	0
15% Feno Rhodes	28,6	4,2	5,3	0,9	0
15% Palha Arroz	29,4	4,3	4,4	0,9	0
15% Feno Soja	37,3	4,4	3,5	0,7	0

FONTE: FARIA (8)

APÊNDICE

QUADRO 1A - Produção de massa verde (total de 12 cultivares de Capim-Elefante na região de Sete Lagoas - MG)

Cultivares	Inverno 68	Verão 68/69	Total 4 cortes
Mineiro	20,3	180,1	200,4
Napier de Goiás	16,2	149,9	166,1
Molte de Volta Grande	18,5	140,7	159,2
Costa Rica	9,0	119,5	128,5
Albano	9,0	104,9	113,9
Pusa Napier n°1	10,8	97,5	108,3
Pusa Napier n°2	10,8	94,4	105,2
Pusa Napier Gigante	9,6	91,7	101,3
Gigante de Pinda	6,3	80,9	87,2
Híbrido Gigante	6,6	75,2	81,8
Porto Rico 534	7,6	67,8	75,4
Porto Rico	4,4	25,6	30,2

FONTE: Carvalho et al. citado por CARVALHO (5).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ANDRADE, F., ARRUDA, M.L.R. & BARUDUI, F.M. Recomendação e prática de adubação e calagem em pastagens para o Região Sudeste do Brasil. In: SIMPÓSIO SOBRE CALAGEM E ADUBAÇÃO DE PASTAGENS. 1. Nova Odessa, 1986. Anais... Piracicaba: PATCOFOS, 1986. p.346-63.
- ANDRADE, J.A. Curva de crescimento e valor nutricional do capim-elefante (*Pennisetum purpureum* Schum.) A 146 Taiwan. Revista da SBZ Viçosa, 1(1) 37-50, 1972.
- ARRUDA, N.G. de & COLLADO, A.L. Ensilagem. Itabora: CEPLAC-CEPEG, 1934. 34p.
- CANTO, A. de C. TEIXEIRA, L.B., MEDeiros, J.C. & CARBAHAL, A.C.R. Aliviar da corte em capim-elefante (*Pennisetum purpureum* Schum.). Solvay, Viçosa, 3(153) 18-25, jul/ago 1973.
- CARVALHO, J.A. Capim-elefante (*Pennisetum purpureum* Schum.). Importação e utilização de uma espécie. Caronai Pacheco. EMBRAPA-CNPGI, 1981. 16p. (Circulo Técnico, 12).

6. EVANGELISTA, A.R., ROCHA, G.P. & ARRUDA, N.G. de. **Silagem, ensilagem e tipos de silos.** Lavras, ESAL, 1981. 17p. (Boletim Técnico ESAL - COORDEIX).
7. TEIXEIRA, J.C., BENTO, L.A. & PERON, A.Z. Uso do milho desintegrado com palha e sargento na forma de aditivo para produção de silagem de capim-elefante (*Pennisetum purpureum* Schum). In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 24. Brasília, 1987. Anais... Brasília, 1987. p.191.
8. FARIA, V.P. de & CORSI, M. Atualização em produção de forragem. Piracicaba, FEALQ, 1986. 77p.
9. FARIAS, I. & GOMIDE, J.A. Efeito de emurchecimento e da adição de rasos de mandioca sobre as características da silagem de capim-elefante cortado com diferentes teores de matéria seca. *Experientiae*, Viçosa, 16 (7): 132-49, 1973.
10. GOMIDE, J.A. Fisiologia e manejo de plantas forrageiras. *Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia*, Viçosa, 21(1): 17-26, 1973.
11. GUTIERREZ, L.E. & FARIA, V.P. de. Influência da maturidade sobre a composição em macrominerais (Ca e P) e proteínas de quatro cultivares de capim-elefante (*Pennisetum purpureum*). *O Solo*, Piracicaba, 70 (1): 21-4, 1978.
12. LAVEZZO, W. & CAMPOS, J. Efeito da adição de cama de galinheiro ao capim-elefante napier (*Pennisetum purpureum* Schum) sobre as características de fermentação da silagem. *Revista Ceres*, Viçosa, 25(138): 127-37, 1978.
13. & Efeito da adição de cama de galinheiro sobre o valor nutritivo da silagem de capim-elefante napier (*Pennisetum purpureum* Schum). *Revista Ceres*, Viçosa, 24(134): 363-70, 1977.
14. LAVEZZO, W. GUTIERREZ, L.C., SILVEIRA, A.C., MENDES, O.E.N. & GONÇALVES, D.A. Utilização do capim-elefante (*Pennisetum purpureum* Schum) cultivares mineiro e vuckoviana, como plantas para ensilagem. *Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia*, Viçosa, 12(1): 163-76, 1983.
15. SILVEIRA, A.C., TOSI, H., BONASSI, I.A. & BASSO, L.C. Parâmetros de avaliação química de silagem de capim-elefante (*Pennisetum purpureum* Schum) submetidas ao emurchecimento, to-mol, ácido lático e suas misturas. *Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia*, Viçosa, 12(4): 706-19, 1983.
16. MACHADO FILHO, L.C.P. & MUHL, BACH, P.R.F. Efeito do emurchecimento na qualidade das silagens de capim-elefante cv. cameroon (*Pennisetum americanum* L.) Leckie, avaliadas quimicamente. *Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia*, Viçosa, 15(3): 224-33, 1986.
17. OBEIO, J.A., GOMIDE, J.A. & COMASTRI FILHO, J.A. Efeito da adubação sobre a produtividade e valor nutritivo do capim-elefante mineiro cultivado em solo sob vegetação de cerrado. *Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia*, Viçosa, 13(4): 488-506, 1984.
18. ROCHA, J.C. da, GARCIA, J.A., CAMPOS, J., FONTES, C.A. de A. & CASTRO, A.C.O. Cama de galinheiro em mistura com milho desintegrado, como suplemento da cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.) para bovinos em confinamento. *Revista Ceres*, Viçosa, 20(111): 381-98, 1983.
19. RUIZ, M.E., THIAGO, L.P.L. de S. & COSTA, F.P. Alimentação de bovinos na estação seca: princípios e procedimentos. Campo Grande, EMBRAPA - CNPGL, 1984. 81p. (Documentos, 20).
20. SILVEIRA, A.C., TOSI, H., FARIA, V.P. de SPERS, A. Efeito de diferentes tratamentos na digestibilidade "in vitro" de silagens do capim-napier (*Pennisetum purpureum* Schum). *Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia*, Viçosa, 2(2): 216-26, 1973.
21. LAVEZZO, W., TOSI, H. & GUTIERREZ, L.E. Composição em glicídeos solúveis totais, glicose, frutose e sacarose de cultivares de capim-elefante (*Pennisetum purpureum* Schum) como plantas para a ensilagem. *Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia*, Viçosa, 8(3): 348-63, 1979.
22. VEIGA, J.B. & CAMPOS, J. Emprego de metádo, piro-sulfato de sódio, uréia e cama de galinheiro no preparo de silagem de capim-elefante (*Pennisetum purpureum* Schum). *Experientiae*, Viçosa, 19(1): 1-15, 1975.
23. VILELA, D. Silos de superfície em sistemas de auto-alimentação. Coronel Pacheco, EMBRAPA-CNPGL, 1981. 16p. (Circular Técnica, 14).
24. Sistemas de conservação de forragem. I. Silagem. Coronel Pacheco, EMBRAPA-CNPGL, 1985. 42p. (Boletim de Pesquisa, 11).
25. CRUZ, G.M. da & CARVALHO, J.L.H. Efeito de alguns aditivos sobre a qualidade e valor nutritivo da silagem de capim-elefante. Coronel Pacheco, EMBRAPA-CNPGL, 1982. 15p. (Circular Técnica, 15).

30

ANOS

CUIDANDO DA SAÚDE E DA PRODUTIVIDADE DO REBANHO NACIONAL

IVA - INSTITUTO DE VETERINÁRIA APLICADA S/A
Rua Frederico René de Joeghet, 268
CEP 04826 - São Paulo - S P



Telex 11 56814 IVAS - BR - FAX (011) 520-6229
DDD Gratuito (011) 800-5091
RABX (011) 520-9711

Contingente de bóia-fria mostra queda em S. Paulo

Em contrapartida, aumenta o espaço para trabalhadores mirins



MENORES

Os trabalhadores mirins vêm ocupando um espaço cada vez maior no grupo de volantes paulistas, tendo somado 30 mil em abril de 1980, 39,5 mil no mesmo mês de 1986 e 43,8 mil em abril último. Segundo as técnicas do IEA, a explicação para isso é o maior controle na execução do trabalho por parte do empresário e o pagamento de menores salários, aliados à necessidade de maior renda familiar por parte do volante, em detrimento da educação e do desenvolvimento físico e mental do menor. Os principais meses de emprego dos trabalhadores mirins são março (498,9 mil dias-homens) e abril (263,4 mil dias-homens), especialmente devido à colheita do algodão. A concentração do trabalho adulto ocorre nos meses de junho (12,2%), julho (12,6%) e agosto (11%), pico das colheitas das culturas perenes e semi-perenes, enquanto que os demais meses absorvem 8% em média. Embora as estimativas mostrem ainda um bom nível de emprego para os volantes em 1988, as técnicas do IEA observam um decréscimo no número de dias-homens quando comparado aos anos de 1986 (menos 14,4%) e de 1987 (menos 15,4%), valores médios de 11 meses.

"O que se tem visto atualmente no campo", conclui o estudo, "é a presença de volantes com carteira assinada, bóias-frias, turnos e locais de trabalho fixos com certa especialização do trabalho ao lado dos chamados 'bóias-frias' em algumas regiões do Estado".

* "Boleto Agropecuário" dezembro 89

cativa da mão-de-obra volante empregada na agricultura paulista ocorreu nos meses de julho (470,7 mil trabalhadores) e abril (423,3 mil), períodos de concentração da colheita de cana-de-açúcar, laranja, café, e da maioria das culturas anuais, com operações, em grande parte, efetuadas por processo manual. As Diras de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Campinas, Sorocaba e Presidente Prudente, as mais importantes no emprego de volantes, foram responsáveis por 81,2% do total ocupado no ano de 1988.

A liderança no emprego de

volantes no Estado é mantida pela região de Ribeirão Preto, com as maiores demandas distribuídas nos meses de junho (27,5%), abril (22,4%), setembro (19,9%), fevereiro (17,1%) e novembro (13%), devido à diversificação da agricultura (culturas anuais, perenes e semi-perenes). Já as Diras de Campinas e São José do Rio Preto alternam-se em importância na absorção de volantes durante o ano, embora os meses mais significativos sejam setembro, junho e abril devido às colheitas de cana-de-açúcar, café e algodão respectivamente.

TRABALHADORES NA AGRICULTURA ⁽¹⁾ (EM 1000)

	1987		1988	
	Nº	%	Nº	%
Volantes	469,1	30,2	423,3	26,0
Residentes +	1.086,0	69,8	1.201,4	74,0
Não residentes				
Total	1.555,1	100,0	1.624,7	100,0

¹Dados de abril

A categoria de volantes na agricultura apresentou queda de 4,2% (de 469,1 mil para 423,3 mil trabalhadores) em 1988, em relação às demais categorias da população empregada no campo. Isto não significa necessariamente, que tenha havido evasão dessa mão-de-obra do campo para a cidade, mas possivelmente uma mudança na posição de "bóias-frias" para trabalhadores residentes (arrendatário, parceiro, colono, em preiteiro, etc) ou não residentes (administrador, mensalista, diarista, etc). A informação é das pesquisadoras Elizabeth Alves de Nogueira e Celma da Silva Lago Baptistella, do Instituto de Economia Agrícola (IEA) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento.

No estudo sobre "O comportamento do emprego na agricultura paulista 1988", as técnicas do IEA informam que existiam 1,626 milhão de trabalhadores rurais naquele ano, caracterizando certa estabilidade desde a década de setenta. As categorias de residentes são responsáveis por cerca de 70,5% da população trabalhadora rural paulista, enquanto os não-residentes proprietários e outros não-volantes - englobam os 29,5% restantes. As classes assalariadas e proprietárias - residentes ou não nos imóveis - têm mantido uma tendência de predomínio frente às demais, o que compreende, hoje, aproximadamente três quartos da massa trabalhadora, que em 1979 correspondia a 75,7% e em 1986 e 1987 a 80%, segundo mostra o trabalho do IEA.

A participação mais signifi-

NA AGRICULTURA ALTERNATIVA, COMBUSTÍVEL PESA MENOS DO QUE FONTES BIOLÓGICAS

Passados 16 anos do primeiro choque do petróleo, o balanço energético na agricultura (consumo de energia versus a produção energética em termos de calorias e proteínas) mostra ainda o emprego maciço de combustível e agroquímicos. "Esse fato não somente preocupa por ser o petróleo um recurso escasso, como também tem importância porque o seu uso excessivo pode causar danos ambientais às vezes irreversíveis."

A constatação é do estudo "Balanço energético de sistemas de produção na agricultura alternativa", elaborado por um grupo de técnicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Para isso, eles calcularam o dispêndio calórico, a produção calórica e o balanço energético para a unidade produtiva como um todo. E verificaram que a eficiência energética da propriedade depende do total de calorias produzidas diretamente associado às atividades produtivas

e a tecnologia empregada.

Os pesquisadores Richard Dulle, Maristela Simões e Valéria Comitre observam que na agricultura convencional o incremento energético tem sido bem maior do que o correspondente ganho na produção. "Produz-se mais, porém a custo e quantidade cada vez maiores de insumos com alto teor calórico e exploração de recursos naturais são renováveis. Ou seja, emprega-se muita energia para um crescimento proporcionalmente menor de produtos."

FONTES BIOLÓGICAS

Uma das conclusões do trabalho é que as fontes biológicas ocupam o primeiro lugar na participação energética dos dispêndios nos sistemas de produção da agricultura alternativa (orgânica, biológica, natural ou biodinâmica). A importância das fontes biológicas deve-se ao fato de esses gastos estarem associados ao emprego maciço de insumos biológicos, fertilizantes orgânicos e alimentação animal.

A mecanização, também importante nesse tipo de agricultura, é reponsável pelo fato de o consumo em energia fóssil ocupar a segunda posição, ocorrendo em poucas propriedades a inversão de posição com a biológica. Geralmente, o seu comportamento mais expressivo é o combustível, representado pelo diesel. Os fosfatos naturais, outros derivados de petróleo e o calcário não têm presença marcante no total de despesas, seja pelo pouco volume empregado, seja pela baixa concentração calórica. O que parece não pesar em termos energéticos para a agricultura alternativa é a fonte industrial.

O trabalho do IEA verifica que os balanços energéticos foram bastante variáveis entre as propriedades. Grãos e cereais foram os produtos de maior retorno por unidade calórica investida, enquanto hortaliças e produtos animais, exceto mel, apresentaram as menores taxas de retorno. Grãos, cereais e raízes são portadores de grandes quantidades calóricas e não tiveram, em geral, tecnologias intensivas de produção. Ao contrário, os produtos animais geralmente apresentaram baixa conversão energética. Leite e seus derivados e ovos, com elevadas necessidades em energia para serem produzidos, não tiveram retornos equivalentes. O mesmo pode se dizer das hortaliças e legumes.

ENFOQUE ENERGÉTICO

De qualquer forma, os técnicos do IEA

advertem que a política agrícola não deve prescindir de uma análise baseada no perfil energético da agricultura, seja ela convencional ou alternativa. As análises econômica e energética, juntas, podem reforçar as medidas de políticas agrícola, tecnológica ou ambiental. Para eles, "a introdução do enfoque energético complementa as análises tradicionais, auxiliando nos processos de alteração tecnológica e determinando direções para que o retorno econômico e a preservação ambiental sejam maximizados". Nesse sentido, a eficiência energética em sistemas de produção na agricultura alternativa interliga-se com investigações no emprego de energia de fontes renováveis e de pequeno potencial poluidor. O desenvolvimento e o aperfeiçoamento dessas técnicas contribuíram para a absorção de contingentes energéticos biológicos e de menos impactos ambientais.

TABAPUÃ

Dr. ALBERTO ORTENBLAD



Fazenda Água Milagrosa

Cx. Postal 23 Tel.: FAPX (0175) 62-1117
15880 - Tabapuã - SP

RUSTICIDADE,
FERTILIDADE E GRANDE
GANHO DE PESO.
TABAPUÃ, A RAÇA FEITA
PARA O BRASIL

Escritório no Rio:

Rua da Assembleia, 92, 10º and.
CEP 20011 - Rio de Janeiro, RJ
Tels.: (021) 242-0297 e 222-1818

J.C. DO SOL APRESENTA LAPIDADO de Carelú



UMA RARIDADE® DA RAÇA

MANGALARGA

Enigma	Fogo	Invasor	Agrop. J.C. do Sol Tietê - SP Celso Luiz Durca José Al Makul (011) 864.5888 872.4583 (0152) 62.3011 Adm.: Waldi P. Godói
	Invasor	Aurora	
Ossanha FS	Incisa	Invasor	
	Durango	Sota	
Dastorra	Maxixe	Maxixe	
	Guacira	Guacira	
Cabreúva	Maxixe	Maxixe	
	Cabreúva	Cabreúva	

* **Linha Alta:** Filho de Enigma. Neto de Fogo. Fechado em Invasor.
Linha baixa: Ossanha FS (uma das melhores éguas de Fausto Simões). Neto de Durango. Fechado em Maxixe.

Integrante do Núcleo de Trabalho
SUFIXO DO SOL

Como administrar uma Fazenda... de longe

Francisco Teatini
Eng. Agrônomo

Este artigo é para você que é fazendeiro e mora na cidade. Vamos supor: mora em Belo Horizonte e tem fazenda em Patrocínio, ou em Curvelo, ou Montes Claros, ou em qualquer outro lugar e não pode ir lá todos os fins de semana, ou até nem mesmo de 15 em 15 dias. É lógico que você não está conseguindo administrar bem sua propriedade. Está tendo problemas e vai perdendo as rédeas que o levará a prejuízos imensos e ao desânimo.

Existe alguns modos de amenizar esta situação. O ideal seria você ir durante um dia da semana lá (isto, neste negócio de "só fim de semana" não é bom). Mas se você tem que administrar a sua fazenda e não pode ir todas as semanas, existe um modo que poderá ajudar. É você receber toda semana um **QUESTIONÁRIO SEMANAL** (ou relatório) preenchido pelo seu administrador, semelhante a este que anexei. O seu administrador fica com o dever de enviar pelo correio este questionário semanal devidamente preenchido. Ele é para atender a você.

É necessário existir um dia certo da semana, "**O dia do questionário**" que pode ser qualquer dia que o administrador escolher, mas que uma vez escolhido, torna-se sagrado e ele vai (ou manda) - colocar o questionário no correio.

Se você quiser analisar o questionário na fazenda, terá que ver a cópia que fica na fazenda, porque o original é colocado no correio semanalmente, fielmente, no dia combinado. Vamos supor: toda quinta-feira, custe o que custar. Em casa, você analisa e toma as providências cabíveis que você julgar importante. Ele não deve ser dispensado mesmo se você tiver telefone na fazenda.

O sistema de administração de uma fazenda pelo questionário é trabalhoso no princípio, porque é necessário ensinar e criar a rotina. Depois, o traba-

lho continua semanalmente, e ajudando muito bem ao administrador e também a você, que assim fica a par de tudo.

Sugiro sempre que tor a fazenda, preencher o questionário com o administrador, até rotinar. Dê a ele a importância devida. Pague ao administrador por cada questionário corretamente preenchido, uma quantia representativa, por exemplo 5 dólares oficiais por relatório enviado. Se o administrador não souber preencher, você pode ensinar a esposa dele ou a um filho ou outra pessoa. Há sempre um que escreve e que anota.

Você deve imprimir um formulário com 25 questionários (original e cópia), para seis meses. O original preenchido virá para você e as cópias ficam na fazenda, depois você aperfeiçoa.

Pode-se imprimir o questionário aumentando ou diminuindo o número de perguntas (em anexo), mas lhe aconselho nos primeiros seis meses utilizar um mais simples.

O mais importante de tudo é o estudo e a análise do questionário e a comparação daquele que você recebe na semana com o da semana anterior e outros antigos. Ele levará você a levantar muitas questões. Você passa a ter sua atenção despertada para diversos setores. A sua família pode e deve participar das análises, dos comentários e da programação da fazenda. Procure envolver a família nestas análises.

Veja bem: Você está pagando ao seu administrador 5 dólares a mais por semana para ele fazer uma parte do serviço que é seu e quando você chega à fazenda, com o questionário, ganha tempo, você pode viajar menos e administrar mais e melhor, mas eu vou lhe repetir: nada substitui a sua presença.

Adote este sistema pelo menos por um ano. Leve a sério o assunto, depois faça uma avaliação global.

O Sei que você vai gostar.

QUESTIONÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO

SIM NÃO

- Quanto tem em dinheiro no caixa?
- Quanto gastou de dinheiro? A quem pagou?
- Existe algum débito atrasado na praça? Quanto?
- Citar quanto pagou à CEMIG este mês?
- Citar quanto pagou no mês anterior?
- Houve aumento em relação ao mês anterior?
- Segue a programação do mês?
- Percorreu todos os serviços nas horas necessárias?
- Seguiu a programação semanal?
- Mudou a programação por necessidade?
- Foi anotado diariamente os pontos semanais e mensais?
- Os empregados estão seguindo horário?
- Tem alguma idéia nova para diminuir as despesas?
- Citar no verso as sugestões para diminuir os gastos com a CEMIG, combustíveis, mão-de-obra
- Quais providências você tomou para diminuir as despesas?
- Quantas horas gastou para fazer o relatório semanal?
- Quantos litros de leite está enviando por dia?
- Está anotando diariamente o leite tirado?
- Quantos litros mandou esta semana?
- Está espalhando diariamente o fosfato de Araxá no esterco? A quantia utilizada está correta?
- Quantos sacos de sal mineral ainda tem?
- Quantos sacos de sal comum?
- Quantos sacos de ração para vacas?
- Quantos sacos de ração para bezerro?
- Foi efetuado o controle leiteiro mensal?
- Quantos bezerros machos e fêmeas nasceram esta semana?
- Já colocou nome nas fêmeas?
- Está atrasado as vacinações contra mal de ano, brucelose?
- O pagamento mensal do leite do retiro está em dia?
- Foi vendido alguma coisa?
- O que vendeu? Por quanto?
- Está sendo feito a limpeza diária do curral?
- Foi combatido o berne e carrapato nas novilhas?
- Tem gado com carrapato e berne?
- Quanto de ração está gastando diariamente com a tropa?
- Mudou as vacas de leite de pasto?
- Mudou a tropa de pasto?
- Qual o total de bovinos hoje? Morreu algum? Qual?
- Quais medicamentos que faltam?
- Quantos animais de ribada ou sumidos?
- Quanto vendeu de carvão esta semana?
- Do que está precisando? Remédios, arames, grampos, creolina? Escreva no verso da folha.



A PROVEITE!!!

ÚNICA OPORTUNIDADE!

GADO NELORE 100 ANOS DE SELEÇÃO

Tudo sobre a história desta grande raça, de Ongole na Índia, até os dias de hoje em que domina a pecuária de corte das Américas.

De 2.453,99 p/
1.100,00 + porte
até 15/04

EDITORA DOS CRIADORES

Rua Venâncio Aires, 31 - CEP 05024 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 263-8314 - 871-0317
Enviar cheque/vale postal ou reembolso postal

PIEMONTÊS O MELHOR PRODUTOR DE CARNE DO MUNDO É VER PARA CRER.

O Programa de Vitrines Superga oferece aos criadores a oportunidade de implantar em suas propriedades um programa inédito na pecuária nacional.

O Programa de Vitrines consiste na implantação de um projeto de cruzamento entre o gado Piemontês e vacas zebrinas, através do fornecimento pela Superga de semen importado da Itália para ser utilizado em 50 a 100 fêmeas, na própria fazenda do criador interessado.

Periodicamente os técnicos da Superga visitarão as propriedades, realizando o acompanhamento ponderal, re-

produtivo e do momento do abate dos produtos, fornecendo informações estatísticas computadorizadas que permitirão ao criador acompanhar o desempenho dos produtos nascidos no programa, comparativamente aos do seu rebanho. Dentro do programa se fará a divulgação das fazendas que aderiram, com fornecimento de dados dentro das revistas especializadas.

É ver para crer. Faça como outros pecuaristas: Consulte a Superga e implante o Programa de Vitrines em sua propriedade.



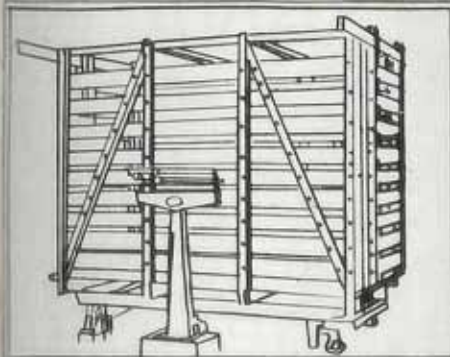
Superga Comércio e Agropecuária S.A.



Carcça 1/2 sangue Piemontês/Nelore -- Faz. Lalin



S. PAULO, 05 - COAL. 112 - CEP 01011-580 PAULO - SP
TEL. (011) 215-1100 - TELEX 11 112941CB-BRASIL
TELEFAX (011) 209-3609



BALANÇAS E TRONCOS

COIMMA

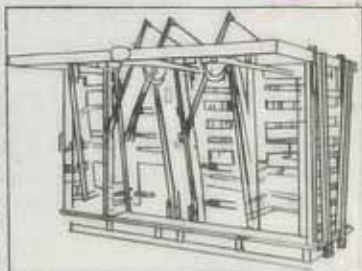
QUALIDADE QUE PESA EXATO!

Fundada em 1951

38 anos
de
tradição

BALANÇAS
Bovinas, Suínas,
Equinas, Rodoviárias
e Comerciais

TRONCOS (Bretes)
De Contenção Bovina,
DUCHAS CARRAPATICIDAS
(Chuveiro)
CARRINHO DE TRACÇÃO
ANIMAL (Carroça)



Rua Tiradentes, 327/369
PABX fone (0188)21-2555 tx182637
DRACENA-SP - Cep. 17900



Foto: Rubens Ferreira

MINHA TERRA TEM PALMEIRAS ONDE CANTA O SABIÁ

Na terra da Fazenda do Sabiá pode não ter palmeiras. Mas tem muito Nelore. E Nelore de muita raça. E não é de hoje. Quem não se lembra da Tetra-Campeã de Uberaba e da Expoinel, Indonésia, logo no início dos anos 80? Ou de Gentileza do Sabiá, Bi-Campeã da Expoinel/85-86?

No entanto, um plantel de raça não se faz apenas com matrizes campeãs. São necessários, também, reprodutores campeões. É o caso

de Ion MJ do Sabiá, Grande Campeão da Expoinel/86. Hâsur MJ, Grande Campeão — Uberaba/85 e Legat MJ, o último Grande Campeão Nacional de Uberaba. E tantos outros campeões e campeãs que desfilaram na linha de frente das principais exposições do país.

Campeões também foram vendidos em Leilão. Atualmente são nada mais nada menos que 11 touros em Centrais de Inseminação com a

marca da Fazenda do Sabiá. Seis deles foram vendidos em leilão para outros criadores.

É por este e alguns outros detalhes que Alberto Laborne Valle Mendes foi considerado «O EXPOSITOR DA DÉCADA», numa homenagem feita pela Associação Paulista dos Criadores de Nelore.

Tudo isso numa terra sem palmeiras, onde canta o Sabiá.



UM CANTO DE RAÇA

FAZENDA DO SABIÁ

UM SHOW DE RAÇA EM 1989

* LEGAT MJ DO SABIÁ
Grande Campeão Nacional
em Uberaba/89



Foto: Rubens Sales



* JAYALA MJ DO SABIÁ
24 vezes campeã.
Uma das vacas
mais premiadas
do Brasil.



Foto: Rubens Ferreira

* NILLESH MJ DO SABIÁ
Campeão Júnior Menor
em Uberaba/89

* JAYALA MJ DO SABIÁ
NUEVA MJ DO SABIÁ
As duas matrizes que
formam um conjunto de
máxima beleza.
Campeãs Progenitoras de mãe
em diversas exposições.
São filhas de Ervália MJ
(Mãe) e o pai é
Chummak.



Foto: Rubens Ferreira

A Fazenda do Sabiá passou quase duas décadas vendo seus animais brilharem nas pistas. Ano passado, último da década, o brilho foi mais intenso ainda, fechando com chave de ouro os anos 80. Confira. Das 10 exposições que a Fazenda participou, ela foi Campeã em 8 (maior número de pontos). Com um detalhe: apenas pistas de peso.



EXPOSIÇÕES

UBERABA.....	Campeã
EXPOINEL.....	Campeã
RIBEIRÃO PRETO (FEAPAM).....	Campeã
PRESIDENTE PRUDENTE.....	Campeã
BAURU.....	Campeã
OURINHOS.....	Campeã
BELO HORIZONTE.....	Campeã
MARILIA.....	Campeã
AVARÉ (EMAPA).....	2º Lugar
UBERLÂNDIA.....	3º Lugar



UM CANTO DE RAÇA

EM 1990 NÃO DESA

* LIS MJ DO SABIÁ

Foi Campeã 9 vezes. Uma das mais belas e perfeitas fêmeas já ofertadas em leilão. Uma raridade. Filha do Grande Campeão Nacional Hásur MJ em vaca neta de Karvadi. Já aguardando 3ª parição com prenhez positiva do Grande Campeão Nacional LEGAT MJ. Será um dos grandes destaques do Noite dos Campeões. Dia 29 de Abril.



LINE: SIGA O CANTO DA SABIÁ



* MILLAP MJ DO SABIÁ

Novamente, a Fazenda do Sabiá prova que vende campeões. Millap — um filho de Tovadari com 49 meses — além de Grande Campeão em Ourinhos é um Campeão de Uberaba. Ainda em condições de concorrer nas mais pesadas exposições do país. Certamente um touro para Central de Inseminação. Será outro destaque do Noite dos Campeões.

Em 29 de Abril.

Campeão Júnior Maior em Uberaba/88

Grande Campeão em Ourinhos/89

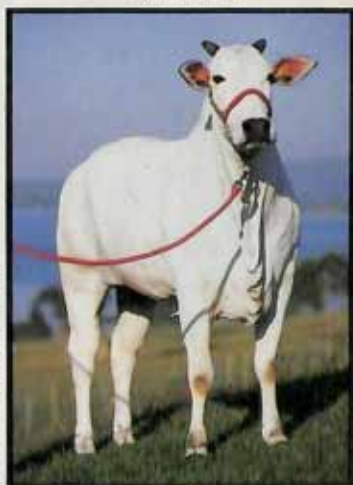
Res. Grande Campeão em Rib. Preto/88

Res. Grande Campeão em Ourinhos/88

Campeão Touro Sênior em Marília/89

Campeão Touro Jovem em Rib. Preto/89

Campeão Júnior Menor em Bauru/87



* LAGIANA MJ DO SABIÁ

...ção! Inédito! Uma ... em Uberaba. É ... de Pakar em vaca ... Com 52 meses ... aguardando a 3ª ... perição. Prenhe do ... MAGAR MJ DO SABIÁ. No ... Noite dos Campeões. Em 29 de Abril.



* OLUCA MJ DO SABIÁ

Filha do Grande Campeão Nacional Legat em vaca Tovadari. Com 19 meses, tem condições de enfrentar as mais pesadas pistas de exposições do Brasil. Será a primeira filha de Legat a ser colocada a venda. No Noite dos Campeões. Em 29 de Abril.

Ano passado, além de campeã absoluta das pistas de exposições, a Fazenda do Sabiá foi recordista nacional de média em leilões.

Integrante do tradicional «Noite dos Campeões», em Uberaba, realizado durante a Nacional, ela vendeu 14 animais por US\$ 301.500,00.

Média por animal de US\$ 21.535,71 (preços em dólar de mercado). Record absoluto para todas as raças bovinas.

Em 1990, a Sabiá tentará voar mais alto ainda.

Aqui ao lado, estão alguns animais que serão ofertados no próximo

«Noite dos Campeões». **Dia 29 de abril. Domingo. Uberaba.**

Portanto, não desafine. Siga o canto da Sabiá. Um canto de raça.



Av. Prof. Mário Werneck, 1.685 - Bairro Estoril
30430 - Belo Horizonte - MG

Fones: (031) 344-8141 - 349-6203

Telex: (031) 3196 e 2391

FAX: (031) 344-1988

Fazenda: (035) 561-1687 - Capitólio - MG



UM CANTO DE RAÇA

Iº LEILÃO CHÁCARA NAVIRAÍ

CLÁUDIO SABINO CARVALHO

convidados:

Arnaldo Manoel Machado Borges
Francisco José Carvalho Neto
Gastão Carvalho Filho
Heber Crema Marzola
Nelson Frota
Newton Camargo Araújo
Richard Paul Matheson
Roberto Conde de Souza

raças:

NELORE
NELORE MOCHO
GUZERÁ
MANGALARGA
QUARTO DE MILHA
JUMENTO PÊGA

programa:

30 DE ABRIL - 2ª FEIRA - 10Hs.
CHÁCARA NAVIRAÍ-UBERABA-BR 050-KM 20
(RODOVIA UBERABA-UBERLÂNDIA)



LEILÃO
OFICIALIZADO PELA
A.B.C.Z.



Rações
Guabi

Durante a Exposição Nacional de Uberaba



CHALLANI POI NAV

21.02.84

Chummak POI S.C

Olliyāna POI NAV



**FAIDĀ POI
DE NAVIRAI**
31.03.87

Pakar POI OT

Tanabi POI NAV

**DEDICADO
DA SANTA MARTA**
01.08.85

Gim de Garça

Teia da S.M



**DILÚVIO
DA SANTA MARTA**
13.09.85

Gim de Garça

Odiessa da
Santa Marta



**GRIFO DA
SANTA MARTA**
15.06.88

Ludy de Garça

Rabisca RP



**CARROCEL
DE NAVIRAI**
14.10.84

Caduceu S

Carriola da Celtacorê

**ARAPONGA
DA RINCON PORÃ**
28.02.80

Nominal A.J
—
Braza da Ligamar



**LIBERDADE DA
SANTA MARTA**
09.09.82

Robalo da
Boa Vista
—
Cabana S.M



**ATENAS DA
RINCON PORÃ**
15.02.80

Nominal A.J
—
Dourada
de Lingamar



**QUITANDA
DE NAVIRAÍ**
28.10.87

Dourado 88
—
Liberdade SM

QUINA DE NAVIRAÍ
15.09.87

Dourado 88
—
Hungria da S.M



ALI-ESTANHO
27.04.85

Ali-kan
—
Ali-Alliança

INDIA DE NAVIRAÍ
05.12.84

Real da Ceitacorê
—
Cascata de Naviraí



JUMENTAS PÊGA DE NAVIRAÍ

nativa

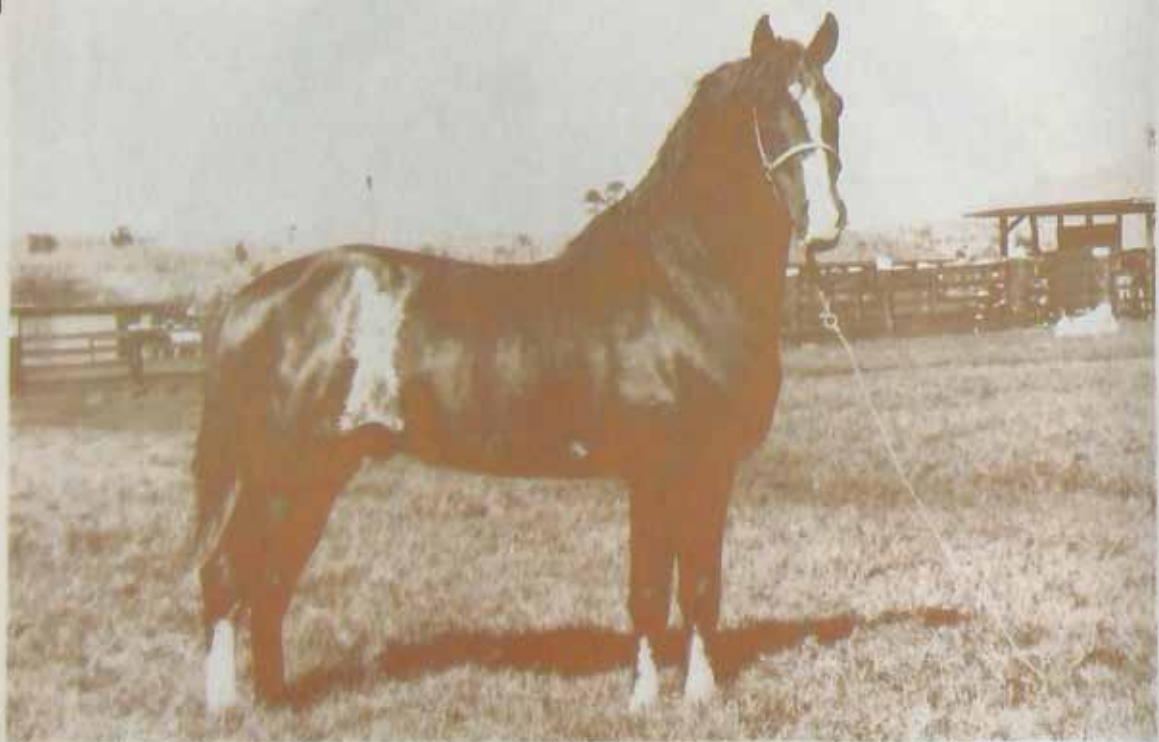


30 ANOS DE SELEÇÃO.

HISTÓ

GARRIDO DE IBIRÁ

INICIO DA CRIAÇÃO MANGALARGA



1970

- Início da criação Fêmeas origem 53
- 3 Gerações de reprodutores A.J
- Criadores: Abel e José Maia

PRINCIPAIS REPRODUTORES:

Garrido de Ibirá
Unicum J.O x Tucaia

Nominal A.J
Paladino x Flamula J.O.

Robalo da Boa Vista
Feitiço x Kodak

Omato J.O
Turbante J.O x Moratória J.O

Alacante A.J
Unicum J.O x Orquídea A.J

R I C O

"SELECIONADOR DA DÉCADA"

Claudio Sabino Carvalho há 25 anos vem fazendo um rigoroso trabalho seletivo, baseado não só no amor a "arte de criar", mas principalmente no idealismo de se chegar ao limite da perfeição da raça Nelore no Brasil.

Divide seu plantel entre 2 propriedades: na Fazenda Santa Marta, município de Naviraí, e na Chácara Naviraí.

Um trabalho de pesquisa eficiente é realizado e supervisionado por zootecnistas altamente gabaritados que controlam o rebanho através de quadros demonstrativos minuciosos do desempenho, fertilidade real e desenvolvimento ponderal das matrizes.

Assim Claudio Sabino Carvalho pode ser caracterizado o "Selecionador da Década".

Um criador que nunca despreza os valores da tradição, mas considera-os artificiais, buscando a evolução eficiente, a qual só é encontrada com o apoio da pesquisa e da ciência.

NELORE

1965 - início seleção PCR Fátima
origem Claudio Carvalho

1967 - início seleção com caráter
total reprodutivo

1969 - Fátima origem Tomaz
Marti Aranguá na Colômbia

1970 - início programa melhoramento
total

1974 - início seleção PCR Fátima
origem Tomaz Marti Aranguá na Colômbia

1975 - início seleção com caráter
total reprodutivo PCR F
1987/3

1977 - início seleção com caráter
total reprodutivo

1980 - início seleção com caráter
total reprodutivo

1985 - início seleção com caráter
total reprodutivo



A ESTRELA



Foto: Fábio Favari

PAPATA DA FAZENDINHA 56 meses
Gim de Garça X Jabutiba da Fazendinha
(Imperante da Zeb.)

Numa deferência especial ao
2º Leilão «Noite do Nelore
Nacional», a Carpa colocará
a venda uma das melhores
matrizes de seu plantel.

□ Papata da Fazendinha:
vaca de raríssima beleza, foi
Campeã Novilha Maior,
Feapam e Bauru/87, Campeã
Vaca Jovem, Feapam e Três
Lagoas/88 e Res. Campeã
Vaca Jovem em Uberaba/88,
além de vários outros
campeonatos. Será vendida
com linda fêmea ao pé por
Tovadari/POI Fort. VR.
Não perca. Dia 28 de abril.
Uberaba MG.



carpa
DE ALIMENTAÇÃO

FAZENDA DA PEDRA
(016) 687-1211
Caixa Postal. 3
Serrana - SP

DA NOITE.



RADÍCULA DA FAZENDINHA — 43 meses
 Tabadã POI Zeb. VR. x Hebraica da Faz. (Imperiante). Outra extraordinária filha de Tabadã em vaca Imperiante. Foi 1º Prêmio da EXPOINEL/89 e fez parte do conjunto Campeão Progenie de Mãe de Bauru e Avaré/87. Será ofertada com prenhez positiva de Gim de Garça.



PACHOLA DA FAZENDINHA — 60 meses
 Gim de Garça x Galvota (Faulad S.C.).
 Outro lote 3 em 1 a ser ofertado no «Noite do Nelore Nacional». Levará fêmea ao pé, filha de Imperiante e no ventre produto de Tabadã VR. Matriz campeã de sua categoria em Uberaba, Barretos e Três Lagoas/86.



*No entanto, e
 não se faz
 Pensando niss
 colocar a ve
 estrelas. A
 algumas dela
 co*

**2º LEILÃO
 NELORE
 DIA 28
 EM UBERABA**

**No total serão
 Para você f
 5**



carpa
 DE ALIMENTAÇÃO

AS OUTRAS



penas 1 estrela
ande plantel.
Carpa decidiu
várias outras
lado, estão
você poderá
no

ITE DO
CIONAL.
ABRIL
— MG.

les de estrelas.
um plantel
as.

ANDA DA PEDRA
687-1211
Postal, 3
SP



SOLEDADE DA FAZENDINHA — 30 meses.
Tabadã POI VR. x Hação da Faz. (Imperiante). Vaca de excelente categoria. Aos 30 meses será ofertada com macho ao pé, filho de Suvarna MJ do Sabiá (Taj I) e ainda levará no ventre um produto de Gim de Garça. Lote 3 em 1 para entrar na cabeceira dos melhores plantéis do país.



SAROBA DA FAZENDINHA — 28 meses
Docente da Faz. x Jaçanã da Faz. (Imperiante). Garrote de extraordinário desenvolvimento ponderal. Foi considerado «Elite» do CDP da ABCZ. Participou da 55ª Prova de Ganho de Peso da ABCZ, obtendo a 2ª colocação.

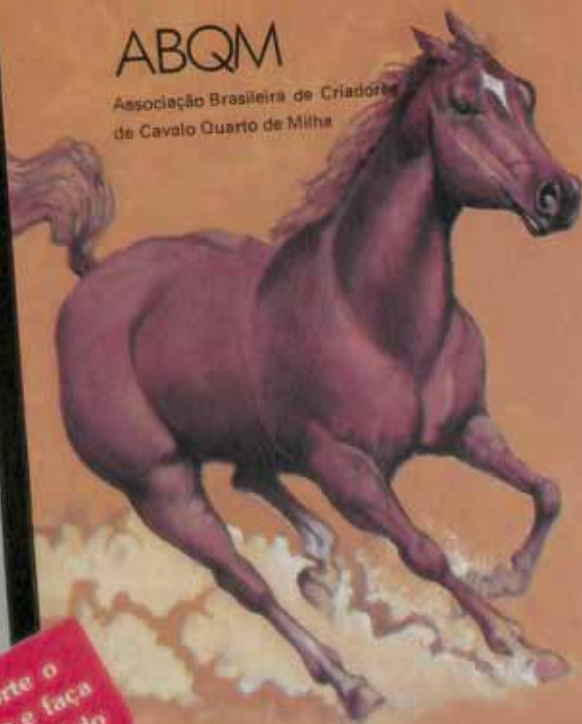
ESTRELAS.

UM SHOW DE ESTILO AGORA NO SEU VÍDEO

Quarto de Milha o show da raça

ABQM

Associação Brasileira de Criadores
de Cavalo Quarto de Milha



PRODUÇÃO



Recorte o
cupom e faça
o seu pedido

Usando das vantagens e qualidades que o vídeo oferece, você poderá ver e rever a tão comentada versatilidade do Quarto de Milha. O show que o Quarto de Milha mostra todo dia no campo, nas competições esportivas e nas pistas de corrida, chama a atenção até de quem nada tem a ver com a criação de cavalo.

Esta fita dá ao cavalo Quarto de Milha a dimensão que ele merece. Os segredos das provas de trabalho (beliza, tambor, laço, apartação, rédeas e western), os detalhes da "conformação" e a emoção das corridas estão agora a seu alcance. Com imagens belíssimas e linguagem clara e objetiva.

"QUARTO DE MILHA - O show da raça", com os resultados do Campeonato Nacional e do Potro do Futuro 89.

Então o que está esperando? Adquira e presenteie.

Mostre a seus amigos o que o seu Quarto de Milha sabe fazer.

Apresentação

SUSY RÊGO

Participação Especial

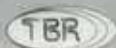
LIMA DUARTE

ABQM

Associação Brasileira dos Criadores de Cavalo
Quarto de Milha

**VOCÊ RECEBERÁ A FITA
PELO SEDEX**

Remetemos para todo o Brasil



PRODUÇÕES ESPECIAIS DE IMAGENS
E TEXTOS

Rua 1ª de Agosto, 4-47 - Cj. 601 - Bloco D
Cx. P. 754 - CEP 17.010 - Bauru - SP

Fone: (0142) 22-7877

NOME _____
ENDEREÇO _____
CIDADE _____ ESTADO _____ CEP _____ FONE _____

☐ SIM, desejo receber _____ fita(s) VHS "Quarto de Milha - O show da raça", pelo valor promocional de 70 BTNFs cada (valor da data de postagem). Para tanto estou enviando cheque nominal a TBR Produções Cx. P. 754 - Bauru - SP - CEP 17.010

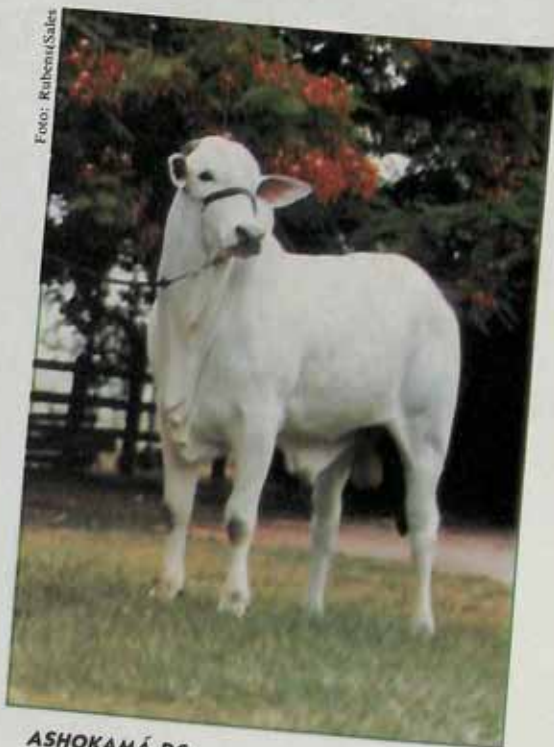
**Fazenda
Cachoeira**

2C

1990: 30 ANOS DA IMPORTAÇÃO CELSO GARCIA CID

1990 é um ano todo especial para a Cachoeira, afinal estamos comemorando 30 anos da primeira importação feita pelo selecionador Celso Garcia Cid. O crescimento da raça e a qualidade dos produtos da MARCA 2C atestam o pioneirismo da Fazenda Cachoeira. Por tudo isso é que cada produto com a nossa marca já nasce com 30 Anos. Três décadas de conquistas. Veja algumas delas nesta e nas próximas páginas.

Foto: Rubens/Sales



ASHOKAMÁ DC
Filho neto de *ASHOKA
com Maharani 26 DC, uma campeã.
A promessa de uma opção genética.



CAMPESTRE DC

Lakree DZ em vaca Arjun
Nalini II DC, 1.085 kg aos
51 meses.
Grande Campeão em várias
exposições.
Garantia DC, sua primeira
filha, já é campeã de
diversas exposições.
Tamanho e ossatura é seu
ponto forte.

Francisca Campinha Garcia

Rua Tupi, 378 Cx. Postal 247 - Tel.: (0432) 24-5816
CEP 86010 - Londrina-PR.



FIGURANTE DC

Tabadã DZ em vaca Arjun Nalini DC. Campeã em diversas exposições. **Altura, comprimento e esta caracterização rara são os destaques deste campeão.**

KOSHELYA IX DC

Pakar OT em vaca *Nova Opção.
6 vezes Grande Campeã.



MAHARANI 84 DC

Pakar OT com a vaca Maharani 24 DC, uma filha de *Nova Opção x Arjun, que foi Recordista Nacional de Preço no 1º Leilão Neloze Maxi.



GARANTIA DC

4 vezes Campeã.
É a primeira filha do Campeão CAMPESTRE DC.



GIR 2C:

RAÇA - FERTILIDADE
PESO E LEITE

MAESTRO DC

Tri-Campeão em Londrina - PR
Destaque em venda de
sêmen na Pecplan.

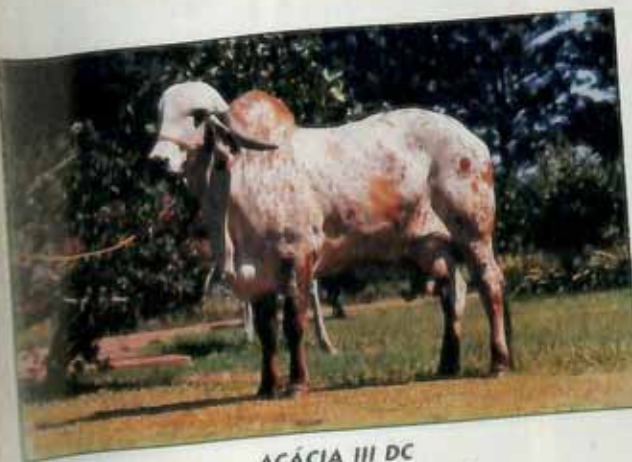
1.005 kg aos 6 anos.

Linhagens Krishna, Gori, Ghiliri, R e VR.

Produção comprovada



Foto: Sebastião Pereira



ACÁCIA III DC

Uma campeã que possui
mãe e avó campeã
Linhagem Krishna, Rúpia, Virbay,
Sakina, Acácia e R.
590 kg aos 5 anos e três crias.



OUTRORA DC

Campeã e filha de campeã.
Linhagem Krishna, Pushpano, Virbay,
Pushpamoti e R.
610 kg aos 5 anos e três crias

NO BERÇO DO ZEBU CRESCE O FUTURO DO MANGALARGA

A Fazenda Cachoeira - 2C - iniciou a criar e selecionar Mangalarga em 1980. Eram matrizes descendentes de Urucum J.O., Zagalo OR, entre outros. Foram acasaladas com Ben-Hur T.A. (Paladino), Açucarado J.O. (Paladino), Excalibur AM (Chefão e Chapéu), Navarone T.A. e atualmente com SETE OUROS SF (Folclore HC x Prenda do Luar). O plantel atual é de 51 fêmeas.

Foto: Carlos Alberto



SETE OUROS SF

**Excelente garanhão de 3 anos, filho de Folclore HC e Prenda do Luar. A beleza de seus primeiros filhos o credencia como um Grande Raçador.*

Foto: Sebastião Pereira



**Extraordinário lote de Matrizes da Cachoeira.*



**Notem a beleza racial desta égua que leva excelente potro ao pé, filho de Navarone TA*



Francisca Campinha Garcia

Rua Tupi, 378 Cx. Postal 247 - Tel.: (0432) 24-5816
CEP 86010 - Londrina-PR.

AS ESTRELAS DA · COLONIAL ·



ADÁSIA COL (CJ-6422)

Nasc. 5.12.86

Extraordinária filha de Ludy de Garça, 1º parto aos 29 meses. Leva ao pé este fabuloso filho de Tabada POI VR, e novamente inseminada por Tabada POI VR.

Grande Campeã da Raça:

Janaúba, Patos de Minas/88

Curvelo, Janaúba, Paracatú/89

1º Prêmio na Estadual de Belo Horizonte/89

1º Prêmio na FENAGRO Salvador/89



ACATIMBA COL (CI-5296)

Nasc. 11.6.86

Linda Filha de Kubar do Bramado, leva no ventre um filho de Tabada POI VR.

Campeã Bezerra

Itapetinga — BA/87

Campeã Novilha Maior

Montes Claros, Paracatú e Curvelo/88

Grande Campeã da Raça

Salinas/88



**Estes animais estarão a venda no
2º LEILÃO NOITE DO NELORE
NACIONAL. Dia 28 de abril.
Uberaba - MG**



FAZENDA COLONIAL

(038) 221-5140 - Janaúba - MG

GABRIEL DONATO DE ANDRADE

COLONIAL AGROPECUÁRIA

End.: Av. do Comércio, 290 - Janaúba/MG - Tel. Esc.: (038) 821-1274

Faz.: (038) 221-5140 - Telex 031 3875 - CEP 39440

Barba Embryo repeT.E. a dose



Cena do 1.º Leilão Barba Embryo/89.

A partir de 1982 a Barba Agrícola e Comercial decidiu acelerar o seu processo de seleção de rebanho, consciente de que a T. E. seria o único caminho para atingir esse objetivo.

Assim, adquiriu matrizes de cabeça de Torres Homem Rodrigues da Cunha, Rubico Carvalho, Nenê e Lúcio Costa, Durval Garcia de Menezes, entre muitos outros plantéis que representam o que de melhor existe na pecuária nacional. Com o trabalho desenvolvido em sua Central de Transferência de Embriões, na Fazenda São Sebastião do Paraíso, a Barba Agrícola e Comercial alcançou o índice de 70% de prenhezess positivas, e uma média de 6,7 bezerros por vaca/ano.

Mas a comprovação desse sucesso só viria com a aceitação pelo mercado e, para tanto, realizou em outubro de 1989 o 1.º Leilão Barba Embryo, onde foram oferecidos embriões e produtos de T. E. de grandes raçadores e matrizes.

A CREDIBILIDADE DE UM EVENTO DEPENDE EXCLUSIVAMENTE DE SEUS RESULTADOS

E os resultados não poderiam ter sido melhores. Entre recordes e médias está a confirmação de que o mercado acreditou e aceitou o seu trabalho.

A Barba e seus convidados: Angelo Calmon de Sá, Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos, Cia. Agropecuária Rio Pardo, José Luiz Niemeyer dos Santos e Lourival Parente, partem agora para a realização do 2.º Leilão Barba Embryo, que acontecerá em 15 de outubro, no Palace em São Paulo.

Como no primeiro leilão, serão oferecidas receptoras com prenhez positiva ou com produto ao pé, nascido de T. E.

Para os criadores que não puderam comparecer ao 1.º Leilão, será uma oportunidade imperdível de adquirir um filho de:

- BABU
- AKKAN
- RAMURU
- AMEDABAD
- EVARU
- CHAKKAR
- MARAJÁ
- FAULAD
- BADAN
- EERAL
- HIMALAYA
- CALCUTA
- GONTHUR
- CHECURUPADU
- OKATI
- ARJUN NALINI
- GOPALA
- BAZUAH
- ISHARA
- MARANAMU
- TAJ MAHAL IMP
- TAJ MAHAL I
- CHUMMAK
- DUMU
- KARVADI

Para os que foram ao Leilão Barba Embryo de 89, será uma nova chance de ter um produto dos melhores touros que já pisaram em terras brasileiras, em matrizes campeãs e de extraordinária fertilidade.



Central de Transferência de Embriões da
Barba Agrícola e Comercial, em
Descalvado/SP.



Roberto, Teresa e Moacyr, contam com a sua
presença no 2º Leilão Barba Embryo.



2º LEILÃO

Barba Embryo

15 Outubro 90 - 2ª feira 19 h - Palace/SP

Para mais informações:

Barba
AGRICOLA E
COMERCIAL S.A.

Fazenda São Sebastião
do Paraíso
Tels.: (0195) 83-1431 e
83-2016 - Descalvado - SP

Colaboração:



ECONOMICO SOLIO



UM LEILÃO



REMATE

Tel.: (011) 872-1722 - SP

FAZENDA CALCIOLÂNDIA

Gir Leiteiro - Mangalarga Marchador

¹₉₆₀ **30 anos de seleção** ¹₉₉₀



Herdade Tirol

Herdade Cadilac

Herdade Tiroleza

ANDAMENTO
ESTRUTURA
BELEZA RACIAL



Saravay (IMP.)

Pati da
Calciolandia

Gracinha da Calciolandia
(3.449 kg - 250 dias)

LEITE - RAÇA - TAMANHO

PROPRIETÁRIO:

GABRIEL DONATO DE ANDRADE
BR 354 - km 22
TEL. (037) 351 1267
ARCOS - MG





NOTICIÁRIO ABCCA

CAVALO ÁRABE RUMO AO MUNDIAL DE C.C.E.

por Alberto James Reynaud
Woodward - ABCCA



Ademir de Oliveira



Gilberto Rossetti

Dois cavalos 3/4 de sangue Árabe, **Paran da Buracão** e **Oti da Buracão**, estão sendo preparados para integrar a equipe brasileira de Concurso Completo de Equitação (C.C.E.) no Campeonato Mundial que será realizado em outubro na cidade sueca de Estocolmo. Para que isso aconteça eles terão de concluir uma prova de nível internacional como a que acontecerá em Saumur na França, no mês de abril onde eles estarão competindo.

Paran e **Oti** formam conjunto, respectivamente, com Ademir de Oliveira da equipe Cargill e Gilberto Maria Rossetti Jr. da Brásica Horse Team. Já a algum tempo eles vêm se dedicando quase que exclusivamente ao C.C.E., fazendo, de vez em quando, algumas aparições nas provas de Hipismo Rural, onde estão fincadas as suas raízes, pois Gil e Ademir são fundadores da Abhir (Associação Brasileira dos Cavaleiros do Hipismo Rural). Para os adeptos do Rural o C.C.E. traz a oportunidade de um dia se disputar uma olimpíada, por que as duas modalidades têm pontos em comum e o Completo é encarado por eles como uma evolução técnica do Rural.

Como parte do preparação para essas importantes disputas que terão pela frente, nossos conjuntos fizeram parte de um curso que aconteceu na primeira semana de fevereiro em Avaré-SP, ministrado pelo ginete argentino Carlos Moratório e sua filha Carla Moratório, ambos campeões internacionais de C.C.E. Após esse curso que durou uma semana, houve o Concurso Combinado Cidade de Avaré, prova que abriu oficialmente a temporada de C.C.E. da Confederação Brasileira de Hipismo (C.B.H.). O Concurso Combinado nada mais é do que uma versão simplificada do Concurso Completo, sendo realizado em apenas dois dias ao invés de três. Os vencedores dessa prova que contou com a participação de ginetes de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, não foram outros senão Ademir com **Paran**, em primeiro e Gilberto e **Oti** em segundo.

O sonho de se disputar um Campeonato Mundial com conjuntos originários do Hipismo Rural, começou a ficar mais próximo no final do ano passado quando a C.B.H., representada pelo seu diretor de C.C.E. o Cel. Franco Pontes, convocou duas equipes para disputar um torneio

internacional em Montevideo. Na equipe formada pelos juniores haviam cinco conjuntos e todos eram cavaleiros da Abhir. Esta equipe foi a Campeã e o vencedor individual foi Rui Leme da Fonseca Filho com **Ondeadão da Buracão**, único cavalo de sangue Árabe no grupo. O feito ficou enaltecido pelo fato de que não existe a categoria Júnior de C.C.E. no Uruguai e, nossos ginetes tiveram de competir no Concurso Reduzido, uma categoria equivalente a nossa Preliminar, ao lado de oficiais da cavalaria, formados pela Escola de Equitação. Na série principal três dos quatro conjuntos convocados eram da Abhir, além de Ademir e Gil integrava a equipe Serguei Fofanoff, que se sagrou vice-campeão. Os Arabes não foram bem nessa prova, mas o simples fato de eles estarem lá, é prova do reconhecimento de suas capacidades competitivas.

O Concurso de Saumur é um dos mais disputados do mundo. Para o Cel. Franco Pontes é muito importante a participação da equipe brasileira nessa competição, como fase preparatória para o mundial, sendo essa uma forma de nossos conjuntos irem se acostumando ao esquema europeu. "Aquele que conseguir terminar a prova, estará carimbando o passaporte para Estocolmo." Frisou o Coronel.

Leite de Búfala, agora, tem preço mínimo

Em reunião realizada a 31 de janeiro último, na sede da ABCB - Associação Brasileira de Criadores de Búfalos, os principais produtores de queijo do Estado de São Paulo decidiram estipular um preço mínimo ao leite pago ao fornecedor, visando, desta forma, incentivar a criação de búfalos leiteiros na região. A decisão foi de pagar, no mínimo, o preço do leite B pago ao produtor que na ocasião, situava-se em NCZ\$ 7,61, desde que o produto atenda a determinadas exigências para que possa ser utilizado com sucesso na fabricação de queijos ou derivados, com índices adequados de acidez, densidade e teor de gordura.

Outro ponto bastante discutido foi a necessidade de se criar um centro de distribuição de produtos derivados do búfalo na capital que, além de agilizar o trabalho de entrega também teria importante papel no sentido de tornar estes produtos mais populares. Frederico Caron, pondera que, hoje, está tendo que fazer em torno de três viagens semanais a São Paulo para entregar seu queijo. Com a criação de um polo de distribuição, as idas à capital poderiam ser menores.

A principal vantagem do centro de distribuição, porém segundo os produtores de queijo, será a possibilidade de se trabalhar junto, de forma padronizada no que diz respeito à forma de comercialização. Hoje, ele varia muito da região para região. Wilma Camargo Ferreira de Araraquara, por exemplo, diz que hoje entregando sua produção do dia 1º ao dia 30 e recebendo somente no dia 18 do mês seguinte, sistema que, segundo ela, já não está conseguindo repor as perdas com a inflação. Já Wanderley Bernardes, que tem propriedade na região de Sorocaba, conta que naquela região, as entregas feitas entre o dia 1º e o dia 15 estão sendo pagas até o dia 20 e as entregas realizadas do dia 15 a 30, os pagamentos não ultrapassam o dia 10.

Para que cada queijaria possa realizar testes em todo o leite que adquire de forma prática e confiável, será necessária a criação de cursos especiais para análise, além de uma atualização de certos equipamentos nacionais que não estão aptos a medir índices do leite de búfalo. Os butirômetros encontrados nas cooperativas daqui, por exemplo, dificilmente conseguem medir teores de gordura superiores a 7%, quando se sabe que, entre os bubalinos, é muito comum se registrar índices mais elevados.

Os criadores mais antigos e tradicionais resolvem este entrave importando os equipamentos de outros países. Os pequenos e médios produtores, entretanto, acabam tendo que usar de outros artifícios que nem sempre garantem um resultado confiável no teste como a diluição do leite em água para se medir em uma proporção menor.

ABCB quer popularizar o consumo de carne e leite de búfalo

Capaz de se adaptar a qualquer condição climática e de solo, o búfalo é considerado por vários estudiosos como a alternativa viável para a produção de carne em regiões onde a bovinocultura encontra dificuldades em se instalar, tais como áreas inundáveis ou de solos frágeis.

Soma-se a isso a necessidade do Brasil em garantir um aumento no consumo per capita de carne, que hoje gira em torno de 13kg/ano, quando estudos da FAO indicam como ideal um consumo mínimo de 50 kg de carne por habitante ao ano.

Por outro lado, o consumo da carne de búfalo ainda sofre um certo preconceito, embora alguns frigoríficos de São Paulo abatem búfalos, sendo a carne vendida nos açougues sem qualquer identificação especial, com boa aceitação por parte do público, que não distingue a carne de búfalo da de bovino.

Esse preconceito ainda leva alguns pecuaristas a não optarem pela criação de búfalos mesmo tendo áreas onde eles poderiam render muito mais do que os bovinos.

Para reverter essa situação a ABCB está se mobilizando para iniciar uma campanha de esclarecimento de opinião pública sobre as qualidades tanto da carne como do leite de búfalos. Para começar a Associação irá participar com um stand na Tecnoagro, feira de Agropecuária, que acontecerá no Parque de Exposições do Anhembi, de 13 a 16 de março, onde haverá alguns animais em exposição e provas de degustação dos vários produtos feitos com leite e com carne de búfalos.

Ao mesmo tempo a Associação tem trabalhado junto aos órgãos oficiais de pesquisa para na realização de estudos que possibilitem a intensificação do desenvolvimento da bubalinocultura.

Nesse sentido um dos importantes trabalhos já realizados é o Estudo Comparativo do Rendimento de Carcaças de Bovinos e Bubalinos Terminados em confinamento, conduzido pelos técnicos Carlos Alberto da Silva Marra, Mauroni Alves Cangussu e Venício José de Andrade, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Nesse trabalho foi comparado o efeito do implante do zeranol sobre o ganho de peso e o rendimento de carcaça de 20 bovinos mestiços zebu e 20 bubalinos mestiços Murrah com idade média inicial respectivamente de 22 a 19 meses, confinados durante 30 dias.

As principais conclusões desse experimento apontam uma produção de massa muscular por unidade de tempo dos bubalinos de 160,94 kg contra 128,07 kg dos bovinos, levando em consideração a diferença de idade. Além disso apesar de os búfalos terem desvantagem quanto ao peso da pele, esta não depreciou seu rendimento de carcaça, que chegou aos 49,71% contra os 49,90% registrados nos bovinos. O estudo aponta também uma superioridade dos bubalinos em relação aos pesos médios de todos os cortes comerciais, com o peso médio dos traseiros dos bubalinos atingindo 101,70 kg dos bovinos 86,70 kg, o que indica no mínimo condições de igualdade entre bovinos e bubalinos na produção de carne confinada.



MARCHIGIANA

O TAURINO MAIS RÚSTICO PARA CRUZAMENTOS

Fazenda: CERRADO DE CIMA
ITAPEVA - SP

Fones: (0155) 22-1916 - 22-1866 - Ramal 24
Prop.: ISRAEL SVERNER

IS
SELEÇÃO
DE PÔ E
CRUZADOS



MARCHIGIANA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE MARCHIGIANA

AV. FRANCISCO MATARAZZO, 455 - SÃO PAULO - SP - CEP 05031
FONE (011) 62.2279

A MARCHIGIANA EM PARANAVAI - PR

Pela primeira vez a raça Marchigiana se fez representar, com muito sucesso, no importante centro de pecuária bovina de PARANAVAI - PR.

Realizando seu primeiro **LEILÃO ELITE** do ano, no dia 07 de março, com a eficiente organização da **PROGRAMA** e sob a supervisão da **ABCM**, foram comercializados 32 animais puros e cruzados pelo valor de Cr\$ 3.881.000,00, com as seguintes médias:

10 fêmeas PO	- Cr\$ 169.700,00
17 machos PO	- Cr\$ 109.882,00
1 macho 15/16	- Cr\$ 82.000,00
4 machos 7/8	- Cr\$ 61.000,00

A maior cotação coube a fêmea **PO DEUSA DO PATOLÃO**, de 27 meses, comprada por Luiz Augusto P. de Queiroz Neto, de Terra Rica - PR, por Cr\$ 370.000,00.

O maior vendedor foi Israel Sverner de Itapeva - SP, com Cr\$ 1.253.000,00 e o maior comprador foi LUIZINHO GONZAGA DONDÁ de Paranavai, com total de Cr\$ 111.000,00.

Sete criadores da raça apresentaram excelentes animais puros para a apreciação do júri. Dr. Paulo Eduardo Angerami, médico-veterinário do Ministério da Agricultura, que contou com a assessoria do zootecnista da ABCM Dr. Roberto Vilhena Jorita. Foram premiados os seguintes animais:

Grande Campeão: Congresso GV, propriedade de José Garcia Molina.

Res Grande Campeão: Duque da Quatro Irmãos, de Otávio Antonio Pedriali e Lauro Garcia Molina.

Grande Campeã: Dama do Quatro Irmãos, de Otávio A. Pedriali e Lauro Garcia Molina.

Res de Grande Campeã: Erculândia da Quatro Irmãos, dos mesmos criadores.

O prêmio de melhor expositor coube ao criador de Jardim Olinda - PR, José Garcia Molina, com 258,20 pontos, segundo dos criadores Otávio Pedriali e Lauro Garcia Molina de Umuarama - PR, com 234,20 pontos.

EVOLUÇÃO DO REBANHO MARCHIGIANO PURO DE ORIGEM NO BRASIL

NASCIMENTOS DE BEZERROS PO REGISTROS NA ABCM

ANO	Nº DE BEZERROS
1970 a 1972	13
1973	29
1974	45
1975	62
1976	87
1977	78
1978	98
1979	104
1980	110
1981	134
1982	156
1983	192
1984	215
1985	262
1986	488
1987	584
1988	689
1989	751

NOTA: A partir de 1984 o número de bezerros PO nascidos sofreu substancial incremento em virtude do sucesso dos programas de transferência de embriões.

SEMENTE MARCHIGIANA DISPONÍVEL NAS CENTRAIS DE INSEMINAÇÃO

1 - LAGOA DA SERRA
fones (011) 262-7733 - São Paulo - SP
(019) 642-2299 - Sorocaba - SP

IDEALE DA SANTANA RG 165 Amico da Santana
Bambina da Santana

ZELO DA OUA RG 262 Febo da Liquidarm
Maresca (Importado)

BOY DA QUATRO RG 407 Zello (Importado)
Malpica da Quatro

Irmãos

FABER DA LIQUI-FARM RG 101 Incisore (Importado)
Medusa (Importado)

CORADO DE ITAPEVA RG 718 Viajante de Itapeva
Pantera de Itapeva

COLORIDO DE ITAPEVA RG 719 Ideal da Santana
Zenobia de Itapeva

2 - PECPLAN BRADESCO
fones (011) 257-4522 - Osasco - SP
(034) 332-3331 - Uberaba - MG

TIROLO DA QUATRO IRMÃOS RG 190 Galante (Importado)
Nave (Importado)

BIANCONE DA UNITAS RG 220 Drago da Liquidarm
Paloma da Unitas

BOEING DA QUATRO IRMÃOS RG 427 São (Importado)
Gina da Quatro Irmãos

ALCE DA QUATRO IRMÃOS RG 367 Soffione (Importado)
Orca da Quatro Irmãos

"Para entrar no mundo moderno, temos que ser modernos. Não podemos, entretanto, entrar no mundo moderno, renegando a tradição, mas sim usá-la de um modo criador."

Otávio Paz.

O que vai pelo Controle Leiteiro

RELATÓRIO Nº 541

MÊS DE DEZEMBRO DE 1989

ANO XLV

ENGº AGRÔNOMO RUY CASSIO TOLEDO ZANARDI

PLACAR DAS RECORDISTAS

DIVISÃO I - 305 dias com nova parição em até 427 dias

RAÇA HOLANDESA - PRETA E BRANCA

LEITE - RUANN SIMON TURQUOISE 85594 - João Carlos Camolesi e Outros
AS - 3x - 10.990 kg de leite

DIVISÃO II - 365 dias

RAÇA HOLANDESA - PRETA E BRANCA

LEITE E GORDURA - GRAUNAS DORIANA PERALTA MARLU - Agropecuária Santo Onofre S/A
AA - 2x - 7.240 kg de leite e 263,4 kg de gordura

RAÇA JERSEY

LEITE E GORDURA - FAIR WEATHER BERNARD NOMA - Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo
BJ - 3x - 7.447 kg de leite e 351,5 kg de gordura

Fazenda
UIRAQUITÃ
Ondes Rodrigues Silva e Filhos



AMANACI da Uiraquitã

Nasc. 08/07/88

Nelore PO e POI

MORRO DA GARÇA - MG

END. COM. - Rua Voluntários da Pátria, 4274 - SP
Fone: (011) 267 5177

FAZENDA - Rua Porto Alegre, 261 - Curitiba - MG
Fone: (031) 723 4410

Serviço de Controle Leiteiro

RELATÓRIO Nº 541 - DEZEMBRO DE 1989 - ANO XLV

A.B.C./S.C.L. - I.Z./C.P.D.

LACTAÇÕES ATÉ 305 DIAS I DIVISÃO

Nome do animal	G.S	Idade A/M	Dias Lac.	Produções (kg) Leite Gordura	% Gord.	Proprietário		
Raça: HOLANDESA - PRETO E BRANCO								
Sex. Brdx. 2u								
CLASSE A2 - até 2 anos								
F. PALADINHO FROSTI	1973	PO	1/10	305	4246	159,4 LB	3,24	FAZENDA PARAISO S/A
JENI DE AET	OC1	1/10	294	3950	147,9	3,74	APARADO EDUARDO DE LIMA RENE	
CLASSE A2 - de 2 a 3 1/2 anos								
CALDAS TRADITION JEROME TE	201	PO	2/ 4	305	7106	256,2 LB	3,61	ALVARO JOSE ASENDE ASSUNCAO
UTANILDA JONAS ALVARO	OC2	2/ 1	305	6755	217,5 LB	3,14	AFONSO ROQUEIRA DE FREITAS	
CALDAS APOLLO FLORIANA	PO	2/ 5	305	6744	229,0 LB	3,54	GUILHERME W. SOARES CALDAS	
P. P. ALDO DANIELA ALVARO AVENTURA	PO	2/ 6	305	6713	201,6 LB	3,00	LUIS GUILHERME S. PITAGUARY MAZILLI	
GRANDEZA CHIEF LINDY ALVARO	OC2	2/ 2	305	6622	212,9 LB	3,22	AFONSO ROQUEIRA DE FREITAS	
HOLANDESA AVENCA FROSTANA	PO	2/ 6	305	6517	219,0 LB	3,58	HOLANDESA THEODORUS WILMS	
TERREIRA ACHILLES JERK	289	OC1	2/ 5	305	6251	224,9 LB	3,60	FERNANDO ARENS KIEHL E SO
VALENCIANA REEL JERK	745	OC1	2/ 4	305	6090	194,2 LB	3,18	FERNANDO ARENS KIEHL E DU
JACINTA SAO QUENTIN	81	OC2	2/ 3	305	5946	186,8 LB	3,14	PECUARIA ANAPURAS LTDA.
HUTALINA TEMA J. STEPHAN DO NEL	245	OC2	2/ 2	305	5482	182,5 LB	3,32	HELISIO EMPREENDIMENTOS RURAIS LTDA
ARITINGA SELVAGENS J. NEPHESTON	70	PO	2/ 4	305	5411	176,9 LB	3,21	LUIS GUILHERME S. PITAGUARY MAZILLI
DU JEROME FORCASTER GILDA	732	PO	2/ 5	305	5319	175,3 LB	3,30	PECUARIA ANAPURAS LTDA.
DU JEROME ACHILLES PARLINO	713	PO	2/ 4	305	5360	150,0 LB	3,00	PECUARIA ANAPURAS LTDA.
JANETES DO QUENTIN	134	OC1	2/ 4	305	5110	159,4 LB	3,11	PECUARIA ANAPURAS LTDA.
NEL - BELISA JOSENEILSA HULLTOP	705	PO	2/ 5	305	5040	155,0 LB	3,24	HELISIO EMPREENDIMENTOS RURAIS LTDA
TERREIRA ROCK TPAHENS LITBAND	217	PO	2/ 5	305	4974	162,0 LB	3,28	GABRIEL E SERGIO SINAO
NEL - MONTURDITA ZABETTA SAMOER	791	PO	2/ 2	305	4760	167,0 LB	3,27	HELISIO EMPREENDIMENTOS RURAIS LTDA

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

Nome do animal	G.S.	Idade	Dias	Produção (kg)	%	Proprietário		
G.S.	A.M.	Lac.	Leite	Gordura	Gord.			
Rapa: HOLANDESA - PRETO E BRANCO								
Mae: 1000 10								
CLASSE III - de 2 a 3 anos								
SEBASTIÃO FELIX NEVESA	PO	20	2111	245	1637	220.0 LN	1.22	PARACATAPÁ COLONINI LTM.
JOÃO NESTY NESTY	PO	20	2111	245	1637	163.0 LN	1.22	LAIR ANTONIO DE SOUZA
JOÃO NESTY	PO	20	2111	245	1637	163.0 LN	1.22	JOSÉATO PEREIRA BONA
CLASSE III - de 2 a 3 1/2 anos								
MAURO TROMBON VETRI	PO	20	2111	245	1637	220.0 LN	1.22	PARACATAPÁ COLONINI LTM.
JOÃO NESTY	PO	20	2111	245	1637	163.0 LN	1.22	LAIR ANTONIO DE SOUZA
JOÃO NESTY	PO	20	2111	245	1637	163.0 LN	1.22	JOSÉATO PEREIRA BONA
CLASSE III - de 3 a 4 anos								
SEBASTIÃO FELIX NEVESA	PO	20	2111	245	1637	220.0 LN	1.22	PARACATAPÁ COLONINI LTM.
JOÃO NESTY	PO	20	2111	245	1637	163.0 LN	1.22	LAIR ANTONIO DE SOUZA
JOÃO NESTY	PO	20	2111	245	1637	163.0 LN	1.22	JOSÉATO PEREIRA BONA

através de ato específico, quando houver produção e solicitação para tipificar este tipo de animal.

2 Da tipificação de carcaça.

A tipificação de carcaças obedecerá os parâmetros sexo-maturidade, conformação, acabamento e peso.

2.1 - Carcaças entendendo-se por carcaça de bovino, o animal abatido, sangrado, esfolado, eviscerado, desprovido de cabeça, patas, rapaca, glândulas mamárias na fêmea, ou verga, exceto suas raízes e testículos, no macho. Após a divisão em metes carcaças retiram-se ainda os rios, gorduras peritoneal e inguinal, "ferida de sangria", medula espinhal, diafragma e seus pilares.

2.2 - Sexo-maturidade: o sexo é verificado através da conservação dos caracteres sexuais e a maturidade fisiológica pelo exame dos dentes incisivos. Quando necessário, o exame será complementado através da observação da calcificação das cartilagens, especialmente das apófises espinhosas das vértebras torácicas.

2.2.1 - Sexo: São estabelecidas as seguintes categorias:

2.2.1.1 - Macho-M - estão englobados neste item os machos inteiros;

2.2.1.2 - Machos Castrados-C - estão englobados neste item os machos castrados;

2.2.1.3 - Fêmea-F - estão englobados neste item as fêmeas bovinas.

2.2.2 - Maturidade: São estabelecidas as seguintes categorias:

2.2.2.1 - Dente de leite - d: Animais com apenas 1º denteção, sem queda das pinças;

2.2.2.2 - Quatro dentes - 4: Animais com até quatro dentes definitivos sem queda dos segundos médios da primeira dentição;

2.2.2.3 - Seis dentes - 6: Animais com mais de 4 e até 6 dentes definitivos, sem queda dos cantos da primeira dentição;

2.2.2.5 - Oito dentes - 8: Animais possuindo mais de seis dentes definitivos.

2.3 - Conformação: Expressa o desenvolvimento das massas musculares.

Este parâmetro é obtido pela verificação dos perfis musculares, os quais definem anatomicamente as regiões de uma carcaça; tal fato elimina assim aspecto puramente subjetivo do problema, passando a ser quase que mensurável.

Desse modo, na medida em que a carcaça for convexa, arredondada, exprimirá maior desenvolvimento; sendo côncava retilinha o contrário, isto é, menor desenvolvimento muscular.

As carcaças serão descritas como segue:

- Carcaças Convexas - C
- Carcaças subconvexas - Sc
- Carcaças Retilíneas - Re
- Carcaças sub-retilíneas - Sr
- Carcaças Côncavas - Co

2.4 - Acabamento: Expressa a distribuição e a quantidade de gordura de cobertura da carcaça, sendo descrita através das seguintes denominações:

- 1 - Magra - gordura ausente;
- 2 - Gordura excessiva - 1 a 3 mm de espessura;
- 3 - Gordura mediana - acima de 3 e até 6 mm de espessura;
- 4 - Gordura uniforme - acima de 6 e até 10 mm de espessura;
- 5 - Gordura excessiva - acima de 10 mm de espessura.

A aferição da gordura será feita em três locais diferentes da carcaça, a saber:

- À altura do 6º costela, sobre o músculo grande dorsal, em sua parte dorsal;
- À altura do 9º costela, sobre o músculo grande dorsal, em sua parte ventral;
- À altura do 12º costela, sobre o músculo serrátil dorsal caudal.

Complementariamente proceder-se-á à verificação da gordura na região lombo e no coxão.

2.5 - Peso: Refere-se ao "peso quente" da carcaça obtida na sala de matança, logo após o abate.

LOCAL: Anfiteatro do Pavilhão de Engenharia, Esalq/USP, Campus de Piracicaba.

PROGRAMA:

- Condições básicas para confinamento
- Bovinos para confinamento
- Alimentos volumosos
- Alimentos concentrados e suplementos
- Aditivos e anabolizantes
- Manejo da alimentação
- Preparo e manejo dos animais
- Formulação de rações.

PARTICIPANTES: Produtores, profissionais de ciências agrárias e outros interessados do setor.

CRIAÇÃO E DOMA DE CAVALOS

PERÍODO E HORÁRIO:

09. abril - 13:00 às 17:00 h
10. abril - 09:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 h
11. abril - 09:00 às 12:00 h

LOCAL: Anfiteatro do Setor de Mecânica, Esalq/USP, Campus de Piracicaba.

PROGRAMA:

- Pastagens para cavalos
- Produção e uso de feno
- Sistemas de produção
 - Programa de instalações
 - Programa de alimentação
 - Programa de utilização do cavalo
 - Programa de melhoramento
- Prática de doma
- Início do trabalho montado (adestramento)

PARTICIPANTES: Criadores, tratadores, veterinários, agrônomos, zootecnistas e demais interessados.

INFORMAÇÕES: Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz, Av. Carlos Botelho, 1025, CEP 13400 - Piracicaba, SP, ou através dos telefones (019) 22-6600 ou 22-3491 e tel. 197443 FEALQ

Perspectivas dos Mercados Externos de Produtos Agrícolas

Com o objetivo de caracterizar o contexto geral e os principais mercados externos dos produtos agrícolas e agroindustriais brasileiros de exportação e definir estratégias operacionais para a empresa exportadora destes produtos, a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz - FEALQ coordenadora, de 23 a 25 de abril, o curso "Perspectivas dos Mercados Externos de Produtos Agrícolas".

O curso será ministrado por professores universitários e dirigentes de empresas agropecuárias, agroindustriais, associações de classe e órgãos governamentais e terá um número de vagas limitado a 60 participantes.

Nome do animal	G.S.	Idade A/M	Dias Lac.	Produções (kg) Leite Gordura	% Gord.	Proprietário
Raça: MESTIÇA						
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos VISELA DA COLONIAL	PD	4/10	305	2049	86,7 LN	4,23 GABRIEL D. ANDRADE-COLONIAL AGROPEC.
CLASSE D - de 5 a 6 anos VAREJA DA COLONIAL	PC	5/4	305	1608	72,6	4,31 GABRIEL D. ANDRADE-COLONIAL AGROPEC.
CLASSE E - de 6 a 7 anos DARTOM COL	BC1	6/1	260	2037	102,1 LN	5,01 GABRIEL D. ANDRADE-COLONIAL AGROPEC.
CLASSE F - de 7 a 8 anos LENA	PD	12/7	305	2335	123,5 LN	5,29 GABRIEL D. ANDRADE-COLONIAL AGROPEC.
TAREFA	PC	8/8	303	1991	100,7 LN	5,04 GABRIEL D. ANDRADE-COLONIAL AGROPEC.
CATIA	PD	14/5	305	1883	83,7 LN	4,45 GABRIEL D. ANDRADE-COLONIAL AGROPEC.
NOVELA	PC	12/1	291	1807	90,6 LN	5,01 GABRIEL D. ANDRADE-COLONIAL AGROPEC.
SIMINA	BC2	7/4	305	1645	81,6	4,94 GABRIEL D. ANDRADE-COLONIAL AGROPEC.
Raça: MESTIÇA						
CLASSE B2 - de 3 a 3 1/2 anos BAILARINA	NR	3/4	249	4364	144,6 LN	3,31 MARCO ANTONIO SARGACO COTRIN
CLASSE B5 - de 3 1/2 a 4 anos GRANADA	NR	3/7	297	4037	125,9 LN	3,37 MARCO ANTONIO SARGACO COTRIN
FITA	NR	3/9	279	3540	124,8	3,36 MARCO ANTONIO SARGACO COTRIN
CLASSE C3 - de 4 1/2 a 5 anos FONDA	NR	4/8	305	4782	172,1 LN	3,60 MARCO ANTONIO SARGACO COTRIN
FAUSTINA	NR	4/7	283	3920	133,9	3,42 MARCO ANTONIO SARGACO COTRIN
CLASSE S - de 5 a 6 anos EMPADA	NR	5/11	294	4203	155,7 LN	3,70 MARCO ANTONIO SARGACO COTRIN
FAZENDEIRA	NR	5/1	259	2444	126,5	3,65 MARCO ANTONIO SARGACO COTRIN
ESPIGA	NR	5/9	250	3246	111,2	3,43 MARCO ANTONIO SARGACO COTRIN
CLASSE F - de 7 a 8 anos DELICIA	NR	8/8	281	4336	145,9 LN	3,36 MARCO ANTONIO SARGACO COTRIN
DEWIDSA	NR	8/8	250	3762	123,8	3,29 MARCO ANTONIO SARGACO COTRIN
DIANA	NR	8/11	281	3188	112,1	3,52 MARCO ANTONIO SARGACO COTRIN
DAISY	NR	8/8	281	3100	106,3	3,43 MARCO ANTONIO SARGACO COTRIN
ESTRELLINA	NR	8/1	305	2843	92,9	3,27 CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
CAMPALINA	NR	8/8	305	2486	84,1	3,38 CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
NADURADA	NR	8/8	305	2254	70,9	3,15 CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
LUMIA	NR	8/8	305	2170	69,3	3,19 CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
BOGADA	NR	8/8	305	1973	67,0	3,40 CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
ANTILIA	NR	8/11	283	1937	61,6	3,13 CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
ARISTINA	NR	8/8	305	1767	54,5	3,07 CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
TAQUARINA	AA	7/4	274	1675	69,3	4,13 MARIA ISABEL PIZA DE ALMEIDA PRADO
BOBOSA	NR	8/7	251	1248	43,6	3,49 CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO

LACTAÇÕES ATÉ 365 DIAS II DIVISÃO

Nome do animal	G.S.	Idade A/M	Dias Lac.	Produções (kg) Leite Gordura	% Gord.	Proprietário
Raça: HOLANDESA - PRETO E BRANCO						
CLASSE A4 - até 2 anos QUARON BORTANO PEGUETA MARLO	PD	1/11	365	7240	263,4	3,64 AGROPECUARIA SANTO OMRE S/A
YAKULT BORTANO PEGUETA MARLO	PD	1/11	326	3856	138,1	3,37 YAKULT S/A INDUSTRIA E COMERCIO
CLASSE A1 - de 2 a 3 1/2 anos CALADO LINON CARLA	PD	2/4	365	9515	309,3	5,25 GUILHERME N. SOARES CALADO
CALADA BLANDEIRO AZEITONA PMO BALMO	SRB	2/8	365	8438	247,0	2,93 JACOB ROSEIER DUTILL
ALUMAR BOUTINER BOUTINER	PD	7/2	334	8071	261,5	3,24 AFONSO ROSEIER DE FREITAS
DARDAIS BOUTINER BOUTINER	PD	2/3	347	7550	274,4	4,43 FERNANDO AMERIO ELEN, E OU
P. B. CARLOS APOLLO ANDRADE	PD	4/4	365	7305	238,5	3,26 JACOB ROSEIER DUTILL
TERESA LIZIARDI MARLO LIZIARDI	PD	2/3	365	7055	229,2	3,22 GABRIEL E SERGIO SINAO
FRANCIS KILTY MARIA JOAO T. RE	PD	2/3	322	6917	222,8	3,25 CARLOS ALBERTO J. LOVANI
JOSEFINA SAO QUIRINO	SRB	7/3	365	6128	200,7	3,20 PECUARIA ANIMAS LTDA.
T. LUCY ACRILLES LUCIANA RE	PD	2/3	365	6094	192,6	3,20 GABRIEL E SERGIO SINAO
JANGARA GRY IDEAL VINDOGA	SRB	2/3	329	5756	182,3	3,18 NAYRE KEUTERMEIJAN
DO JANGARA TEREZITA EITONIA	PD	2/4	333	5415	177,5	3,20 PECUARIA ANIMAS LTDA.
PAULADA 153 SILVER RICA	SRB	2/3	365	5266	182,1	3,26 FÁBIO ROBERTO AGUIAR PASTREL LTDA
JACOBARDI SAO QUIRINO	SRB	2/3	327	5156	168,1	3,26 PECUARIA ANIMAS LTDA.
JERU CORREI LERIA	PD	2/4	329	5144	191,5	3,70 FERNANDO AMERIO ELEN, E OU
ANDRES CONSTANCE RELESTRE	PD	2/4	365	5010	180,7	3,60 HUGO JOSEPH LAMBERT
REL. MONTARDA JACITINA BARDER	PD	2/2	366	4992	164,2	3,29 MELISSA EMPREENDIMENTOS MORAIS LTDA
FLOR DO CAMPO ERIC ELAR	SRB	2/3	363	4929	172,1	3,90 B.O. AGROPECUARIA LTDA
DA MARIA ROSA	PD	2/1	347	4736	152,2	3,22 NOSSA TERRA AGROP. IND. LTDA.
DA JULIA MONTADO MONTADO	PD	2/3	325	4546	154,5	3,44 PECUARIA ANIMAS LTDA.
LIZIARDI LIZIARDI JANGARA	SRB	2/8	365	4482	150,9	3,35 GABRIEL E SERGIO SINAO
JANGARA SAO QUIRINO	SRB	2/3	327	4356	150,8	3,30 PECUARIA ANIMAS LTDA.
ANTARITA 2111 MARCO DE STA H.	BC1	2/5	349	4129	130,8	3,14 CIA. ADM. TEC. E ADM. ATAGI
PIETRA KILTOP JERU	SRB	2/3	328	4010	177,9	4,43 FERNANDO AMERIO ELEN, E OU
ELSE OLIVEIRA JACON	PD	2/2	320	3492	135,8	3,89 B.O. AGROPECUARIA LTDA
CLASSE A6 - de 2 1/2 a 3 anos REL. ESPERANCA ASTRO RIBEIRO	BC2	2/7	361	7567	259,3	3,43 MARCIO RESQUITA BERRY
FRANCIS V3 LEITE HELD RISTY	BC2	2/7	365	7289	242,2	3,32 CARLOS ALBERTO J. LOVANI
ANTICILDA SAO QUIRINO	BC2	2/8	365	6599	216,9	3,24 PECUARIA ANIMAS LTDA.
SANTA OLIVEIRA MARIA ESTELA	BC2	2/4	365	6167	217,7	3,53 MARCIO RESQUITA BERRY
DO JESUITA FORCATE MONTADO	BC2	2/8	365	6024	199,2	3,31 PECUARIA ANIMAS LTDA.



Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

[illegible]

30 ANOS COM A AGRICULTURA

Fundada em 1959, a Fertiliz - Cia. Nacional de Fertilizantes está incluída entre as 10 maiores empresas privadas do setor, possuindo unidades em São Paulo, Minas e ainda no Paraná.

Com um faturamento anual em torno de 50 milhões de dólares produzindo cerca de 250 mil toneladas/ano oferecendo 250 fórmulas balanceadas de fertilizantes adequadas às diferentes culturas e regiões do País.

Em 1986, abriu seu capital garantindo e ampliando sua atuação, com investimentos, de cerca de 5 milhões de dólares nos últimos anos na produção, logística, qualidade, modernização e treinamento de pessoal.

Com a experiência e a preocupação de modernizar-se cada vez mais, a Fertiza vem se estabelecendo como importante empresa do segmento, servindo ao agricultor, colaborando com o crescimento da agricultura nacional.

A Cooperativa de Lins no caminho certo

A Cooperativa de Laticínios Linsense Ltda., possui um granelheiro que comporta 10.000 sacas de milho a granel. Pretende receber nesta safra, milho de seus cooperados para armazenagem até o dia que desejarem vender, com custo baixíssimo em relação a CEAGESP e qualquer outro granelheiro. Quira grande vantagem, quando quiser vender o milho, é só ligar para a Cooperativa e receber o preço do dia à vista, sem intermediários, sem taxas de comercialização e sem burocracia nenhuma.

A Linense há tempos fabrica a roupa "Copacabana" que é muito procurada pelos seus cooperados e atende as solicitações, principalmente das cooperativas irmãs do Sistema Paulista.

Meadows é o novo presidente da Caterpillar Brasil

Michael Meadows, vice-presidente da Caterpillar Inc., acaba de assumir o cargo de Diretor Presidente da Caterpillar Brasil.

Graduado em física e matemática pela Universidade do Bradley, Meadows revelou sua carreira na Caterpillar Inc. iniciada em 1966, quando ingressou para o Departamento de Pesquisa, no Centro Técnico de Mossville, em Illinois, como técnico em eletrônica. Atuou nas áreas de engenharia e marketing e esta não é a primeira vez que trabalhou no Brasil. No período de 1975 a 1981 foi gerente de divisão e de departamento na área de engenharia do serviço na Caterpillar Brasil. Em 1982 assumiu a presidência da Caterpillar Americas Co. e da Caterpillar World Trading Corporation e em 1983 viajou ao Brasil para presenciar o lançamento da nova linha de tratores.

A presença de um vice-presidente da corporação no comando da CBSA trará reflexos positivos para a subsidiária brasileira. Além nacional do mercado de máquinas de terraplenagem e mineração.

Seu antecessor, Vito Baumgartner, que durante três anos ocupou a presidência da Caterpillar Brasil, foi eleito vice-presidente da corporação e "chairman" da Caterpillar Overseas S.A., em Genebra, e responderá pelos negócios da Caterpillar na Europa, África e Oriente Médio.

A EXPANSÃO DO CAMPOLINA EM SÃO PAULO

Após nova diretoria do Clube do Cavalo Campolima do Estado de São Paulo, empossada em setembro de 1988, ficou assim constituída: Rubens A. Pinto da Silveira, presidente; Álvaro P. Leal e Orlando Sérgio, 1º e 2º vices; Anizio Fideles, diretor-secretário; Marcelo Giampietro, diretor-treineiro; Josué Rodrigues, diretor de relações públicas; Pedro Silva de Assis, diretor técnico (nomeado em dezembro de 1988); Philipe G G A. Bazili, presidente; Geraldo José da Silva, vice; José Mariq Siqueira Mathews e Ricardo Saliba, 1º e 2º secretários. Conselho Fiscal: Francisco Leme de Souza, Jaime Schenstern e Claudio Salgado.

Em 88, o Clube conseguiu espaço na Exposição Agropecuária de Bragança Paulista, de 6 a 14 de maio, promovida pela Associação dos Criadores da Região Bragantina com o apoio da Prefeitura Municipal. Nesta exposição os resultados superaram as expectativas e o feilão de Campolina atingiu valores significativos.

Passado este evento, a diretoria do Clube, com o apoio da Associação Brasileira dos Criadores do Cavallo Campolina, iniciou os preparativos para a IX EXPANDE, no Parque da Água Funda em São Paulo, onde, o leilão surpreendeu alcançando o total de R\$ 827 mil para 28 animais, com média de R\$ 33.107,14, na época valores considerados altos.

Encerrando o ano de 89, o Clube do Cavalo Campolano do Estado de São Paulo se apresentou na 25ª EMAPA em Avaré, tradicional mostra do Estado realizada de 2 a 10 de dezembro, participaram deste evento criadores paulistas, cariocas e mineiros e o Campolano marcou presença em Avaré.

O ano passado foi sem dúvida, marcante para a raça no Estado de São Paulo, quando com aproximadamente 250 criadores, 70 desses associados ao Clube

Enfocizado as características de raça, resistência, agilidade e comodidade, o Clube pretende expandir o Campolina levando ao novo criador informações básicas da criação.

Para 90 a agenda do Clube está bastante movimentada e o ano inicia-se com o II Exposição Especializada Campolina do Estado de São Paulo, de 15 a 19 de março no Parque de Água Branca, em São Paulo.

De acordo com o presidente do Clube, Rubens A. Pinto da Silva, a organização

[illegible]

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

Nome do animal	G.S.	Idade		Dias	Produção (kg)		%	Proprietário
		A/M	Lac.		Leite	Gordura		
AP BOUTEIRA FELICITA	548	PO	8/11	345	1942	237.2	3.50	FÁBIO DA SILVA LIMA
BRUNO L. M. A.	74	PO	8/11	358	1847	228.3	3.43	FÁBIO DA SILVA LIMA
Raça: BOLA-DE-VERMELHO E BRANCO					M. de D. 1. 30			
CLASSE A1 - de 2 a 3 1/2 anos		PO	2/ 5	340	4350	242.3	3.50	OLIMAR-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE A2 - de 3 1/2 a 4 anos		PO	3/ 6	345	5132	250.0	3.44	PAUL FLORES DA SILVA
CLASSE A3 - de 4 a 5 anos	215	PO	3/ 6	345	4754	237.4	4.85	DANIEL FLORES DA SILVA
CLASSE A4 - de 5 a 6 anos		PO	2/ 4	340	5914	279.1	3.75	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE A5 - de 6 a 7 anos		PO	2/ 4	332	5842	258.2	3.58	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE A6 - de 7 a 8 anos		PO	3/ 6	355	5738	275.1	5.75	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE A7 - de 8 a 9 anos	223	PO	3/ 6	355	4899	244.9	3.72	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE A8 - de 9 a 10 anos		PO	3/ 6	345	5545	265.1	7.04	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE A9 - de 10 a 11 anos	57	PO	3/ 6	344	5822	277.8	5.94	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE B1 - de 1 1/2 a 2 anos		PO	3/ 6	354	4845	254.9	3.77	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE B2 - de 2 a 3 anos	113	PO	3/ 6	345	5177	272.5	3.48	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE B3 - de 3 a 4 anos		PO	4/ 7	358	4422	292.5	3.33	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE B4 - de 4 a 5 anos	33	PO	4/ 7	342	5481	272.3	3.30	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE B5 - de 5 a 6 anos		PO	4/ 7	324	5252	272.8	3.71	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE B6 - de 6 a 7 anos		PO	5/ 8	372	5117	257.9	3.65	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE B7 - de 7 a 8 anos		PO	4/ 7	319	5776	242.4	3.81	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE B8 - de 8 a 9 anos		PO	4/ 7	345	5771	260.8	3.48	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE B9 - de 9 a 10 anos		PO	4/ 7	345	4441	245.9	3.14	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE C1 - de 1 1/2 a 2 anos		PO	7/ 9	368	4465	240.3	3.22	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE C2 - de 2 a 3 anos	204	PO	7/ 9	368	5358	266.3	3.83	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE C3 - de 3 a 4 anos		PO	8/ 9	345	4872	282.4	3.75	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE C4 - de 4 a 5 anos		PO	8/ 9	347	4325	248.4	2.45	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE C5 - de 5 a 6 anos		PO	10/ 9	343	7013	250.3	3.78	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE C6 - de 6 a 7 anos		PO	10/ 9	344	6828	241.0	3.40	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE C7 - de 7 a 8 anos		PO	11/ 9	342	5834	268.3	3.57	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
CLASSE C8 - de 8 a 9 anos	104	PO	12/ 9	334	7278	286.3	2.57	MOLANDE-HERNANDES A. MOREIRA
Raça: BOLA-DE-VERMELHO E BRANCO					M. de D. 1. 30			
CLASSE D1 - de 2 a 3 1/2 anos		PO	2/ 5	345	4836	263.2	3.23	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE D2 - de 3 1/2 a 4 anos		PO	2/ 5	345	4481	241.0	3.29	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE D3 - de 4 a 5 anos		PO	2/ 5	339	4424	271.5	3.23	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE D4 - de 5 a 6 anos		PO	2/ 5	345	4433	244.5	4.43	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE D5 - de 6 a 7 anos		PO	2/ 5	345	4730	248.2	3.84	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE D6 - de 7 a 8 anos		PO	3/ 6	335	4702	243.0	3.85	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE D7 - de 8 a 9 anos		PO	7/ 6	345	5445	347.1	3.31	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE D8 - de 9 a 10 anos		PO	8/ 7	323	5813	223.9	3.76	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE D9 - de 10 a 11 anos		PO	8/ 7	340	5524	229.4	4.75	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
Raça: BOLA-DE-VERMELHO E BRANCO					M. de D. 1. 30			
CLASSE E1 - de 2 a 3 1/2 anos		PO	2/ 2	342	4805	270.8	4.40	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE E2 - de 3 1/2 a 4 anos	19	PO	2/ 2	346	5046	240.4	4.52	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE E3 - de 4 a 5 anos		PO	2/ 2	331	2065	227.2	4.17	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE E4 - de 5 a 6 anos	67	PO	2/ 2	310	1958	165.4	3.84	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE E5 - de 6 a 7 anos		PO	3/ 2	345	5394	264.8	4.44	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE E6 - de 7 a 8 anos	116	PO	3/ 2	340	2413	100.8	3.84	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE E7 - de 8 a 9 anos		PO	4/ 2	345	3655	233.1	4.29	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE E8 - de 9 a 10 anos		PO	5/ 2	340	4624	188.1	4.49	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE E9 - de 10 a 11 anos		PO	6/ 2	352	5152	244.0	4.25	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE F1 - de 11 a 12 anos	819	PO	6/ 2	345	3796	146.2	4.52	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE F2 - de 12 a 13 anos		PO	6/ 2	345	5094	123.4	4.31	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE F3 - de 13 a 14 anos	50	PO	6/ 2	316	2448	124.0	4.71	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE G1 - de 1 a 2 anos		PO	8/10	319	2781	129.2	4.34	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE G2 - de 2 a 3 anos	75	PO	10/ 4	294	1237	174.3	4.39	OLIVIO A. S. A. STODOLIN
CLASSE G3 - de 3 a 4 anos	130	PO	12/ 1	204	7049	119.0	3.48	OLIVIO A. S. A. STODOLIN

deste evento está voltada para o atendimento das necessidades dos criadores, peões e animais. Haverá também um leilão no sábado, dia 17 de março, às 19 horas no Parque da Água Branca, onde serão ofertados animais de alto padrão da raça, sendo uma boa oportunidade para novos criadores aderirem ao Camélopina.

Maiores informações poderão ser obtidas no Clube do Cavaço Campolina do Estado de São Paulo, pelo telefone 011 - 4971427 com Sr. Rubens.

Expoileilões

Bons Preços Para o Gado de Corte

Realizado em 1º de fevereiro, no Parque de Exposições de Barretos, o 17º Leilão de Gado de Corte de Barretos obteve um faturamento bruto de NCz\$ 4,8 milhões com a venda de 1 011 animais.

A média de preços por animal foi de NCz\$ 4.777,65 e as médias por categoria foram as seguintes: machos Nelore 18/24 m, NCz\$ 4,8 mil, machos Nelore 29/30 m, NCz\$ 6,4 mil, machos Nelore 8 m, NCz\$ 1,8 mil, fêmeas Nelore 12/14 m, NCz\$ 2,4 mil, e machos mestiços 18/24 m, NCz\$ 4,2 mil.

Os maiores compradores foram Sebas-
tião Rodrigues da Cunha, Luiz Ricardo J.
Borges e Francolino Galvão de Souza, com
os seguintes valores: NCz\$ 2 327,60 mil,
NCz\$ 270,00 mil e NCz\$ 303,9 mil, respec-
tivamente.

**Bons preços para os machos
do LEILOVALE**

O 11º Leilão, realizado dia 1º de fevereiro no Parque Cedros, no Município de Miranda (MS), obteve um faturamento bruto de R\$ 3,4 milhões, com a venda de 805 animais.

As médias de preços alcançadas foram as seguintes: machos Nalore s/não - NC\$5 4,2 mil; machos Nalore 24m - NC\$5 54,9 mil; machos Nalore 30m - NC\$5 6,0 mil; machos Nalore 36 m - NC\$5 5,2 mil; machos Nalore 72 m - NC\$5 6,8 mil; fêmeas Nalore s/não - NC\$5 2,2 mil; fêmeas Nalore 24 m - NC\$5 3,5 mil; vacas boudairras - NC\$5 3,2 mil; fêmeas Road Angus 8m - NC\$5 3,2 mil; nã-cho rup Nalore PO 29 m - NC\$5 13,0 mil; machos 1/2 S Marchigiana 17m - NC\$5 5,8 mil; e coltro 1/2 S OM - NC\$5 4,5 mil.

Leilões em alta

As médias de preços para gado de corte e o número de cabeças comercializadas continuam aumentando, neste início de ano, nos leilões dos principais preços. Com a virada do ano, porém, fechando o mês de

janeiro costada a NCz\$ 550,00 - 83% acima dos preços de fechamento de dezembro - e atingindo NCz\$ 650,00 na segunda semana de fevereiro, os invernoistas estão pagando caro pelo boi magro. Confira, a seguir, os resultados de alguns leilões:

Βαλέρυ

No tradicional leilão, realizado no dia 3 de fevereiro, a média do preço alcançada foi de R\$ 4.590,00 por animal e a oferta foi de 1.469 cabeças, proporcionando um faturamento bruto de R\$ 6.742 milhões. As médias por categoria foram as seguintes: fêmeas Nelore de 5 a 8 meses - R\$ 2 mil; de 8 a 10 - R\$ 2,2 mil; de 20 a 24 - R\$ 3,1 mil; de 24 a 30 - R\$ 6,600 mil; de 30 a 36 - R\$ 2,164 mil, fêmeas aneladas de 18 a 20 - R\$ 2.750 mil; de 20 a 24 - R\$ 3,161 mil, machos anelados de 24 a 30 - R\$ 5,2 mil; machos Canchim de 24 a 30 - R\$ 5,8 mil, fêmeas mestiças de 18 a 20 - R\$ 3,7 mil, machos mestiços de 8 a 10 - R\$ 2,9 mil; de 12 a 15 - R\$ 3,5 mil; de 18 a 20 - R\$ 3,9 mil; de 20 a 24 - R\$ 4,1 mil; de 24 a 30 - R\$ 4,785 mil; de 30 a 36 - R\$ 6,350 mil.

Aracatuba

O segundo remate do ano, dia 27 de janeiro apresentou uma média geral mais baixa, NCz\$ 3.469,26. Mas em compensação, a quantidade de animais licitados foi muito superior, 2.275 cabeças, o que proporcionou um faturamento bruto de NCz\$ 7.728 milhões. As médias por categorias foram as seguintes: fêmeas Nalore de 8 a 10 meses - NCz\$ 2.260 mil, de 10 a 12 meses - 2.050 mil, de 12 a 15 - NCz\$ 2 mil, 18 a 20 - NCz\$ 2,9 mil, machos Nalore até 5 meses - NCz\$ 2.750 mil, de 8 a 10 - NCz\$ 3,1 mil, de 12 a 15 NCz\$ 4,577 mil, de 15 a 18 - NCz\$ 4,653 mil, de 18 a 20 - NCz\$ 4,775 mil, de 20 a 24 - NCz\$ 5,764 mil, de 24 a 30 - NCz\$ 6,375 mil, de 30 a 36 - NCz\$ 6,325 mil, machos anelados de 10 a 12 - NCz\$ 2,850 mil, fêmeas cruzadas de 20 a 24 - NCz\$ 3,550 mil, machos cruzados de 5 a 8 - NCz\$ 2,088 mil, de 8 a 10 - NCz\$ 2,244 mil, de 10 a 12 - NCz\$ 2,287, de 12 a 15 - NCz\$ 3,534 mil, de 20 a 24 - NCz\$ 4,377 mil, machos Charolais de 18 a 20 - NCz\$ 3,417 mil, de 20 a 24 - NCz\$ 3,593 mil, fêmeas Canchim de 15 a 18 - NCz\$ 3 mil, de 20 a 24 - NCz\$ 3,9 mil machos mestiços de 20 a 24 - NCz\$ 3,6 mil.

São José do Rio Preto

O 2^o Loteiro Desfrute de Gado de Corte, realizado dia 25 de janeiro, obteve um lotamentamento líquido de NC\$5 6.517 milhões, com a venda de 1.476 cabeças e uma média de preço de NC\$5 4.415 mil por animal. As melhores pautas categoria foram os seguintes: machos, Nódulo de 12 meses NC\$5 3,3 mil, de 15 a 18 NC\$5 4,5 mil, de 27 a 30 NC\$5 6,1 mil; fêmeas, de 35 NC\$5 6,3 mil machos, Nódulo de 15 a 18 NC\$5 2,7 mil machos, Nódulo de 12 a 15 NC\$5 2,9 mil e fêmeas, de 24 a 30 NC\$5 3,0 mil.

[illegible]

Nome do animal	Idade	Dias	Produções (kg)	%	Proprietário
G.S.	A/M	Lac.	Leite	Gordura	Gord.



Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

C. A. NAVALIM	PD	12/ 3	348	2994	118,9	3,97	ANTONIO JOSE LUCIO D. COSTA
C. A. BORDADA	SC1	8/ 5	341	2968	119,4	4,03	JOAO SAMUEL DA COSTA NORONHA
DELTA	NR	8/11	345	2962	124,1	4,19	JOSE LUCIO RESENDE
C. A. AZEVEDO	NR	9/ 4	345	2961	114,3	3,86	JOAO SAMUEL DA COSTA NORONHA
ITAMATI NATIVO	PD	14/11	345	2825	116,0	4,11	JOSE FRANCISCO JUNQUEIRA REIS
C. A. ACITONIA	SC1	12/ 9	345	2752	114,6	4,16	JOAO SAMUEL DA COSTA NORONHA
PRIMA-DONA DE BRASILEIA	PD	11/10	345	2682	117,4	4,26	ANTONIO CESAR MARCONI
VELUTIA DE BRASILEIA	PD	11/ 5	310	2548	98,5	3,87	ANTONIO CESAR MARCONI
ATLANTICA	PD	9/ 7	312	2418	100,8	4,30	JOSE LUCIO RESENDE
FIBRA	PD	12/ 0	345	1612	58,2	3,61	ORGANIZACAO BRASIL VITALEIA LTDA

Raça: GIR Mrs. Orde.: 3x							
CLASSE B - de 3 a 6 anos	PD	5/ 2	345	2624	130,9	4,99	GABRIEL DONATO DE ANDRADE
ULTIMA DA CAL							
CLASSE E - de 6 a 7 anos	PC	6/ 7	345	4655	212,5	4,56	KENYA AGRICOLA E PECUARIA LTDA.
SARRIQUETRA							
CLASSE F - mais de 7 anos	PD	7/ 1	342	5517	211,1	3,97	GABRIEL DONATO DE ANDRADE
SABA DA CALCOTLANDIA							

Raça: GIR X HOL. (GIROLANDO) Mrs. Orde.: 2x									
CLASSE B2 - de 3 a 3 1/2 anos		BP 72	2N	3/ 0	345	4070	146,8	3,61	PAULO DE THARSO BITTENCOURT
PT3 EVITA									
CLASSE C2 - de 4 a 4 1/2 anos		NR3	4/ 1	353	2367	75,5	5,19	PAULO DE THARSO BITTENCOURT	
PT3 MAROJA BB-2142									
CLASSE C3 - de 4 1/2 a 5 anos		478P	2N	4/ 9	345	2981	127,3	4,27	PAULO DE THARSO BITTENCOURT
PT3 VASCINA									
CLASSE D - de 5 a 6 anos									
PT3 AMARILLO BB-2126			NR3	5/ 3	354	5119	192,5	3,76	PAULO DE THARSO BITTENCOURT
PT3 ALMANHA		1148B	NR3	5/ 7	357	4497	180,7	4,02	PAULO DE THARSO BITTENCOURT

CLASSE E - de 6 a 7 anos	NR	6/11	323	5200	212,8	4,07	LILY MONIQUE DE CARVALHO
EMERILHO DO NOMEJO	NR	4/ 6	317	4534	196,3	4,21	LILY MONIQUE DE CARVALHO
EMERILHO DO NOMEJO	NR	6/ 2	326	3544	155,6	4,33	LILY MONIQUE DE CARVALHO

Raça: PROCRUZA Mrs. Orde.: 2x							
CLASSE B - de 5 a 6 anos	NR	5/ 8	333	4818	213,1	4,42	LILY MONIQUE DE CARVALHO
NAMEJO FATA MORANGA							
CLASSE F - mais de 7 anos	NR	8/11	349	4614	185,5	4,57	LILY MONIQUE DE CARVALHO
CELIA NAMEJO	BT	9/ 6	315	2691	69,1	5,30	CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO

Raça: NELORE Mrs. Orde.: 2x							
CLASSE A - Até 3 anos	PD	2/ 8	345	1682	78,8	4,68	GABRIEL D. ANDRADE-COLONIAL AGROPEC.
ATICA							
CLASSE B2 - de 3 a 3 1/2 anos	PD	3/ 4	310	1691	79,6	4,71	GABRIEL D. ANDRADE-COLONIAL AGROPEC.
AT COL	PC	3/ 1	335	1680	95,2	5,50	GABRIEL D. ANDRADE-COLONIAL AGROPEC.

CLASSE C - de 4 1/2 a 5 anos	PC	6/11	342	2744	123,9	4,48	GABRIEL D. ANDRADE-COLONIAL AGROPEC.
VERCA							
CLASSE E - de 6 a 7 anos	PD	6/11	357	2643	129,5	4,90	GABRIEL D. ANDRADE-COLONIAL AGROPEC.
ITOMBA							

Raça: MESTIÇA Mrs. Orde.: 2x							
CLASSE E - de 6 a 7 anos	NR	6/ 2	345	4588	213,4	4,65	ROBERTO JOAQUIM GOMES
KIRGA							

CLASSE F - mais de 7 anos	NR	9/ 0	314	2513	84,8	3,37	CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
CAMPESINA	NR	8/11	345	2499	85,5	3,34	CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
ACOLADA	NR	8/ 1	345	2329	72,9	5,11	CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
CICADA	NR	8/11	345	2187	65,0	9,97	CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
ACOLADA	NR	9/ 0	317	2609	68,2	3,39	CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
SIRETINA	NR	9/ 0	316	1790	54,8	2,96	CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO

LIVRO DE ESCOL

Produtoras que, no SCL da ABC, tiveram seus nomes inscritos no Livro de Escol, ou sejam, as produtoras que alcançaram LM em 305 dias com uma nova parição dentro de 427 dias.

Código da Vaca	Nome da vaca	Nº. de Registro	Data do Controle	Data da Parição	Intervalo entre partos	
11	Nome rebanho: FAZENDA PARAISO S/A	Código: 06396				
965910	P. NEVEIRA WILLIAM	98652	06/12/89	03/11/89	375	
846708	P. INTIRACAO BLEND	1174	8-71555	06/12/89	05/11/89	391
11	Nome rebanho: AGRINEUS S.A. EMPRESA A. E PASTORIL	Código: 00418				
967723	JACARANDA AGRINDUS	SP-196793	12/12/89	14/11/89	390	
899638	JACARANDA AGRINDUS	SP-177496	12/12/89	03/12/89	406	

4.443 mil; fêmeas cruzadas de 18 meses - NCzS 2,3 mil, machos girolando de 30 meses - NCzS 4.748 mil; macho Pitangueiras de 6 anos - NCzS 15 mil; machos Gir de 12 meses - NCzS 6 mil. Os maiores compradores do leilão foram: Sebastião R. da Cunha, com NCzS 1.137 mil; Wilson M. Perez, com NCzS 856 mil e Dickson José Alves, com NCzS 647 mil.

A SOCIEDADE AUTO SUFICIENTE

Osmany Junqueira Dias

O segundo livro de Lester Brown traduzido no Brasil - "A Construção da Sociedade Auto-Sustentável" - torna-se oportuno neste momento em que a Nova República encontra enormes dificuldades na condução da nossa economia.

Outros países, mesmo os mais industrializados, começam a notar a tendência de se forçar o desenvolvimento (teoria do desenvolvimento) para aumentar o nível de emprego que está insustentável. Não é possível o crescimento atual da população num mundo de recursos finitos. A inflação, que era um problema comum do terceiro mundo, está começando a perturbar a economia dos países industrializados. Na década de 60, a inflação era menor que 4% e se elevou para mais de 10% (dois dígitos) de 1979 para cá. A erosão dos solos, a deterioração dos sistemas naturais biológicos, através do pastoreio excessivo, pesca predatória e desmatamento desregrado, conjugado com a possibilidade do esgotamento das reservas de petróleo, deverá resultar num rebalçamento do padrão de vida de todas as nações, se elas não se prepararem com certa antecedência para a era das sociedades com tendência auto-sustentável.

Durante a leitura do livro, chega-se a conclusão de que a atual sociedade seria autodestrutível. Estamos acabando com as terras de agricultura, com os morros, rios, mares, reservas de petróleo, e com a nossa própria qualidade de vida.

O tradutor, Lamartine Navarro Júnior, faz oportuna observação ao ressaltar que o futuro da humanidade depende da reformulação dos valores de nossa geração.

Neste sentido, recomenda-se que os políticos leiam e procurem compreender esse livro.

Na pecuária bovina, forçar o uso de grãos na produção de carne ou leite, parece orientação errada neste momento em que a disponibilidade deles para consumo humano está decrescendo. Além disso, mesmo a insuficiente produção de grãos para alimentação do homem está sendo conseguida com enorme desgaste na área disponível para a agricultura, agravando ainda mais o problema futuro. O autor calcula que o quilo de carne bovina necessita de 7 kg de grãos para a sua produção, em confinamento, enquanto na conversão do frango

de corte são necessários apenas 2 kg de grãos.

A disponibilidade mundial de petróleo per capita atingiu seu ponto mais alto em 1973 e, daí para frente, todos os países precisam iniciar a produção de energia de fontes renováveis. Mas com a produção de álcool, através de grãos a disponibilidade deles para alimentação humana fica ainda mais sacrificada. O autor calcula que 1 homem de um país subdesenvolvido necessita de 1/4 de acre para se alimentar durante 1 ano; um americano necessita de um acre, e, um carro americano movido a álcool necessita de 9 acres. Dessa maneira, um automóvel movido a álcool poderá ser responsável pela "morte" de trinta e seis pessoas num país pobre. Com este destaque ao assunto, parece cada vez menos oportuno o exagero do uso de ração concentrada na alimentação das vacas de leite ou na produção de carne com gado confinado.

Para passarmos para uma sociedade auto-sustentável, um dos primeiros passos é a reciclagem de bens de consumo. No consumismo, a obsolescência planejada e o uso dos descartáveis é o objetivo. Isso significa a produção de produtos baratos mas de curta duração, que são jogados fora logo após o uso. Com a suspensão do uso das embalagens descartáveis, os EEUU poderiam economizar 46 milhões de barris de petróleo, fora a economia em alumínio, aço ou vidro.

A adoção da "simplicidade voluntária", seria passo importante, ou seja - "menos é mais". Roupas mais simples, automóveis menores, casas mais baratas, mas funcionais. Dever-se-ia procurar um alto nível de compensação no desenvolvimento pessoal, nas relações humanas e na qualidade de vida.

Em seguida viria a "frugalidade". Comer menos, mais saúde, menos remédios, menor estocagem de bens materiais. Quando se diz que existe um bife para cada habitante do mundo, quando uma pessoa come dois alguém precisa ficar sem comer.

O problema da segurança nacional mudaria. Preocupados com a segurança militar, os países gastam fortunas em tanques e aviões e muito pouco ou mesmo nada para proteger o solo do qual sua subsistência depende.

A maneira de definir o progresso econômico precisa ser reavaliada. O Produto Nacional Bruto (PNB) de boa parte de países depende muito do fluxo de mercadorias e não da durabilidade ou qualidade dos produtos ou da sustentabilidade do país. O importante seria considerar o estoque de mercadorias e a manutenção das fontes de matérias primas para medir o bem estar da população.

Na sociedade Auto-Sustentável, o transporte a longas distâncias vai ser reduzido. Ela seria mais auto-suficiente e a qualidade de vida bem melhor para a sua população.

Código de Vaca	Nome da vaca	Nº de Registro	Data do Controle	Data de Partição	Intervalo entre partos
11	Noe rebanho: MARIO ALEXANDER SESSLER	Código: 08877			
102842	FLANCLA WILLOW DE MALO	SP-195775	14/12/89	11/12/89	414
784656	JAPONA MALO	SP-139524	14/12/89	18/11/89	371
11	Noe rebanho: H. HORACIO CHERKASSKY	Código: 08958			
865656	XUZA DA PRATA	SP/188412	26/12/89	07/11/89	320
11	Noe rebanho: SEMENTES AGROPECERES S/A	Código: 08974			
896730	BARONEZA AG	RAJ/3606	16/12/89	12/11/89	371
11	Noe rebanho: PARAGON AGROPECUARIA LTDA.	Código: 09351			
967351	A.W.C. PARAGON FIDEIA T. SIMON	B-96965	13/12/89	23/11/89	347
947890	FAVILA BARAO A.W.C. PARAGON	SP-191837	13/12/89	26/11/89	407
1026399	GILDA ACHILLES A.W.C. PARAGON	SHB/RAJ-4.864	13/12/89	20/11/89	397
11	Noe rebanho: AFONSO NOGUEIRA DE FREITAS	Código: 09385			
952117	ETICA DYNAMO ALUMARGI	SP-188314	06/12/89	15/11/89	379
11	Noe rebanho: JOSE CARLOS REYS E EUCLIDES BENGIA	Código: 09751			
1020927	BENILIA MONEY MAKER REGEN	165 RAJ-5048	06/12/89	28/10/89	404
11	Noe rebanho: OLYMPIA A. S. A. STOCKLER	Código: 09784			
1029011	BRAGANCA DORA CAVALIER	B-102308	19/12/89	29/11/89	418
847305	NATIVA DE BRAGANCA	HR-SP-180718	19/12/89	05/12/89	369
11	Noe rebanho: DORVAL ANTONIO GAIDOTTO	Código: 09830			
1035231	DAG FILLENG SANDRA JUJUBA	34 B-112709	04/12/89	23/11/89	338
11	Noe rebanho: FERNANDO ARENS KIENL E DU	Código: 10065			
852511	BAIANA JERK	576 SP/182709	04/12/89	28/10/89	371
1031174	BAROTA KURT JERK	735 BR-800262	04/12/89	03/11/89	349
907839	JORNALISTA AGRINUS	SP-196778	12/12/89	28/11/89	329
889946	LITERATA	SP-173424	12/12/89	23/11/89	419
965626	MERCEDES AGRINUS	HR-SP-182359	12/12/89	30/10/89	343
950483	ORIGEM AGRINUS	SP-186370	12/12/89	16/11/89	391
954799	OTILIA AGRINUS	HR-SP-189164	12/12/89	27/10/89	422
1036734	ZILDA AGRINUS	HR-SP-205562	12/12/89	27/10/89	332
11	Noe rebanho: PECUARIA ANHIMAS LTDA.	Código: 00442			
1037412	HEMIRIDORA SAO QUIRINO	90 RAJ-3909	08/12/89	24/11/89	342
1032771	JOGADORA SAO QUIRINO	74	08/12/89	05/11/89	341
893641	SO HALOGRAFIA S DEVOCAO	498 B-79746	08/12/89	27/10/89	350
1032704	SO JINCA CREST BOGNA	404 B-96549	08/12/89	07/11/89	368
1026771	SO JOHANNA FORCASTER BANGARRA	763 B-100513	08/12/89	29/10/89	382
1032747	SO JULIA ACHILLES GARGENTIA	756 B-102669	08/12/89	04/11/89	351
11	Noe rebanho: FERNANDO PRADO RENNO	Código: 01279			
879100	APR MICHELA PERFORMER I	209164	15/12/89	15/11/89	373
11	Noe rebanho: CIA. ADM. TEC. E AGR. ATAGRI	Código: 01287			
1024442	JANGA 523 PINHA CHARM DE S.H.	6250 SP-154362	20/12/89	20/10/89	395
11	Noe rebanho: LAIR ANTONIO DE SOUZA	Código: 01759			
995941	COLOR ASTRONAUT ELBA	1949 B-78206	20/12/89	08/12/89	386
1024604	COLOR CHIEFTAIN SAITA	2730 B-101521	20/12/89	22/11/89	415
994041	COLOR ECLIPSE EGBERTA	2110 B-86824	20/12/89	08/12/89	313
1027808	COLOR GOLD ELICERTINA	2872 B-105074	20/12/89	22/11/89	393
956297	COLOR JASON FANQUEIRA	2264 B-91090	20/12/89	13/12/89	365
11	Noe rebanho: JACOB ROSIER DUTILH	Código: 01831			
1027677	ADUTADA SILVER URUBA PAU B'ALHO	SP-188288	04/12/89	13/11/89	380
8027339	P B'ALHO AVENIDA REPUTATION UJICA	B-113451	04/12/89	11/11/89	377
11	Noe rebanho: CONO, GABRIEL DIAS PEREIRA	Código: 02437			
702072	PEROLA JUNG DE SANT'ANA	P-HB-86-21131	19/12/89	06/12/89	422
11	Noe rebanho: ANTONIO CARLOS PINHEIRO MACHADO	Código: 03069			
958414	HOLLAND TOP BRASS ELLEN	22342-C	20/12/89	06/12/89	424
11	Noe rebanho: YAKULT S/A INDUSTRIA E COMERCIO	Código: 04405			
905879	EMA CHIEFTAIN YAKULT	8415	03/12/89	24/10/89	355
11	Noe rebanho: NELISIO EMPREENDIMENTOS RURAIS LTDA	Código: 04472			
905895	NELISIO LETEIA B WISEMAN	707 B-80994	21/12/89	27/11/89	354
764917	NELISIO MILESTONE HARPA	633 B-69046	21/12/89	12/12/89	336
1024311	NELISIO NAUPLIA LIBIA GANBLER	782 107856	21/12/89	14/12/89	427
11	Noe rebanho: MARIA LUCIA FERREIRA SILVA DIAS	Código: 08729			
796948	MAG VICTOR M. L.	133557	11/12/89	05/12/89	383
972550	SABARA HARRY ML	RAJ-4205	11/12/89	22/11/89	338
949087	TAMARA CRIS M.L.	SP-199228	11/12/89	19/11/89	369
11	Noe rebanho: JOSEF PFULG	Código: 08771			
945293	SANTO ISIDORO GRACA	6165 209577	18/12/89	04/12/89	467
969605	SANTO ISIDORO HEVY TE	287 210033	18/12/89	16/11/89	364



Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

Código da Vaca	Nome da Vaca	Nº. de Registro	Data do Controle	Data de Partição	Intervalo entre partos
----------------	--------------	-----------------	------------------	------------------	------------------------



Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

070587	GIGI JERK	586	SP-182695	04/12/89	22/10/89	411
962287	GURIA JERK	629	182721	04/12/89	25/11/89	393
973009	MALENA J4 JERK	674	SP-193.162	04/12/89	13/11/89	359
007842	VANIA JERK	485	SP-160265	04/12/89	29/10/89	424
042672	TUIA JERK	549	SP-169733	04/12/89	28/11/89	370
11 Nome	rebanho: VITTORIO ASINARI DI SAN MARZANO		Código: 10332			
982211	ESTREMOSA TAPITI SUPREME 6 DA C.	22409-C		21/12/89	14/12/89	346
11 Nome	rebanho: SANTO MARCONATO		Código: 10340			
1026364	EMCA MARCONATO	393		08/12/89	16/11/89	401
11 Nome	rebanho: MARIA DO CEU ROSAS ALONSO		Código: 10413			
964891	MARI AT5 DALUA STEWART	88	H88-897454	08/12/89	25/10/89	362
11 Nome	rebanho: CARPA - CIA. AGROPEC. RIO PARDO		Código: 10502			
963071	BARAPA			09/12/89	23/10/89	402
11 Nome	rebanho: MARCIO MESQUITA SERVA		Código: 10821			
944611	EMBAK PRISCILA BURLEY KING C.	184	8-81003	10/12/89	03/11/89	371
960535	MC. GRANJEIRA NEPA SONORO	153	8-87527	10/12/89	05/11/89	366
11 Nome	rebanho: ALBERTO VILELA		Código: 10855			
1033263	CORONA BIANCA M STRETCH	208561		29/12/89	09/12/89	380
11 Nome	rebanho: HOLAMBRA-ARNALDUS H.J. WIGMAN E		Código: 10961			
904392	AARR VALENCIA STARDUST		18591-C	22/12/89	16/08/89	350
960047	MARIA WIGMAN		SP-205987	22/12/89	25/10/89	384
1023209	REGINA WIGMAN		SP-205992	22/12/89	23/08/89	331
1027603	REGINA WIGMAN		SP-205993	22/12/89	26/11/89	382
11 Nome	rebanho: HOLAMBRA-HENRICUS A. WOPEREIS		Código: 10995			
887045	RUEBRIA ELENA REGAL	88-8853		13/12/89	30/04/89	360
1015354	HOLAMBRA NEIRE KNOTT	88-11676		13/12/89	28/08/89	401
845833	OMEGA MED VAN DE GROES	88-2920		13/12/89	06/09/89	366
945081	VAN DE GROES ZELIA JADE	88-10734		13/12/89	03/08/89	411
11 Nome	rebanho: HOLAMBRA-SIMON NICOLAAS GROOT		Código: 11037			
955515	CATE 3 DA PIPA	SP-191250		08/12/89	04/09/89	405
11 Nome	rebanho: HOLAMBRA-THEODORUS NIENS		Código: 11045			
1032216	LEDA GUARANY DA HOLAMBRA	88-813102		12/12/89	23/11/89	357
11 Nome	rebanho: HOLAMBRA-WILLIAMORODUS GROOT		Código: 11061			
926710	GLENSTAR DORA 116	86J-4039		05/12/89	17/07/89	419
1016229	NORMA 22 WILLYS	SP-199852		05/12/89	15/08/89	376
739538	RIO VERDINHO GENA ELEVATION	8-94975		05/12/89	02/11/89	383
11 Nome	rebanho: LILY MONIQUE DE CARVALHO		Código: 11126			
872504	GABRIELA DO MANEJO	23646		27/12/89	19/12/89	382
963151	MANEJO CAMURÇA	26393		27/12/89	25/11/89	408
917591	MANEJO GINA	26374		27/12/89	08/12/89	399
11 Nome	rebanho: EDUARDO DE ALMEIDA FOUX		Código: 11215			
969788	PRADO BONITA	21561-C		15/12/89	25/11/89	352
11 Nome	rebanho: ROBERTO SIMOES		Código: 11239			
991082	MOENA DA BELA VISTA	315499		28/12/89	12/05/89	408
1005456	PAULISTA DA SAO MIGUEL	303721		28/12/89	07/06/89	360
11 Nome	rebanho: MURILLO MARTIN		Código: 11452			
1030787	APOLLO JOY	78		14/12/89	01/12/89	399
11 Nome	rebanho: SABINO FERREIRA DE FARIA NETO		Código: 11479			
965577	JPR. SONATA	8-86919		30/12/89	18/12/89	401
11 Nome	rebanho: JOAO CARLOS CAMOLESI E OUTROS		Código: 11851			
1053752	LESTER'S HANNA 3 DE BEMIS	475	SP-212378	14/12/89	11/11/89	386
1053382	RUANN IVAN REVE 8352	552	8-112910	14/12/89	08/12/89	423
1053396	RUANN SIMON PRY 85388 TWIN	537	8-129912	14/12/89	07/11/89	377
1053359	RUANN SIMON TURQUOISE 85594	540	8-113168	14/12/89	16/11/89	417
1053329	RUANN TONY DAZILE 60593	533	8-112934	14/12/89	12/12/89	397
1053317	RUANN TONY LADY LUCK 9477	526	8-113078	14/12/89	05/11/89	400
1053340	RUANN TRADITION LUCY 69919 ET	512	8-112935	14/12/89	07/12/89	423
1053312	RUANNA PACO LUCIA 8599	575	8-113073	14/12/89	17/11/89	412



Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

PARA AUMENTAR A PRODUÇÃO LEITEIRA

Se as autoridades agrícolas do próximo governo decidirem modificar a situação do setor leiteiro do País, o Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite - CNPGL, da EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária tem a receita certa e sem muita sofisticação tecnológica: são dois sistemas que usam gado mestiço e instalações simples - até mais simples que as existentes nas fazendas - mas que conseguem média de produção de 10kg de leite por vaca por dia, enquanto a média nacional não ultrapassa a casa dos 2,5kg.

A informação é do pesquisador Airdem Gonçalves de Assis, agrônomo, doutorado em sistemas de produção, na Inglaterra, e chefe do CNPGL. Ele informa que a EMBRAPA mantém, em Coronel Pacheco, Minas Gerais (onde fica a sede do CNPGL), um "sistema tradicional melhorado", introduzindo tecnologias simples a mais de 10 anos, como controle leiteiro, vacinas, desmama precoce de bezerras e alimentação controlada. O segundo sistema, para Airdem, seria um aperfeiçoamento desse primeiro, com o uso intensivo de pastagens de capim-elefante, somadas a suplementação com cana e 1% de uréia, na época seca, ainda mantendo o rebanho mestiço, que tem um potencial de produção em torno de 3.500kg (lactação/pedra de 350 dias).

"Usar capim-elefante como pasto pode multiplicar até por dez a capacidade de suporte dos pastos, mas - diz Airdem - é preciso quebrar esse tabu, essa tradição de que o capim-elefante para o corte e entrar com os animais para pastejo. Em experiência que já dura cinco anos, a EMBRAPA mantém cinco vacas por hectare, enquanto, nos sistemas tradicionais, a média de lotação é de meia vaca, ou melhor, dois hectares para e meia vaca. O segredo é a rotação dos piquetes - um dia de pastejo por 30 de descanso - e adubação de, no mínimo, 100 kg de nitrogênio por hectare/ano.

Ração

Além do pasto, as vacas recebem, por dia, 2kg de ração balanceada, com 18% de proteína. São com o capim, as vacas podem produzir 7kg de leite por dia, porque - segundo explica Airdem - trata-se de um volumoso de boa qualidade. A ração faz aumentar a produção até 10 ou 12kg, dependendo do potencial genético do gado mestiço utilizado. Airdem ensina que quantidades maiores de ração fazem a vaca ingerir menos volumoso (capim), e as bactérias do rúmen vão preferir digerir o de segurança para adotar a tecnologia, por mais simples que ela seja. Outro ponto é a questão de incentivo, do preço, do crédito. Se o preço não estimula, e ele ainda tem essa insegurança, torna-se ainda mais difícil a adoção da tecnologia, embora seja

Continua na pag. 96

Nome da vaca	Idade Dias		"Produção Leite(em kg)"		Nome da vaca	Idade Dias		"Produção Leite(em kg)"	
	G.S.	a / m Lacta.	Na lacta.	No cont.% Gord.		G.S.	a / m Lacta.	Na lacta.	No cont.% Gord.
Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.									
C. BERNARD MATTHEIA	2812	PO	2/ 3	165	8546	26.8	3.50		
C. BERNARD MELORA	2921	PO	2/ 3	165	2610	26.8	3.70		
C. BERNARD MELORA	2932	PO	2/ 2	161	4317	26.8	3.79		
CAMPALHA B. A. FLEISCHER	5215	NO	2/11	106	2148	25.8	3.99		
CANDALE WILLOW CARRIE	5107	PO	12/ 1	315	7784	24.7	3.29		
COLOR EDO GERODINA	2845	PO	2/11	87	2477	31.4	3.61		
COLOR ASTRO ENGLIMA	2204	PO	4/ 4	219	4545	20.8	3.22		
COLOR ASTRONAUT SARADA	1771	PO	9/11	213	7387	26.2	3.51		
COLOR ASTRONAUT ELBA	1999	PO	2/10	12	424	25.4	3.41		
COLOR ASTRONAUT FELSBERG	5299	PO	3/13	317	10644	25.4	3.80		
COLOR BELL NINA		PO	2/ 1	123	2931	25.4	3.09		
COLOR BELL MONERA	3152	PO	2/ 0	145	3784	26.0	3.38		
COLOR BOWMAN CAROLINA	1432	PO	7/ 0	119	5326	27.4	3.51		
COLOR BUTTERFLY CARLINA	1422	PO	7/ 4	118	7440	25.8	3.20		
COLOR BOVA ELBA	2688	PO	4/10	229	7440	25.8	3.52		
COLOR BRAYO SARANA	1750	PO	4/ 4	112	2951	25.8	3.52		
COLOR C. GERONIMO BEZERRA	1290	PO	7/ 5	319	4692	20.0	3.20		
COLOR CHAIRMAN ESTERINA	2132	PO	4/ 0	284	8755	25.4	3.50		
COLOR CHAIRMAN FACHADA	2443	PO	3/11	165	6347	25.4	3.70		
COLOR CHAIRMAN FABELA	7133	PO	4/ 4	165	7254	25.4	3.22		
COLOR CHAIRMAN FIDELIN	2552	PO	3/ 1	198	5987	25.4	3.41		
COLOR CHAIRMAN FIDELINIA	2563	PO	2/ 9	72	8520	25.4	3.21		
COLOR CHAIRMAN FLAVIANA	2477	PO	3/ 0	219	5640	21.0	3.39		
COLOR CHAIRMAN FLORENCIA	2480	PO	3/ 9	157	3728	27.4	3.12		
COLOR CHAIRMAN GIOVANA	2770	PO	2/ 1	126	3908	23.4	3.11		
COLOR CHRIST YAGI GATIA	2726	PO	5/ 3	155	3728	25.4	3.10		
COLOR CHRISTIAN GARDIA	2739	PO	5/ 3	95	2382	25.4	3.41		
COLOR CHRIS CALILA	1811	PO	4/ 4	250	8059	25.8	3.81		
COLOR CHRIS STORINA	1627	PO	3/ 7	273	8970	26.4	3.99		
COLOR CONRAD MONIKA	3153	PO	1/11	140	8050	27.2	3.49		
COLOR DENARD BEOLA	1907	PO	4/ 0	14	417	25.8	3.19		
COLOR DENARD EVANGELIA	2234	PO	4/ 1	144	8990	26.8	3.51		
COLOR DENARD EPTACIA	2226	PO	5/ 0	10	294	27.4	3.10		
COLOR DYNARD EVIERES	2023	PO	5/ 0	232	7210	26.0	3.51		
COLOR DYNARD EULALIA	2245	PO	4/ 3	265	7325	21.0	3.29		
COLOR DYNARD FACHADA	2421	PO	4/ 2	84	2037	26.0	3.40		
COLOR DYNARD FELICIA	2518	PO	4/ 5	162	5386	21.4	3.21		
COLOR DYNARD FARELLA	2448	PO	4/ 0	82	364	26.8	3.49		
COLOR ECLIPSE FRAGATA	2113	PO	5/ 0	164	3717	21.4	3.52		
COLOR ELLIPSE FORTIA	2113	PO	5/ 2	189	3328	26.4	3.59		
COLOR ELIPSE ELLICIA	1981	PO	5/ 0	205	8282	26.0	3.10		
COLOR ELIPSE THOMAS	2955	PO	5/ 2	211	5526	26.4	3.41		
COLOR ECLIPSE FORTIA	1998	PO	4/10	248	8721	27.2	3.40		
COLOR ELIPSE FORTIA	2014	PO	5/ 1	176	7148	27.4	3.49		

**USANDO GIR LEITEIRO“2R” VOCÊ TERÁ
o máximo em leite e gordura**



GABARRA

na atualidade recordista máxima em leite e gordura.

Ø-11 2 x 365 d, 7,057 kg 370 kg g. 5,25

28 RECORDES BRASILEIROS DE LEITE E GORDURA EM 32 POSSÍVEIS NA RAÇA

PERÍODOS DE LACTAÇÃO MAIS LONGOS.

312 dias de lactação de média nos últimos 5 anos

INTERVALO ENTRE PARTOS MAIS CURTOS

nos últimos 5 anos a média foi de 455 dias

17 reprodutoras eméritas em 25 existentes na raça

FAZENDA DA DERRUBADA

Rio das Flores R., J. C. Postal 87.385 - Tel.: (0244) 52-0803

FAZENDA CRISCIUMA

Carmo do Rio Claro MG. - Tel.: (035) 561-1399

Nome da vaca	Idade Dias			*Produção Leite(em kg)			
	G.S.	a/m	Lacta.	Na lacta.	No cont.% Gord.		
Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.							
ALISH VIEW STEWART JOY	5207	PO	4/6	40	1220	50,2 5,21	
LUBEL CAVALLER SARA	5024	PO	11/4	107	2396	20,9 5,18	
REMAUSE ANDRILE	5215	PO	27/6	140	4720	31,4 5,18	
RE. VERESA SCULPTOR	739	PO	11/5	49	870	21,8 5,12	
JACOB ROSTER BUTLIN CAMPINAS	Controle em 14/12/89						
2 ordenhas. 11111111	ORD	4/6	152	4608	25,8 2,21		
AGINA MAGNET TARDIMA PAU D'ALMO	BCA	5/2	21	620	29,8 2,79		
ADOTADA SILVER UROBA PAU D'ALMO	ORD	5/0	99	3898	40,7 2,39		
ADOTADA UROBA JARDIMES PAU BALAO	ORD	4/11	83	7979	34,4 5,01		
ALELUTA JUPITER UPS PAU D'ALMO	ORD	4/11	122	5424	36,2 2,71		
ANAPOLIS UROBA TENDENCIA P.D'ALMO	ORD	4/4	125	4005	20,6 2,50		
BATEIA BLACKHAWK VALENTINA	ORD	4/8	50	2215	40,8 2,48		
BALADA SAK STAR OCTAVIA PAU D'ALMO	ORD	5/2	21	620	29,8 2,79		
BILCA ZADUTTE VIRGINIA PAU D'ALMO	ORD	5/7	139	4696	30,4 2,99		
BOQUELITA SAK STAR VERESA P.D'ALMO	ORD	4/0	125	3139	24,2 2,89		
BARRACA TAMBO VIOLETA PAU D'ALMO	BCA	3/11	294	9039	25,4 3,70		
BASTIDA SAK STAR VIOLETA PAU D'ALMO	ORD	5/10	137	4344	27,6 3,21		
CONFETIA ZAMBO TITICACA PAU D'ALMO	ORD	5/7	86	2630	23,8 3,99		
STIMBARD BARBICO VIOLETA PAU D'ALMO	PO	5/7	75	1865	43,6 2,89		
SOMADA PROVA TURQUE PAU D'ALMO	ORD	2/0	19	543	30,4 2,69		
SOVA PROVA TITICACA PAU D'ALMO	ORD	2/2	221	5089	26,2 3,89		
SOURADA STAND NARCIS VALSA P.D'ALMO	ORD	2/3	203	5330	21,6 3,19		
P.D'ALMO DELEADA SIMON VERESA	PO	2/2	142	1442	24,8 3,71		
P.D'ALMO DIVISA CAVALLER DENISE TE	PO	2/0	72	2664	25,8 2,70		
P.D'ALMO AVENTURA REPUTATION LUTIA	PO	5/7	75	1865	43,6 2,89		
P.D'ALMO CALANDRIA JOE VIOLETA	PO	5/0	75	2339	31,6 2,99		
P.D'ALMO B'AVILA CAVALLER DENISE TE	PO	2/2	154	3301	23,8 2,78		
P.D'ALMO DELSCENCIA SUPERIOR BASTIDA	PO	2/5	104	2420	22,6 2,71		
P.D'ALMO DOMOICA ALABASTRO DRENA	PO	2/3	83	1729	22,0 2,82		
P.D'ALMO ARGENTINA SAK S. VALTOISE	PO	5/7	92	3297	28,4 3,08		
P.D'ALMO DOMITEJA ACHILLES SINCERA	PO	5/4	277	7991	20,6 3,71		
P.D'ALMO SAGIVA PROVA UROBICA	PO	2/2	214	5007	20,2 3,61		
P.D'ALMO BOUTON F. FRIEDR ACELINA	PO	2/0	222	4940	21,2 3,49		
P.D'ALMO ACELINA R. SANCARDA	PO	4/4	197	5481	21,0 3,28		
P.D'ALMO ATREVIDA R. SANCARDA	PO	5/4	147	4057	25,8 3,71		
P.D'ALMO CANCERIA R. SANCARDA	PO	5/4	24	738	20,6 3,71		
P.D'ALMO VANDURA CAVALLER SORBERNA	PO	7/5	77	3071	29,4 2,49		
PAU D'ALMO ALVAREZ R. PRINCEVERA	PO	5/7	193	3412	26,8 3,39		
PAU D'ALMO ANEDOTA T. PENNYLANTA TE	PO	4/8	250	8194	27,6 3,01		
PAU D'ALMO ATILA ASTORIMONT VENTURA	PO	6/10	197	4704	24,2 3,71		
PAU D'ALMO NATINA I. STAR VERESA	PO	3/7	181	5005	23,8 3,89		
PAU D'ALMO BOTA VANTAGADA VIOLETA	PO	2/11	133	4516	27,8 3,71		
PAU D'ALMO CATEIRA PROVA IMANUSA	PO	2/4	197	5471	29,2 2,71		
PAU D'ALMO CANTORA CAVALLER UROBICA	PO	3/7	196	4745	26,6 3,62		
PAU D'ALMO SANCHE BARBICO ACUCENA	PO	2/5	178	5481	30,2 3,53		
PAU D'ALMO TOPECA MOUNTAINEER DRENA	PO	8/11	271	6294	27,0 2,80		
TRACCA DO PAU D'ALMO	PO	7/5	80	2650	20,2 2,52		
UNICA SIMBOLICA SAK P.D'ALMO	ORD	4/2	124	3103	23,2 3,41		
VALISE CAVALLER OFENSIVA PAU D'ALMO	ORD	7/0	210	4543	24,8 3,70		
VEDACAO BARBICO OBSERVADA P.D'ALMO	ORD	7/2	217	7324	22,4 3,81		
VELANDIA UROBA TECLA DO P.D'ALMO	ORD	6/2	182	5699	24,2 3,18		
WILSON JUNQUEIRA DE ANDRADE LING	Controle em 28/12/89						
2 ordenhas. 11111111	ORD	10/6	41	1071	25,0 3,20		
EXPRESSAO LING							
FAZENDA FORTALEZA LTDA. NOVA DECESA	Controle em 12/12/89						
3 ordenhas. 11111111	PO	7/7	21	722	34,4 3,40		
A. F. FORTALEZA BRISA TE	T33	PO	5/7	98	4444	31,8 2,80	
A. F. FORTALEZA SECA TE							
Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.							



GIR LEITEIRO

KÊNIA AGRÍCOLA E PECUÁRIA LTDA
MOCOCA SP.
SP. (011) 36.1681
SP. (011) 298.7952 (a noite)
FAZENDA SANTANA DA SERRA - MOCOCA
Escr. (0196) 55.0085 Fax. (0196) 55.0801



VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS

com controle leiteiro oficial

ASSOCIADA A ABCGIL

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE GIR LEITEIRO

REVISTA DOS CRIADORES - MARÇO DE 1990

Nome da ribe.	G.B.	Idade (Mes e/Ano)	Produção Leite (em kg)	
			No. Leita.	No. anel. % Gord.
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				
9				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
16				
17				
18				
19				
20				
21				
22				
23				
24				
25				
26				
27				
28				
29				
30				
31				
32				
33				
34				
35				
36				
37				
38				
39				
40				
41				
42				
43				
44				
45				
46				
47				
48				
49				
50				
51				
52				
53				
54				
55				
56				
57				
58				
59				
60				
61				
62				
63				
64				
65				
66				
67				
68				
69				
70				
71				
72				
73				
74				
75				
76				
77				
78				
79				
80				
81				
82				
83				
84				
85				
86				
87				
88				
89				
90				
91				
92				
93				
94				
95				
96				
97				
98				
99				
100				

 Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

[illegible]

RECEIVED 4 MAR 68 9 52 AM 1968
FBI - NEW YORK

[illegible]

Nome da vaca	Idade Dias G.B. e / m. lacta.	"Produção Leite(m kg)" Na lacta. No cont. % Gord.
--------------	----------------------------------	--

[illegible]

PARA O CEN ROLAS ALMOXARFAR - Controle no: 04/12/19

[illegible]

 Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

**Cavalo Árabe
e
Pardo Suíço**

ADOLPHO DE SOUZA NAVES JR.

Fazenda Jaguar

Pedreira - SP

Esc.: Rua São Bento, 470
CEP.: 01010 -
São Paulo - SP
Tel.: (011) 35 2031

Idade Dias				"Produção Leite (em kg)"			
G.S. a / m Lacta.				Na lacta. No cont. % Gord.			
Nome da vaca				Nome da vaca			
Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.				Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.			
WINDYHILL INSPIRE DARA 546 PD 2/ 2 59 2510 39,0 5,00 WILLIOT NAVYER JEANIE 535 PDI 2/ 5 182 5121 25,8 5,80 WILMA BENICIA ALEIDIA DEL R. 72 PD 2/ 2 5 1904 48,6 5,00 WINDYHILL NINGUAPUZA O VALIANT TE 135 PD 2/ 2 235 4687 74,4 4,25 WINDYHILL FORESTAN P MARISTE 135 PD 2/ 4 81 2247 37,6 2,70 WINDYHILL BALIA STEWART 89 PD 4/ 3 44 1504 36,0 3,41 WINDYHILL ERICA PAST 145 PD 2/ 9 122 4049 29,0 3,51 WINDYHILL BILLY DELIGHT 46 PD 2/ 2 274 8056 79,9 3,00 WINDYHILL EDUARDA FETT, NISTY TE 135 PD 2/ 7 214 8056 79,9 3,00 WINDYHILL ELEGORRA GRY IDEAL 131 PD 3/ 0 178 7029 55,4 3,19 WINDYHILL ELISA FORD 129 PD 2/ 10 264 7000 22,8 3,51 WINDYHILL ENVELHECIDA MARS 135 PD 2/ 7 303 8219 25,2 3,81 WINDYHILL FANTASIA FURA PAST TE 147 PD 2/ 4 266 4891 25,4 3,49 WINDYHILL FANTASIA FURA PAST 144 PD 3/ 11 277 5674 26,9 3,50 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 148 PD 2/ 2 108 2962 28,0 3,71 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 192 PD 2/ 9 112 3428 30,4 3,59 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 170 PD 2/ 0 151 4290 29,2 3,40 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 156 PD 2/ 1 229 5872 24,4 3,29 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 149 PD 2/ 1 221 5548 24,4 3,52 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 183 PD 2/ 0 107 3097 25,8 4,49 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 181 PD 2/ 0 107 2974 25,4 4,02 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 186 PD 3/ 1 171 4243 24,6 3,62 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 187 PD 2/ 0 84 2124 22,2 4,01 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 145 PD 2/ 1 194 4868 25,8 3,49 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 159 PD 2/ 1 194 4868 25,8 3,49 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 149 PD 2/ 1 122 3898 25,8 3,50 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 146 PD 2/ 3 233 5172 39,4 2,99 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 130 PD 3/ 1 146 3460 20,8 2,99 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 86 PD 3/ 10 240 7258 23,4 2,99 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 507 PD 3/ 7 1 2434 22,2 4,01 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 506 PD 3/ 2 268 8200 26,6 3,51 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 315 PD 3/ 1 206 3673 20,0 4,00 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 539 PD 2/ 5 13 399 28,7 3,06 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 108 PD 6/ 4 386 11199 30,8 3,29 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 90 PD 5/ 5 131 3040 34,0 3,00 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 90 PD 5/ 5 131 3040 34,0 3,00 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 162 PD 6/ 3 211 8444 35,4 3,39 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 134 PD 6/ 3 91 3126 34,2 3,01 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 119 PD 3/ 11 129 3800 33,8 2,81 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 110 PD 3/ 10 185 5654 24,4 3,09 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 118 PD 3/ 1 5 92 25,8 3,50 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 501 PD 4/ 4 120 4789 36,6 3,01 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 531 PD 3/ 4 108 4736 31,0 3,61 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 13 PD 2/ 4 294 8529 20,6 3,79 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 105 PD 2/ 5 172 12788 24,0 3,79 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 105 PD 2/ 5 172 12788 24,0 3,79 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 107 PD 4/ 9 201 4772 22,2 4,41 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 44 PD 7/ 3 262 5577 25,2 3,79 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 65 NR 6/ 10 29 1232 47,4 2,81 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 99 PD 3/ 5 321 10474 24,2 3,40 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 94 PD 4/ 17 9 39,4 2,99 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 520 PD 3/ 4 122 3748 25,8 3,99 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 22 PD 6/ 2 127 4412 49,2 3,50 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 148 SMO 7/ 10 328 9962 21,8 3,30 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 356 NR 1/ 11 108 4888 22,2 3,51 WINDYHILL FANTASIA FURA TONY ET 112 PD 3/ 9 1 42,2 2,49				ARMANDO EDUARDO DE LIMA MENDES . Controle em 18/12/89 POUZO ALEGRE 2 ordenhas. 11111111 AF FORTALEZA DASA TE PD 2/ 0 278 5622 15,2 3,89 AF FORTALEZA DASA TE DC1 3/ 1 126 3345 24,4 3,90 AF FORTALEZA DASA TE PE 3/ 0 71 1497 18,4 3,20 AF FORTALEZA DASA TE PO1 2/ 1 28 650 22,8 3,40 AF FORTALEZA DASA TE DC1 3/ 7 51 831 26,8 3,40 AF FORTALEZA DASA TE DC1 3/ 7 191 3451 17,8 3,99 AF FORTALEZA DASA TE DC1 4/ 10 310 1782 19,2 3,99 AF FORTALEZA DASA TE DC1 2/ 0 156 4122 21,4 4,02 AF FORTALEZA DASA TE DC1 2/ 8 29 272 18,4 3,20 AF FORTALEZA DASA TE DC1 3/ 2 148 3491 22,2 3,42 AF FORTALEZA DASA TE PD 4/ 6 151 2741 17,8 3,99 AF FORTALEZA DASA TE PD 4/ 6 151 2741 17,8 3,99 AF FORTALEZA DASA TE DC1 2/ 7 89 1561 15,4 3,50 AF FORTALEZA DASA TE PD 3/ 7 266 3309 13,8 3,00 AF FORTALEZA DASA TE DC1 2/ 0 15 1566 21,4 3,70 AF FORTALEZA DASA TE PD 2/ 10 18 319 17,2 3,02 AF FORTALEZA DASA TE NR 4/ 6 148 2525 20,8 3,99 AF FORTALEZA DASA TE DC1 2/ 7 50 1042 18,4 3,80 AF FORTALEZA DASA TE PD 3/ 11 14			

Nome da vaca		Idade		Dias		*Produção Leite(em kg)		Gord.	
		G.S.		a/m		Na lacta.		No cont.% Gord.	
Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.									
1. ROCAMBA T. PACSETTER	PO	2/3	140	1561	7.8	4.08			
ROCAMBA	PO	4/4	44	517	10.3	4.17			
ROCAMBA	PO	5/9	177	1235	6.9	4.28			
ROCAMBA	PO	6/4	114	1709	12.7	2.94			
ROCAMBA	PO	5/7	204	1975	9.1	3.86			
ROCAMBA	PO	8/9	70	1649	15.3	3.87			
ROCAMBA	PO	6/2	20	302	19.4	4.37			
CLORENE MARIA DAS BAPTISTA									
LTD.									
2 ordenhas. 11/12/89									
ROCAMBA ACRES STATE BARK	117	PO	4/3	37	174	12.6	4.29		
CARLOS EDUARDO ZAMPERI									
BRASILEIRA PAULISTA - SP.									
2 ordenhas. 11/12/89									
ARICA SOLISIO JIMMY	65	PO	3/0	42	605	14.4	4.51		
ARICA	PO	4/5	27	475	17.4	4.21			
ARICA	PO	5/9	75	1046	13.4	5.74			
ARICA	PO	6/4	17	221	15.0	4.42			
ARICA	PO	5/7	26	272	10.8	5.00			
ARICA	PO	5/8	18	261	19.5	4.07			
ARICA	PO	5/9	127	2254	14.1	4.40			
ARICA	PO	5/5	19	317	16.7	4.37			
ARICA	PO	6/2	59	1025	15.3	4.21			
ARICA	PO	6/1	126	2050	18.0	4.21			
ARICA	PO	6/1	45	748	17.4	4.19			
ARICA	PO	5/8	12	274	17.4	4.80			
ARICA	PO	5/9	10	182	19.7	4.29			
EDUARDO DE ALMEIDA FODI									
LTD.									
2 ordenhas. 11/12/89									
CHILANG	PO	3/2	21	341	11.9	4.24			
CHILANG	PO	3/2	215	1957	11.9	4.38			
CHILANG	PO	3/1	8	357	18.0	4.19			
CHILANG	PO	4/5	144	1471	19.7	4.31			
CHILANG	PO	4/5	29	334	15.2	4.15			
CHILANG	PO	4/5	27	351	17.0	4.62			
CHILANG	PO	3/1	91	949	11.1	4.36			
CHILANG	PO	5/7	19	184	19.2	3.92			
HELIO RACONDO SOARES									
BRASILIA - DF.									
2 ordenhas. 11/12/89									
ANTONIO MARIA 2125 TYLE SPOT	PO	4/2	80	259	11.9	5.92			
ANTONIO	PO	6/7	119	1459	11.9	4.45			
ANTONIO	PO	7/9	141	1155	17.1	2.70			
ANTONIO	PO	5/9	113	1000	15.5	4.71			
ANTONIO	PO	10/5	163	1186	12.0	4.50			
ANTONIO	PO	6/5	189	2173	12.4	4.32			
ANTONIO	PO	4/10	140	1743	12.1	4.51			
ANTONIO	PO	2/10	167	2401	12.1	5.94			
ISABEL ALVES DA SILVA									
PIRACAJA - SP.									
2 ordenhas. 11/12/89									
AMAR CAROLINA TOP BRASS	53	PO	2/0	105	2546	11.8	4.46		
AMAR	PO	1/11	150	2470	18.7	4.31			
AMAR	PO	2/1	156	2143	14.0	5.09			
AMAR	PO	5/8	174	2398	12.2	5.70			
AMAR	PO	7/2	121	1571	12.3	3.67			
AMAR	PO	5/8	124	2045	12.8	4.20			
AMAR	PO	2/1	52	915	16.8	4.21			
AMAR	PO	2/2	200	3152	19.8	4.91			
AMAR	PO	2/8	47	765	17.4	5.11			

Nome da vaca		Idade		Dias		*Produção Leite(em kg)		Gord.	
		G.S.		a/m		Na lacta.		No cont.% Gord.	
Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.									
CRISTAL TITLE TOP BRASS DO UIRAPURU	PO	2/2	2	360	4960	14.5	5.19		
CRISTAL	PO	2/4	186	2703	12.6	5.22			
CRISTAL	PO	2/5	223	2785	14.8	4.67			
CRISTAL	PO	3/9	9	5370	14.8	4.30			
CRISTAL	PO	2/9	223	2194	11.1	5.27			
CRISTAL	PO	3/9	1/4	2604	11.8	4.46			
CRISTAL	PO	2/3	246	3229	11.4	4.83			
CRISTAL	PO	2/11	234	3072	10.9	5.19			
CRISTAL	PO	7/7	333	6472	15.2	5.04			
CRISTAL	PO	2/1	50	59	15.2	5.08			
CRISTAL	PO	6/2	181	3064	10.8	5.19			
CRISTAL	PO	4/6	229	3647	10.8	5.19			
CRISTAL	PO	3/9	91	1705	10.2	4.80			
CRISTAL	PO	3/4	222	3525	12.7	4.88			
CRISTAL	PO	7/9	729	4146	15.7	4.27			
CRISTAL	PO	1/9	211	2698	15.0	5.46			
3 ordenhas. 11/12/89									
CRISTAL	PO	4/0	91	2243	24.5	4.41			
CRISTAL	PO	4/6	45	1154	27.3	4.49			
CRISTAL	PO	3/8	112	2440	15.7	4.29			
CRISTAL CAROL DE ALMEIDA									
LTD.									
2 ordenhas. 11/12/89									
CRISTAL	PO	12/3	230	4393	14.8	5.00			
3 ordenhas. 11/12/89									
CRISTAL	PO	2/81	332	5661	17.4	4.22			
CRISTAL	PO	7/0	171	5190	16.4	3.18			
CRISTAL	PO	18/2	196	1822	14.8	5.00			
CRISTAL	PO	4/7	167	3668	20.5	5.12			
RACAL PARDO SUICO									
FERMINDO PRADO PERNO									
JACUTINGA - MG.									
2 ordenhas. 11/12/89									
CRISTAL	PO	2/5	315	8374	24.7	5.90			
CRISTAL	PO	4/5	224	3559	19.4	5.20			
3 ordenhas. 11/12/89									
CRISTAL	PO	6/3	30	867	24.9	4.41			
CRISTAL	PO	4/11	50	496	27.2	4.21			
CRISTAL	PO	4/6	154	2851	16.4	3.99			
CRISTAL	PO	4/4	11	357	20.5	4.14			
CRISTAL	PO	3/1	337	1971	16.2	5.29			
CRISTAL	PO	10/2	96	111	24.0	5.11			
CRISTAL	PO	8/2	252	1972	16.2	5.11			
CRISTAL	PO	6/5	50	1479	20.1	5.00			
CRISTAL	PO	5/10	365	11370	20.0	5.00			
CRISTAL	PO	3/0	9	954	22.4	5.14			
CRISTAL	PO	6/0	87	2187	22.4	5.14			
CRISTAL	PO	3/7	8	198	22.4	5.14			
CRISTAL	PO	3/5	46	1087	21.0	5.00			
CRISTAL	PO	3/6	211	4655	21.1	2.90			
CRISTAL	PO	2/5	109	2023	18.1	4.01			
CRISTAL	PO	2/4	88	1771	21.0	4.62			
CRISTAL	PO	2/4	147	147	18.1	3.46			
CRISTAL	PO	2/3	121	2177	18.1	3.46			
CRISTAL	PO	2/5	29	964	20.1	3.99			
CRISTAL	PO	2/4	54	1157	20.9	2.89			
CRISTAL	PO	2/4	82	1754	18.9	2.89			
CRISTAL	PO	2/3	44	871	20.1	3.22			

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.									
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

O GIR COMPLETO TEM QUE TER LEITE E PESO

ESSA É A NOSSA ESPECIALIDADE

As mais importantes linhagens de Gir, Seleccionadas em função do seu Padrão Racial, produção leiteira e peso, estão representadas em nosso plantel.

MAGNO

SENHORA DE FÁTIMA S/C LTDA.

MANTILHA

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

CONTROLE LEITEIRO DIÁRIO

Luiz Felipe de Lima Vieira - Fazenda da Chacara e Retiro

B. Horizonte: Rua Oriente 140 tel.: (031) 221-6548 - Nova Serrana-MG Tel.: (037) 226-1821

NOME DO ANIMAL Grupo da idade Controle Dias de Leite %
sangue meses lactação

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

FAZ. ZEBELIA - INTERCOMUN. LTDA. S. PAULO - SP. Controle em 16/12/89

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

RUBEN GONZAGA DE MOURA
S. PAULO - SP. Controle em 16/12/89

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

NOME DO ANIMAL Grupo da idade Controle Dias de Leite %
sangue meses lactação

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

FAZ. ZEBELIA - INTERCOMUN. LTDA. S. PAULO - SP. Controle em 16/12/89

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

2 ordenhas - 1981/82
ORDENHA 1/82

NA PRIMAVERA

PRIMEIRO LEILÃO CABANHA PINHAL e FAZENDA LUMADRI

Rodovia João Mellao, Km. 267,5
Averé - São Paulo -
(0147) 22-3385

CRIAÇÃO E SELEÇÃO
DE
GADO JERSEY PO-POI

Arandu - Averé - SP
Bairro Sta. Barbara
(0147) 46-1197

Nome da vasa

Idade Dias
G.B. e/ou Lacta. Na lacta. No cont.% Gord.

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

Raça: PROCUZA

LUIZ NESTOR BOM JUAN ESTRELA		Controle em: 18/12/99			
3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

DORIS NESTOR BOM JUAN THABARA		Controle em: 18/12/99			
3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

Raça: PROCUZA

DORIS NESTOR BOM JUAN THABARA		Controle em: 18/12/99			
3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

Nome da vasa

Idade Dias
G.B. e/ou Lacta. Na lacta. No cont.% Gord.

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

LUIZ NESTOR BOM JUAN ESTRELA		Controle em: 18/12/99			
3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

DORIS NESTOR BOM JUAN THABARA		Controle em: 18/12/99			
3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

DORIS NESTOR BOM JUAN THABARA		Controle em: 18/12/99			
3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

DORIS NESTOR BOM JUAN THABARA		Controle em: 18/12/99			
3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

DORIS NESTOR BOM JUAN THABARA		Controle em: 18/12/99			
3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

DORIS NESTOR BOM JUAN THABARA		Controle em: 18/12/99			
3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

DORIS NESTOR BOM JUAN THABARA		Controle em: 18/12/99			
3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

DORIS NESTOR BOM JUAN THABARA		Controle em: 18/12/99			
3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

DORIS NESTOR BOM JUAN THABARA		Controle em: 18/12/99			
3 crêchens. 00000000	243 PO	47 A	38	763	26.7 4.34
4 crêchens. 00000000	271 PO	47 A	43	761	25.8 4.20

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

Continuação de pag. 79

uma ilusão se ele adotar a tecnologia - os dados mostram isso - ele vai aumentar a produtividade e, com isso, vai baratear o custo de seu produto".

Produção

A situação do abastecimento de leite no País ainda é beira do desastre. A cada ano que passa, o País impõe mais fardo. O rebanho nacional é dos maiores do mundo, mas produção e produtividade deixam muito a desejar. Os números mostram uma diferença muito grande entre países desenvolvidos e o Brasil. Enquanto a média do subúrbio de Israel (maior produtividade do mundo) é de 6.278 kg./uma vaca, o Brasil, produz, por ano, cerca de 700kg. Esses estatísticos são da FAO, que ainda cita números como a produção por vaca nos Estados Unidos, 6.046kg, e na Argentina, 2.116kg. O Brasil tem menor produtividade na América Latina e ocupa o 106º lugar do mundo.

Airtem se ajuda em levantamentos feitos pela área de economia do CENPL, para planejar qual será o preço que a produção brasileira tenha um crescimento da ordem de 5% ao ano, na próxima década, para atender a demanda prevista para o ano 2000, que está situado entre 30 e 33 milhões de litros por ano. Misturando-se, a produção tem crescido na faixa de 3,5% ao ano. Este crescimento só deve ser incorporado de novos insumos ao rebanho, à expansão de

concentrado (como se ficassem mal acostumadas) isso torna a produção antieconômica. "Essa quantidade de ração - prosseguem Airden - é inferior a quantidade que os criadores utilizam. Pelo fato de terem pastagens ruins, eles tentam compensar no concentrado, mas nem sempre o concen-
trado substitui um bom volume de

Adoção de tecnologia

Ardem considera que o problema da adoção da tecnologia depende de determinação em nível político. As tecnologias, de um modo geral, são simples. O produtor que nos visita concorda que pode fazer o que se vê no centro de pesquisa em sua propriedade mas não está havendo uma assistência técnica que libere a fronteira agrícola e não ao uso de tecnologias que garantam aumento de produtividade de rebanho.

Mudanças

Aidem concorda que reverter esse quadro não é muito fácil. Para ele, fatores como mau planejamento, falta valorização das terras junto aos grandes centros consumidores, vão favorecer o esparcimento de sistemas intensivos com a formação de robôzinhos de raça pura e emprego de alta tecnologia. Mas Aidem pondera que ainda há muito espaço para criação de gado misto, como acontece atualmente na maioria das fazendas. Essa opção se justifica primeiro pela carência de recursos por parte dos fazendeiros que estão descapitalizados e pela limitação topográfica que dificulta a implantação das pastagens. Sem dúvida,

gada puro que é mais sensível à criação, ainda pode intensificar o uso da terra.

Audren aponta os sistemas de produção elaborados pela EMBRAPA como o melhor opção para os criadores que querem sair do estagio tecnologico em que se encontram adotando tecnicas mais eficientes para producao de leite antes que sistemas intensivos tomem conta do mercado e so deixem espaco para o outro extremo: aquele produtor que adota nivel zero de tecnologia e que contribui muito pouco para o abastecimento dos grandes centros consumidores.

Intensificação

Como produtor de leite ganha em eficiência quando há concentração de grandes volumes numa só propriedade e a atividade começa a atrair capitais urbanos que montam grandes fazendas administradas empresarialmente com vacas de raça pura e grande potencial produtivo. Para conhecer adequadamente a tecnologia dos sistemas intensivos e atender a demanda de informações nesta área a EMBRAPA adquiriu um rebanho Holandês preto e branco de alta linhagem Inibitor de mástax, importância que já começa a mostrar sua força na produção de leite: as 90 vacas que deram cria primeira cria quando a produção é menor estão com média da produção em torno de 28kg/dia, 40 vezes superior, a média nacional.

ASSESSORIA DE IMPRENSA/ SETOR
DE DIFUSÃO DE TECNOLOGIA/
EMBRAPA/CNPQ

Se você não quer o chifre de sua vaca na prole...

AQUINO (0182) 33 9088



LINDÓIA-Fêmea 14 meses - 320 kg

Hebreu da GR

Gerbers do Buracão — Binag POI de Prud.
Viuva Alegre
Inédita



BV N. AKANAGPUR I-Macho 16 meses - 423 kg

Hebreu da GR

N. Akanagpur I de Prud.
(Binag POI)
R. Madura I POI de Prud.
R. Madura II de Prud.
(Nagpur Imp.)
Inédito



LUMA-Fêmea 14 meses - 341 kg

Hebreu da GR

Taj Mahal Imp.
Behl — Hipócrita
1º Prêmio P. Prudente 89
2º Prêmio Marília 89



LUSIADA-Fêmea 13 meses - 310 kg

Hebreu da GR

Positivo (Taj Mahal Imp.)
Abema — Erva
1º Prêmio Marília 89

PROGÊNIE HEBREU DA GR

Filhos de vaca Nelore Padrão



LUCINA-Fêmea 15 meses - 332 kg

Hebreu da GR

Taj I
Marajoara da Pagador — Argelina (Marduk Imp.)
Inédita



LANTERNA-Fêmea 17 meses - 392 kg

Hebreu da GR

Oullombo
Açai — Hesitante da JU
3º Prêmio P. Prudente 89
2º Prêmio Marília 89

Você quer HEBREU da GR

Porque Hebreu, além de 100% mocheiro, é um excepcional raçador, transmitindo ainda à sua prole suas características mais marcantes como comprimento de garupa, linha de dorso, anca reta e altura. Confira e confirme você também.



FAZENDA BOAVISTA

Cx. Postal 231-F. (0182) 33-3854 PRES. PRUDENTE

*MOCHEIRO
100%*

Gratuito a venda na Tábua
1140 (0182) 33 4533

CAMPEÃO DOS CAMPEÕES

89



O CAVALO MAIS
PREMIADO
DO BRASIL

•HERDADE NERO•

HERDADE COBRE
HERDADE ALTEROSA

*Herdade
Nero*



Fazendas
REUNIDAS
BELO HORIZONTE

ROD. BR. 104 KM 262 TEL.: (075) 731-1482
SANTO ANTONIO DE JESUS - BA